MESTRADO EM SOCIOLOGIA

A religião e o trabalho: uma análise sociológica sobre o Opus Dei em Portugal

Rúben Miguel Elias Tomé

M

2019/2020

Rúben Miguel Elias Tomé

A religião e o trabalho: uma análise sociológica sobre o Opus Dei em Portugal

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia orientada pela Professora Doutora Helena Carlota Ribeiro Vilaça

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Junho de 2020

O luto será sempre aquilo que quisermos fazer dele

Por vocês e com vocês,

Os meus santos, Rosa e Joaquim

Sumário

Declaração de honra **7**

Agradecimentos **8**

Resumo **10**

Abstract **11**

Índice de Figuras **12**

Índice de Tabelas **13**

Introduzindo um chamamento 14

Capítulo 1 – O Catolicismo sociologicamente falando 18

1.1 A função social do catolicismo 18

1.2 Catolicismo em Portugal 22

1.3 Diversidade do Catolicismo 27

1.3.1 Secularização 28

1.3.2 O catolicismo dos conservadores, liberais e carismáticos 32

1.4 A ética protestante de Max Weber 36

1.4.1 Ética de trabalho e conceito de vocação 36

1.4.2 Distinção entre Igreja e Seita 37

Capítulo 2 – O caso especial do Opus Dei 40

2.1 As origens: fundador Josemaria Escrivá 40

2.2 História e principais características do Opus Dei 43

2.2.1 Constituição do Opus Dei 51

2.2.2 Estrutura do Opus Dei 53

2.3 Opus Dei em Portugal 55

2.4 Santificação do trabalho: conceito idealizado 62

Capítulo 3 – O processo metodológico 67

3.1 Caracterização da amostra 70

3.2 Guião de entrevista 71
3.3. Aplicação das entrevistas 72
3.4 Análise das entrevistas 73
Capítulo 4 – Conhecer um Opus Dei à vista de todos 74
4.1 Questões identitárias 74
4.1.1 Caracterização dos entrevistados 74
4.1.2 Representações do Opus Dei 76
4.1.3 Pontapé de saída na Obra 83
4.1.4 Situação pessoal dentro da Obra 87
4.2 Um dia marcado pela santidade 90
4.2.1 Viver individualmente a vocação universal 90
4.2.2 Contexto familiar 94
4.3 Santificação do trabalho 97
4.3.1 Como é que os membros do Opus Dei o definem 97
4.3.2 Relação com o protestantismo 103
4.3.3 O espírito da Obra nas relações humanas 105
Considerações finais 107
Referências bibliográficas **..... 112**
Anexos **..... 119**
Anexo 1 – Estrutura do Opus Dei 119
Anexo 2 – Excerto da entrevista a Monsenhor António Barbosa 120
Anexo 3 – Decreto da nomeação de Monsenhor José Rafael Espírito Santo como Vigário Regional de Portugal 121
Anexo 4 - Guião de entrevista semiestrutura exploratória 121
Anexo 5 – Guião de entrevista semiestruturado aplicado 124
Anexo 6 – Grelha de análise das entrevistas 128

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação de mestrado é da minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição.
As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 25 de junho de 2020

Rúben Miguel Elias Tomé

Agradecimentos

Tudo começa com uma folha em branco, que aos poucos vai sendo preenchida por caracteres, que depressa se tornarão palavras, dando seguimento a frases que juntas formam parágrafos, os mesmos que estarão explanados em vários capítulos. As pessoas às quais aqui agradeço podem ser equiparadas aos caracteres, que sem eles não tinha conseguido chegar até ao final. A todo o departamento de sociologia da FLUP, o meu sincero agradecimento. À minha orientadora, uma professora que desde a primeira hora mereceu a minha admiração, não só pela qualidade das suas aulas, mas também pela ajuda prestada durante todo este processo. Este trabalho não aconteceria também sem o contributo dos participantes do presente estudo, tendo privado com pessoas extremamente bondosas e amigáveis, deixando aqui a minha gratidão. Aos que comigo ultrapassaram a barreira da inocência, que juntos crescemos e partilhamos inúmeras histórias: Rita, Tiago, Mário, Sofia, Andreia e Inês.

Um agradecimento especial à Praxe de Sociologia, um grupo que estará para sempre em 1º e no meu coração. A quem me recebeu na faculdade num primeiro momento, o meu obrigado: Adriana, Francisco, Jéssica, Nuno, Ricardo, Lídia e Andreia. Em especial, ao Rui, a pessoa que escolhi para me acompanhar nesta jornada. E, a todos os que ajudei a dar os primeiros passos na faculdade, o meu também obrigado pelo privilégio de vos ter acompanhado: Ana Isabel, Ana Rita, Ângela, Catarina, Flávia, Inês, Maria, Marta, Rita, Ana, Ana Rita, Carolina, Catarina, Fátima, Filipa, Francisca, Gonçalo, Marco, Margarida, Mariana, Marta, Alexandra, Ana Margarida, Beatriz, Beatriz, Carlota, Cátia, Clara, Constança, Daniela, Flávia, Gonçalo, Inês, Jorge, Manuel, Matilde, Raquel, Ricardo, Ana Rita, Beatriz, Filipa, Francisca, Joana, Mariana, Mariana, Nicole e Rita. Houve também tempo para apadrinhar a Cátia, a Marlene e a Sara, às quais também agradeço, sou um sortudo em vos ter conhecido. Agradecer também àqueles que comigo extrapolaram salas de aula e vivenciaram momentos incríveis: a ti Beatriz, a ti Francisco, a ti Sofia, a ti Lúcia e a ti Andreia.

À minha família, pois sem o apoio de cada um, não teria sido possível. Em especial, à minha mãe, um ser humano incrível que nunca deixou que me faltasse nada. Se hoje posso celebrar a condição de mestre, se hoje posso ambicionar um doutoramento foi porque ela o permitiu, sempre esteve lá, desde as más notas a Estudo do Meio até às boas notas em Sociologia. Dizer-te obrigado é pouco, minha mãe, por tudo o que fizeste, fazes e que continuarás, certamente, a fazer por mim.

Por fim, a base desta estrutura, o amor da minha vida, a minha Filipa. Não foi uma jornada fácil, sem o teu sorriso em momentos chave, sem a tua voz no início de cada capítulo, terminar esta dissertação teria sido uma miragem, portanto, ela é tua também.

Resumo

Apesar da Igreja Católica ser comummente percecionada como um ramo do cristianismo unificado e homogéneo, ele é internamente diversificado, agregando diferentes grupos com características, objetivos e visões profundamente diferenciados.

Esta investigação pretende estudar um desses grupos: o Opus Dei. Sendo esta instituição hierárquica e pontifícia considerada por muitos setores da sociedade como um movimento fechado, conservador e elitista, este estudo pretende alcançar um conhecimento mais aprofundado desta organização, rompendo com algumas representações assentes no senso comum, produtoras de discursos estigmatizantes.

Concretamente, o objeto desta dissertação de mestrado incide numa análise sociológica de um dos elementos centrais do Opus Dei: o trabalho e a ética nele implícita, analisando a perceção dos atores deste grupo acerca da máxima da santificação do trabalho e como tal aspeto, se projeta nas suas práticas profissionais, familiares e quotidianas, na atual fase da modernidade e contexto português. Ao nível nacional, existe uma maior representatividade dos membros do Opus Dei nas áreas metropolitanas de Porto e Lisboa, focando a presente análise em residentes dessas mesmas áreas.

No plano teórico, terá toda a centralidade a produção sociológica sobre o catolicismo e a análise weberiana de ética de trabalho. O desafio a que este trabalho se propõe consiste em cruzar uma ética de trabalho de uma instituição reconhecidamente como católica romana e aquela que Max Weber identifica como uma ética protestante. No decurso deste processo, outros fenómenos serão abordados, caso da secularização e da existência de uma diversidade no interior do catolicismo. Em termos empíricos, será utilizada uma metodologia qualitativa, privilegiando assim a qualidade ao invés da quantidade de dados recolhidos. Deste modo, recorrer-se-á à análise documental e à entrevista para obter as informações pretendidas.

Palavras-chave: Opus Dei; santificação; ética de trabalho; Prelatura Pessoal.

Abstract

Even though the Catholic Church is commonly perceived as a Branch of an unified and homogeneous Christianity, it is internally diverse, bringing together different groups with profoundly differentiated characteristics, goals and views.

This investigation aims to study one of these groups: Opus Dei. Being this hierarchical and pontifical Institution considered by many sectors of society as a closed, conservative and elitist movement, this research intends to have a deeper knowledge of this organization, breaking with some common sense representations that produce stigmatizing discourses.

Specifically, the object of this Master's dissertation is a sociological analysis of one of Opus Dei's central elements: the work and ethics implicit in it, analysing how the actors in this group perceive the maxim of the sanctification of work, and how it projects itself into their professional, family and daily practices, in the current Portuguese modernity and context. At the national level, there is a greater representation of Opus Dei's members in the metropolitan areas of Porto and Lisbon, and the present analysis will target the residents of those same areas.

On the theoretical side, sociological production on Catholicism and Weberian analysis of work ethics will be the central focus. The challenge of this work is to cross a work ethic of an institution recognized as Roman Catholic with the one which Max Weber identifies as a Protestant ethic. In the course of this process, other phenomena will be addressed, such as secularization and the existence of diversity within Catholicism. In empirical terms, a qualitative methodology will be used, thus favouring quality rather than quantity of the collected data. In this way, we will resort to the documentary analysis and the interview in order to obtain the desired information.

Keywords: Opus Dei; sanctification; work ethic; Personal Prelature.

Índice de Figuras

Figura 1 - Organização eclesiástica da Igreja Católica Portuguesa..... 26
Figura 2 - Organograma do Opus Dei 53
Figura 3 - Distribuição geográfica dos participantes 76
Figura 4 - Situação pessoal dos entrevistados..... 88

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Autoridade primária nos tipos de Cristianismo tradicional (pré-moderno).. 33
Tabela 2 - Autoridade primária nos tipos de Cristianismo no Mundo moderno 33
Tabela 3 - Início do trabalho do Opus Dei nos diversos países 48
Tabela 4 - Lista dos Vigários Regionais em Portugal 58
Tabela 5 - Caracterização da amostra 74

Introduzindo um chamamento

O presente trabalho de investigação é realizado no âmbito do mestrado em sociologia, e sob o qual é aplicada uma metodologia qualitativa. A partir de uma abordagem da sociologia das religiões, irá ser analisada a influência da religiosidade e princípios doutrinários de determinado grupo no cumprimento da sua ética de trabalho. Nas sociedades modernas, o trabalho posiciona-se como um dos instrumentos que conferem à sociedade uma certa ordem social. A sua importância é analisada sob vários aspetos por Anthony Giddens (2013), assim como por outros autores, caso de André Gorz. Contrariamente a Giddens, Gorz aborda a importância do trabalho, embora a sua análise incida sobre um decréscimo dessa mesma importância para os indivíduos (Gorz, 1982 cit. por Giddens, 2013). Por conseguinte, a religião pode ajudar na definição desta relação entre o trabalho e o indivíduo, acautelando possíveis desigualdades, divisões e relações laborais (Ramos, 1992 cit. por Rodrigues, 2007), aspeto que vai ao encontro dos objetivos a que esta dissertação se propõe.

O estudo de uma instituição como o Opus Dei[1], isto é, Obra de Deus, foca essa mesma análise, procurando medir qual a importância que a religião assume no trabalho. O escrutínio desta mesma instituição, incide sobre a composição e realidade sociológica que esta comporta. O seu fundador, S. Josemaria[2] encarava essa indagação com toda a naturalidade, esclarecendo, no entanto, que a curiosidade generalizada face ao Opus Dei é fruto da diversidade populacional visível no interior da Prelatura, com pessoas de todos os quadrantes da sociedade, desde "homens e mulheres, clérigos e leigos, velhos e jovens, solteiros e casados, universitários, operários, camponeses, funcionários,

[1] O termo "opus" tem origem latina, sendo um termo neutro. Na língua portuguesa os termos neutros derivam para o masculino. Como tal, na presente investigação, sempre que se designar o termo "Opus Dei será sob a forma masculina de "o Opus Dei". Por outro lado, sempre que se queira proferir os termos "instituição", "organização", "Prelatura Pessoal" ou "Obra" estes serão invocados no feminino, isto é, "a instituição", "a organização", "a Prelatura Pessoal" ou "a Obra".
In Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/controversias/o-opus-dei-os-ctt-o-montepio-e-os-clubes-com-o-nome-no-feminino/865 [consultado em 26-05-2020]

[2] Ao longo do presente trabalho, a menção a Josemaria Escrivá de Balaguer será feita como "S. Josemaria", fruto do processo concluído a 6 de outubro de 2002 que elevou Josemaria Escrivá à condição de Santo pelo Papa João Paulo II através da seguinte bula e que se encontra disponível no endereço https://opusdei.org/pt-br/article/bula-da-canonizacao-de-josemaria-escriva/

pessoas que exercem profissões liberais ou que trabalham em instituições públicas" (Entrevistas a S. Josemaria[3], 2019, p.44). Pelo que, o estudo desta mesma realidade sociológica é o pretendido nesta investigação, aferindo a perceção que alguns dos seus membros comportam e a valoração que os mesmos preconizam no seu dia a dia face a um propósito, o de viverem a santidade e de se santificarem através do seu trabalho.

A idealização desta dissertação surge por via de duas grandes motivações afetas ao próprio investigador. Por um lado, surge de um traço de personalidade e que expressa o gosto pelos mistérios, potenciando a possível ignorância que esse interesse pode trazer face ao conhecimento real das instituições e dos indivíduos que as compõem. Isto é, o primeiro contacto, de forma indireta, que o investigador teve para com a instituição que irá estudar foi semelhante ao que muitos outros agentes sociais tiveram, através de uma produção cinematográfica ou em formato escrito, através de um livro no qual essa mesma organização é mencionada e caracterizada. Entre os vários momentos dessa mesma caracterização, pode ler-se de seguida o primeiro parágrafo do livro que faz essa mesma descrição:

> *"A quilómetro e meio dali, Silas, o corpulento albino, atravessou a coxear o portão de uma luxuosa mansão de arenito castanho-avermelhado situada na Rue La Bruyère. O cilício que usava em torno da coxa esquerda cortava-lhe a carne, mas apesar disso a alma dele cantava de satisfação por servir o Senhor"* (Brown, 2003, p.24).

Relativamente à segunda motivação, ela emerge da cientificidade que a sociologia transporta para a compreensão da realidade social, fomentando uma certa perspetiva sociológica sobre os fenómenos sociais. Ou seja, "um dos procedimentos típicos da sociologia é o de colocar os factos em estudo no seu contexto social" (Costa, 2009, p.21), desbravando desse mecanismo a consequente análise sociológica e que "está particularmente atenta às razões que os indivíduos dão para aquilo que fazem" (Ibidem, p.21). Com isso, esta dissertação não procura ser um trabalho cáustico, historiográfico ou intrusivo no que à experiência da fé destes intervenientes diz respeito.

[3] Entrevista para a Palabra (Madrid) realizada pelo jornalista Pedro Rodriguez em outubro de 1967 (In Entrevistas a S. Josemaria, 2019, p.44).

Portanto, a análise realizada assenta numa perspetiva sociológica da instituição do Opus Dei e sob um aspeto muito específico da mesma, a santificação do trabalho e a perceção de que os seus indivíduos têm da mesma.

Sendo o meu objeto de estudo a instituição hierárquica da Igreja Católica, Opus Dei, o seu foco será direcionado para a ética de trabalho da instituição, nomeadamente, para a santificação do trabalho. De modo a que, no final da investigação, o objeto de estudo seja compreendido, definiu-se um conjunto de objetivos gerais e específicos, que contribuirão para alcançar o conhecimento pretendido. Sendo assim, os objetivos gerais são:

1) Enunciar as representações dos atores do Opus Dei sobre o seu lugar dentro da Igreja Católica;
2) Confrontar a ética protestante de Max Weber com o conceito de santificação do trabalho aplicando-o à prática profissional dos membros do Opus Dei.

Os objetivos gerais acima referidos irão ser alcançados com o decorrer da investigação, contribuindo também para que se consiga explicar outros pontos, também eles importantes. Esses serão os objetivos específicos, explanados de seguida:

1) Compreender a importância dos princípios do Opus Dei no quotidiano dos seus associados, nomeadamente, no seu núcleo familiar;
2) Apresentar os perfis profissionais de alguns membros do Opus Dei;
3) Analisar eventuais traços sectários do Opus Dei, enquanto grupo da Igreja Católica, face à ética protestante e tendo por base as conceções weberianas;
4) Esclarecer as semelhanças ou dissonâncias entre os cristãos protestantes e os ideais do Opus Dei.

Relativamente à estrutura, esta dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos, onde o primeiro centra o seu conteúdo no catolicismo, não objetivando daí uma contextualização histórica, aprofundada e minuciosa sobre o mesmo. Este capítulo procura trazer contributos específicos e concisos no que ao fenómeno diz respeito, articulando o catolicismo, no seu sentido mais doutrinal com aquele que poderá ser um

sentido mais social e que é visível na sociedade. É, portanto, uma opção metodológica, abordar uma vertente mais social e não tanto estrutural do catolicismo, pois será essa visão que aproximará o leitor da realidade objetiva verificada no estudo da presente instituição.

Por conseguinte, o segundo capítulo oferecerá um conhecimento da instituição estudada, a Prelatura Pessoal do Opus Dei. Neste capítulo, serão vários os pontos a ser tidos em conta, desde a figura central da Obra, o seu fundador, o percurso histórico, mundialmente e em Portugal. O capítulo termina com a análise do que significa a santificação do trabalho, ao abrigo da visão da própria instituição.

No terceiro capítulo verifica-se a descrição de toda a metodologia e técnicas de investigação utlizadas, percecionando aquele que foi o desenho investigativo que foi idealizado pelo investigador e sob o qual orientou a sua pesquisa e procedimentos realizados até ao produto final.

O quarto capítulo diz respeito ao tratamento e análise das informações recolhidas através a da aplicação das entrevistas. Neste ponto, a incorporação de excertos dos entrevistados resulta num conhecimento aproximado e próximo àquele que é sentido e vivido pelos próprios.

Por fim, são apresentadas as principais constatações identificadas pelo investigador e que servirão para responder a uma série de objetivos que o próprio formulou no início, sem que estas fossem vinculativas de todo e qualquer conhecimento adicional que pudesse surgir no decurso da investigação.

Capítulo 1 – O Catolicismo sociologicamente falando

1.1 A função social do catolicismo

Iniciar este capítulo abordando o caráter funcionalista do catolicismo parece um pouco redutor, dado que este representava para muitos países, nomeadamente, Portugal a religião do seu reino. Rita Mendonça Leite (2009, p.51) afirma que "a definição do catolicismo como religião do Estado português era entendida no ambiente católico como representação da legalidade, da segurança e da legitimidade". Quer isto dizer, que se torna legítimo pensar numa governação nacional onde o Regime e a Igreja representavam duas faces da mesma moeda, face ao relevo que a religião sempre assumiu junto da esfera pública e social.

Face este contexto passado, importa esclarecer esta relação entre religião e sociedade. Será a religião um fenómeno que emana do associativismo e convergência social ou pode-se ver na religião um mundo paralelo e desconexo do social? Como nos sintetiza Fernandes (2008), a teoria durkheimiana enquadra-se no primeiro eixo de análise, onde a religião se assume como um produto da convergência social e pode esta ser verificada nas mobilizações que vão ocorrendo. Quer isto dizer que "o estado de efervescência produz um estado-processo psico-social capaz de dar origem às religiões (…) em que as pessoas adquirem um autêntico entusiasmo religioso" (Fernandes, 2008, p.95).

A construção de uma sociedade, como se de um puzzle se tratasse consiste na junção de uma série de partículas, que em relação umas às outras formam as dinâmicas sociais que se vê no dia a dia dos indivíduos. O conceito de partículas para definir aquilo que envolve a sociedade não é algo lato e que consiga ser explicado de uma forma retilínea. Pode-se incluir neste espectro as pessoas, os bens materiais, a cultura, entre muitos outros aspetos que contribuem para a constante oscilação do sistema social. Por conseguinte, o que vai medir a importância de uma determinada partícula, de um

determinado elemento que compõe a sociedade é a função que lhe é conferida e a amplitude que esta assume na realidade social. Nesse caso, utilizou-se a metáfora da partícula, para se enquadrar o papel da religião, mais concretamente, do catolicismo na sociedade. Ou seja, a religião é mais uma partícula que contribui e solidifica a sociedade do ponto de vista identitário, onde durante séculos, a homogeneidade cristã e romana era inquestionável na Europa, principalmente, no ocidente europeu.

A função social que a religião que ocupava na teia social era inequívoca (Voyé; Dobbelaere, 1994), principalmente em sociedades e modos de vida social simples, sem processos e dinâmicas complexas. Ora, do ponto de vista sociológico, a análise funcional do catolicismo revela-se fulcral, pois existiram mudanças que afetaram a vida dos agentes sociais a vários níveis. Recentemente, foram recolhidos dados referentes a 2018 no estudo *Being Christian in Western Europe*, levado a cabo pelo Pew Research Center onde era percetível traços de uma secularização do ocidente europeu. Apesar disso, subsiste nestes países ocidentais, um forte sentimento de pertença com a religião cristã identificação cristã (cit. por Vilaça e Oliveira, 2019, p.48-50). Nesse estudo, Portugal chega mesmo a ser o país onde a percentagem de pessoas que se identificam como cristãs é mais elevada, perfazendo uma percentagem de 83%.

O argumento que se equaciona não é a possível disfuncionalidade que a modernidade trouxe ao catolicismo, mas sim em perceber como é que as instituições eclesiásticas procuraram reformar-se com vista a retomar a importância social que outrora usufruíam na teia social, onde novas e diferentes formas de viver a religião têm emergido dentro do ocidente europeu.

A discussão subsiste no ponto em que a secularização está associada a um processo de racionalização ao surgimento de novos subsistemas e uma diferenciação de funções. Tal aspeto relacionado com o desenvolvimento científico tende a provocar uma descredibilização da religião. A conceção de crença religiosa perde importância social à medida que se vai difundindo uma imagem mundana de Cristo, surgindo novas formas de espiritualidade às quais os indivíduos se vão agarrando. Quer isto dizer, que se vai verificar um decréscimo da religiosidade e um aumento da espiritualidade, aumentando o número de agnósticos e de ateístas (Voyé; Dobbelaere, 1994). Apesar disso, o

catolicismo continua a ter uma importância e presença bastante vincada no continente europeu, onde "os seus edifícios sacralizam os espaços, fazendo parte de roteiros culturais e religiosos, atraindo tanto crentes como turistas e residentes pela sua arquitetura e arte sacra, e pelos eventos culturais que acolhem, como os concertos de música clássica ou contemporânea" (Vilaça e Oliveira, 2019, p.203).

Mas, essa presença não se faz sentir apenas nas suas igrejas e catedrais. O catolicismo continua ativo e participativo na prossecução e manutenção de regimes democráticos, quer pela via institucional, quer por inúmeras personalidades que através da sua voz vão mantendo o catolicismo bem presente junto da opinião pública. Apesar de se denotar um afastamento por parte dos mais novos em abraçar e apoiar as causas, ações e movimentos cristãos, esse contributo continua a existir e a ser mais visível junto dos países da Europa de Leste (Voyé; Dobbelaere, 1994). Tal indicador não representa um distanciamento do catolicismo na Europa Ocidental, apenas que o contexto político-ideológico vivido na região do leste europeu requer um trabalho social mais sistemático e rotineiro por parte da Igreja. Não está a ser rotulado nenhum interesse político por parte da Igreja, apenas o bem-estar dos cidadãos católicos que residem nessas zonas de instabilidade política e social (Voyé; Dobbelaere, 1994).

Os contextos do oriente e do ocidente europeu modificam aquela que poderá ser a principal função do catolicismo e do cristianismo, em geral. Se, como nos mostrou Dobbelaere, as "lutas" no Leste serão no estabelecimento de regimes democráticos, o cenário no ocidente é distinto. Nos países ocidentais e mais secularizados, o principal desafio consiste em recolocar o catolicismo na vida dos indivíduos que, atualmente, vivem em contextos marcados pela individualidade e privatização da fé. Tal indicador, vai ao encontro do que o sociólogo francês Émile Durkheim afirmava, que a religião perde força, porque os indivíduos não se mobilizam para a conservar. Não havendo efervescência coletiva, fica difícil manter a religião na órbita social, sendo que, neste caso, Durkheim não se referia a uma religião específica, mas à crença de uma forma generalizada. Este referia que o que aproximava os indivíduos não eram as suas diferentes crenças religiosas, mas sim os pontos em comum que encontravam em cada uma delas, protagonizando uma mobiliação social e conjunta (Durkheim, 1987). Ora,

quando os indivíduos se restringem à sua individualidade e não interagem com o próximo, a essa efervescência coletiva não se desenvolve.

Por conseguinte, sendo certo que se possa aferir um certo enfraquecimento, torna-se um pouco redutor e uma análise superficial qualquer tipo de ilação retirada. Quer isto dizer que, os tempos atuais podem contemplar não uma mobilização coletiva, mas uma efervescência mais individualizada, sem que isso seja sinónimo de enfraquecimento da religião na esfera pública.

Bryan Wilson (1966), reforma mesmo essa ideia, de que a Igreja continua a representar um vetor importante no que diz respeito à ordem institucional. A Igreja acaba por oferecer um sentimento de pertença e de mobilização de lutas sociais. Exemplos disso, são as assembleias e conselhos das igrejas que promovem um poder moral revestido de uma consciência e pensamento coletivo. Apesar disto, as ações católicas não são passíveis de serem administradas em contexto político. Ou seja, em termos oficiais e jurídicos, a Igreja não fará nem afetará qualquer decisão política seja em que país for. Esta, fazendo-se representar pelo seu líder máximo, a figura papal terá, isso sim, uma determinada posição oficial sobre algo que esteja diretamente relacionado com a sociedade e que, de forma direta ou indireta, irá refletir-se na vida dos seus fiéis.

Então, o que estará a ser refletido será a forma como a Igreja atua e de que forma o catolicismo cultiva e semeia a sua doutrina na sociedade atual. Deste modo, pode-se proceder à sua análise com base em dois prismas, o lado simbólico e o lado doutrinal. Relativamente ao simbolismo da sua atuação, esta é a forma mais natural e sedimentada nas pessoas. Esta depende de como o indivíduo vai apreender os valores do catolicismo. Mas, uma vez interiorizados esses valores é algo que acompanhará o indivíduo durante toda a sua vida, salvo algumas exceções que culminam em conversões, mas onde a fé não desaparece. Exemplo disso são todos aqueles e aquelas, desde os mais jovens aos mais seniores, que sem se aperceberem, nas suas ações rotineiras estão a ir ao encontro dos valores e mandamentos cristãos e católicos. Se estamos perante uma ação deliberada? Do ponto de vista sociológico, pode-se rotular tal cenário como um ato irrefletido, fruto da passagem por um processo de socialização que vai desde a

frequência da missa até à utilização de expressões populares oriundas e com fundamento religioso, como por exemplo: “Ai, meu Deus!”, “Deus me valha” ou “Graças a Deus”. Relativamente ao lado doutrinal, este consiste em revestir o agente de um profundo conhecimento teológico, potenciando uma vida de causas religiosas e espirituais. Neste caso, está-se perante pessoas profundamente devotas e que por vontade própria gostam e procuram aumentar o seu conhecimento do ponto de vista espiritual.

1.2 Catolicismo em Portugal

Falava-se da função social do catolicismo, sendo Portugal um dos exemplos mais claros e imediatos da Europa dessa mesma funcionalidade existente. A relação do país com a fé, nomeadamente, católica é um dado de observância imediata. Tal facto só é possível devido à história desta nação, que desde a sua fundação sempre foi conhecida como uma nação católica. Contudo, a discussão em causa não passará por fazer um retrato histórico da nação portuguesa, mas sim em demonstrar uma mudança estruturo-organizacional muito profunda na sua realidade social. Isto é, Portugal viveu mais de setecentos anos num regime monárquico e numa organização social onde o papel e notoriedade da Igreja Católica eram encarados como se de um dogma se tratasse, mas onde a entrada no século XX alterou por completo tal paradigma.

A instauração da Primeira República, em 1910 fez com que a grande maioria dos poderes e privilégios fossem retirados à Igreja. Por esta altura, o protagonismo da entidade eclesiástica era associado a séculos de monarquia, onde o Estado e a Igreja lideraram os destinos da nação de forma autoritária e unilateral, concentrando em si todos os poderes e destinos do país. Face a este contexto verificado e após a instauração do regime salazarista, bem como a consequente elaboração do documento constitucional que servia o Regime, a Igreja continuou a ver-se privada dos seus bens e benefícios, assim como de uma descredibilização social. Por conseguinte, deve-se

mencionar a Ação Católica Portuguesa, um movimento importante para o catolicismo em Portugal. Este surge com o propósito de promover a manutenção e o enraizamento do catolicismo junto da sociedade civil (Vilaça e Oliveira, 2019). É, portanto, através da Ação Católica Portuguesa que a Igreja Católica vai procurar alterar a imagem enfraquecida dos tempos da Primeira República, chegando mesmo a tornar-se no principal instrumento apostólico do Estado, desde 1933 (Fontes, 2011).

Contudo, face aos interesses da nação e ao caminho que António de Oliveira Salazar pretendia levar a cabo, foram abertas conversações entre o Regime e a Igreja Católica, mas onde algumas nuances continuavam a ser acauteladas pelo líder da nação portuguesa. Nessa medida, a 7 de maio de 1940, o Estado português e a Santa Sé celebraram, em Roma, o Acordo Missionário e a Concordata (Cruz, 1998) que vieram acautelar um certo impasse que se ia verificando. Nesses documentos, ficou acordado que "o Estado seria laico, mas a sua laicidade não o impediria de reconhecer o especial papel da Igreja Católica e a sua missionação ultramarina" (Cruz, 1998, p.44). Tal afirmação é estruturante para que se perceba o contexto religioso português da época.

Nesse sentido, era possível verificar a laicidade portuguesa na separação económica e administrativa do país, mas onde prevalecia o país católico que nunca deixara de o ser, através de uma união moral (Cruz, 1998). O poder político e o poder religioso coabitaram assim, nesta dinâmica de separação, não desfazendo a historicidade nacional. Existe, portanto, uma simbiose entre o Estado Português e a Igreja Católica, sendo que ambas as partes assumem um compromisso e uma relação de interdependência. Enquanto que, a Igreja se compromete a alinhar com o Regime e a contribuir para a sua manutenção, este como compensação, restaura a liberdade religiosa que vinha sendo retirada à Igreja Católica desde meados do século XIX.

Apesar desta parcelar e visível restauração das liberdades religiosas, subsistia uma identificação nacional perante uma religiosidade católica, embora esta não correspondesse na sua íntegra a todos os cidadãos portugueses. Na investigação "Estudo sobre a liberdade e religião em Portugal" realizada pelo Instituto Português de Opinião Pública e de Estudos de Mercado, em 1973 e coordenada por Luís de França, ressaltam dois aspetos acerca da Concordata assinada em 1940 entre Portugal e a Santa

Sé. Então, o que o estudo nos diz é "que o «português médio» rejeita na Concordata duas formas de controlo social por parte da Igreja Católica: o ideológico, concretizado por via do ensino religioso, e o ético-sexual, exercido por intermédio da norma da indissolubilidade do matrimónio católico" (cit. Teixeira, 2019, p.39-43). Quer isto dizer, que a Concordata acarretava efeitos secundários perversos e que faziam da Igreja um mecanismo de controlo, em auxílio do Estado e do regime ditatorial.

A própria Ação Católica Portuguesa, que na sua génese serviria para recolocar a centralidade da religião católica, ao invés disso, fomentou nas suas instâncias organizacionais e dinâmicas sociais uma certa incursão por um afunilamento social e a criação de elites católicas. Ou seja, aquilo que a Ação Católica Portuguesa defendia e profanava no seu início foi contrário àquilo que foi realizando no seu dia a dia. Não só se tornou num "aliado" do Estado, como também procurou o seu crescimento através de "leigos supostamente mais esclarecidos e empenhados em questões da religião e da sociedade, (…) homens e mulheres provenientes dos mais diversos estratos socias, capazes de intervir qualificadamente nos vários setores da sociedade" (Fontes, 2011, p.310).

Perante este cenário, novos movimentos começam a proliferar na sociedade portuguesa. O seu surgimento não advém, necessariamente, da forma de atuação da Ação Católica Portuguesa, mas embora tal relação ajude à compreensão da emergência dos mesmos, onde é possível ver novos valores e novas formas de viver a religiosidade. Então, movimentos eclesiais, como é o caso do Movimento Focolares, desde meados dos anos 60 e das Comunidades Neocatecumenais, a partir de 1969 (Costa, 2006) têm-se manifestado na esfera religiosa portuguesa.

Nos anos 80, surgem outros movimentos não tanto ligados ao poder eclesiástico ou à questão laica, mas a uma nova dimensão espiritual, como é o exemplo da Comunhão e Libertação (cit. por Vilaça e Oliveira, 2019). Do ponto de vista sociológico, o contexto português de grande parte do século XX foi marcado pelo choque de duas grandes instituições, a Igreja e o Estado. A organização e estrutura social eram questões que quer Estado, quer a instituição religiosa reclamavam para si. Isto porque, com a revisão constitucional de 1951, a religião católica era definida "como «religião da Nação

Portuguesa», prevalecia uma conceção patrimonialista da cultura e uma visão interventora do Estado na educação" (cit. por Fontes, 2011, p.719).

Tal aspeto era criticado pela Igreja, que circunscrevia à ação do Estado uma forma autoritária de fazer sentir o seu poder, causando preocupações no seio religioso. Segundo a doutrina social da Igreja, o principal objetivo não deve ser só assegurar a educação dos indivíduos, mas sim o desenvolvimento humano, que vai desde a educação, à família e até mesmo à liberdade e doutrina religiosa (Fontes, 2011).

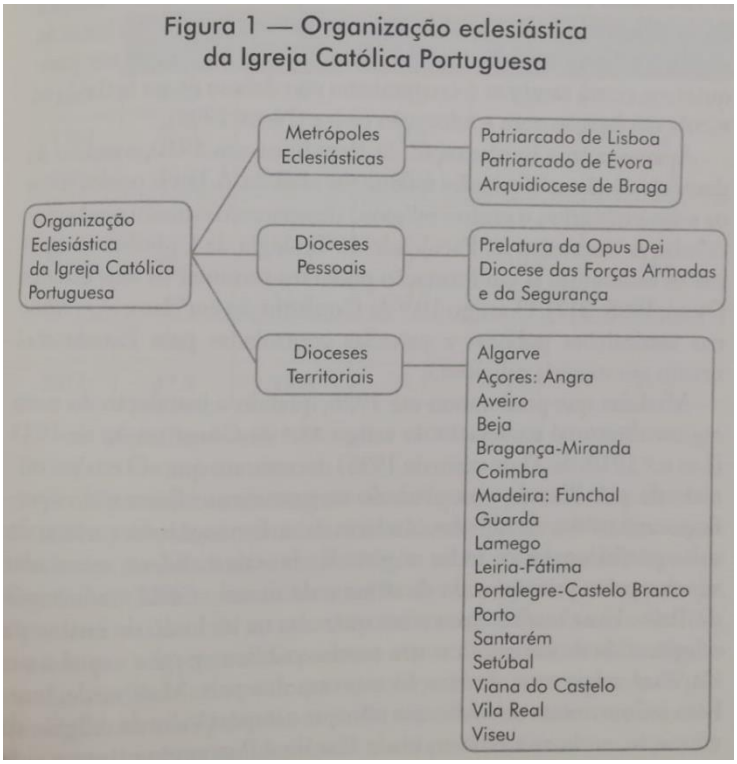
Com base nestas reivindicações irá assistir-se a um desenvolvimento e a um crescente interesse pela «sociologia católica», que segundo D. António Ferreira Gomes "implicava uma atenção redobrada aos novos e sucessivos fenómenos de massificação trazidos pelo mundo moderno (…) derivada das transformações resultantes da industrialização, da urbanização e do desenvolvimento dos meios de comunicação, com influência direta nas formas de vida urbana e modelos familiares, assim como das paulatinas mudanças no sistema de ensino, mas também da continuada situação de atraso vivida no mundo rural" (cit. por Fontes, 2011, p.717).

Nesse sentido, a segunda metade do século XX vai ser de esperança e de expectativa para o território português e para a Igreja Católica. Entre 1962 e 1965 realizou-se o Concílio Vaticano II, evento que despertava esperanças e enormes expectativas junto dos católicos portugueses, que ansiavam diretrizes de mudança episcopal (Cruz, 1998). "E esta ideia que vinha das pessoas, este sentimento de crença em algo diferente, não era só um sentimento espiritual ou teológico, mas sim algo concreto, uma mudança que se traduziu "no desvio do seu campo de ação para sociedade civil em detrimento da política" (Vilaça e Oliveira, 2019, p.153).

Relativamente à imagem organizativa do catolicismo em Portugal, pode ser vista através da seguinte figura, como se organiza a estrutura eclesiástica da Igreja Católica em Portugal, estando esta dividida em três grupos, as metrópoles eclesiásticas, as dioceses pessoais e as dioceses territoriais. Ao nível das metrópoles eclesiásticas, existe o Patriarcado de Lisboa, o Patriarcado de Évora e a Arquidiocese de Braga. Ao nível das dioceses pessoas, apenas se encontra o Opus Dei, até à data a única Prelatura Pessoal da Igreja Católica e com governo regional de Portugal, desde 1946 (Müller, 2004). Por

fim, as dioceses territoriais que albergam a maioria do território nacional e juntam o maior número de fiéis por todo o país.

Figura 1 - Organização eclesiástica da Igreja Católica Portuguesa



Fonte: (Vilaça e Oliveira, 2019, p.133)

No fundo, abordar a questão religiosa em Portugal consiste em pôr em prática um dos chavões da sociologia, a socialização. A nação portuguesa fundou-se e desenvolveu-se como uma nação católica, pelo que, esse fator estará sempre presente na sociedade civil. É um aspeto do qual, dificilmente, se poderá dissociar. A principal diferença face ao passado reside no facto de, atualmente, existir uma maior liberdade individual e religiosa. Isto é, desde o século XIX existe uma pluralidade religiosa em Portugal, coabitando no país minorias religiosas, que tendiam a ser marginalizadas pelo salazarismo. Como tal, os indivíduos eram socializados em ambientes católicos, crescendo e vivendo envoltos nesse ambiente de aceitação e de uma certa identificação.

Ora, nos tempos atuais, os indivíduos são socializados num país que será, na sua génese, sempre católico, mas onde emergem e se sedimentam outros grupos e movimentos religiosos. Nesse sentido, é com alguma naturalidade que a população vê

em Portugal os valores tradicionalmente católicos, sem que isso ponha em causa os outros movimentos religiosos. Quer isto dizer, que subsiste na esfera pública, uma imagem positiva dos portugueses face à Igreja Católica (Vilaça e Oliveira, 2019) distanciando-se de uma possível imagem autoritária e monopolista que poderia existir do catolicismo.

1.3 Diversidade do Catolicismo

Segundo Vilaça e Oliveira (2019, p.205), "apesar da referência constante ao catolicismo no singular, ele incorpora uma profunda diversidade interna, patente nos vários grupos e movimentos que o compõe". Mas, esta diversidade não é apenas visível na sua composição, mas também na forma como esta é patente nos indivíduos e crentes que dela fazem parte.

Posto isto, são três as formas de viver o catolicismo que aqui são elencadas (cit. por Teixeira, 2019). Em primeiro plano, uma sociabilidade ocasional ou até mesmo sazonal. Esta diz respeito a momentos muito específicos e que são exemplo as cerimónias fúnebres. Num segundo plano, a sociabilidade paroquial e que é visível através das assembleias dominicais, onde o crente frequenta, semanalmente, a missa dominical. Por último, a sociabilidade de tipo associativo e que decorre de um trabalho externo a que o crente se predispõe à sua realização. Nesta forma de viver o catolicismo, existe uma envolvência salutar entre o indivíduo e as dinâmicas da sua paróquia, estando este na organização de atividades, caso da catequese ou outro tipo de atividades de cariz social afetas à comunidade.

O facto de existir uma "multiplicação de diferentes regimes de pertença dentro de uma comunidade de referência" (Teixeira, 2019, p.64), como acontece no seio católico ajuda a explicar a diversidade que também o envolve. Contudo, tal circunscrição não representa uma menor presença da religião na esfera pública e privada, podendo ter antes o efeito contrário, o de conduzir a um maior investimento do indivíduo na realidade paroquial que o envolve.

Nesse sentido, depois de um levantamento da função social que o catolicismo ocupa e de como este se encontra em Portugal, nos próximos pontos irá ser descortinada essa mesma diversidade que caracteriza, não só o catolicismo, como a generalidade das religiões da era contemporânea.

1.3.1 Secularização

Tendo em conta a tese de Peter Berger, a secularização é "o processo mediante o qual as representações coletivas se emancipam em relação às referências religiosas" (Vilaça, 2003, p.101). A explicação para o seu desenvolvimento pode ser encontrada na evolução de uma racionalidade ética, sendo que a sua origem é direcionada para o início do monoteísmo (cit. por Vilaça, 2003), indo ao encontro da lógica weberiana em que Max Weber (2018) elenca um certo desencantamento do mundo fruto dessa mesma racionalidade visível na sociedade.

Posteriormente, nos anos 80 do século XX, e explicado na sua obra "*The Many Altars of Modernity: toward a paradigma for religion in a pluralist age*" (2014), Berger vai abordar aquele que considera ser um processo de dessecularização, capaz de contemplar, não só, a evidência das grandes religiões, mas também de discursos seculares, naquela que define como uma era plural.

Outro autor que se debruça sobre o fenómeno é Anthony Giddens, que fala das instituições capitalistas e dos estados modernos que aliados de elementos como o capital monetário, os processos burocráticos complexos, os sistemas de comunicação e o conhecimento especializado criam uma bolha institucional onde a religião não tem lugar (cit. Fulton, 1997). Mas, e tal já fora discutido noutro capítulo, o processo de secularização não significa que haja uma perda de importância social da religião. Ora, pegando naquilo que nos traz John Fulton acerca da teoria de Giddens, o surgimento de novas e diversificadas instituições seculares pode ser reconhecido como o mecanismo que a religião utilizou para ressurgir na vida pública, onde não tinha sido proibida, mas sim absorvida pelas instituições e modelo capitalista. Seguindo tal premissa de análise, falar de secularização consiste em compreender o que está por detrás deste fenómeno.

Abordar tais temáticas precipita o leitor para uma encruzilhada de aspetos, que sendo independentes, só poderão ter uma leitura correta se analisados de forma interdependente e relacional. O processo de secularização, a modernidade, a institucionalização e a individualização são conceitos que desencadeiam todos eles uma série de hipóteses e problemáticas teóricas. Só se discute acerca da secularização, porque se começou a notabilizar uma certa individualização dos indivíduos, a relação com o outro conheceu novos trâmites. Ora, tal só é possível se com a passagem das sociedades tradicionais para a modernidade, onde se assistiu a uma série de mudanças nas estruturas e dinâmicas sociais. Com isto, o que se pretende é evidenciar uma consequência que a secularização trouxe à religião, enquanto instituição ramificada na órbita e no centro das sociabilidades dos diversos agentes.

Segundo Hervieu-Léger, a secularização fez com que a religião fosse desinstitucionalizada., principalmente no ocidente europeu (cit. Fulton, 1997), pois com a cada vez mais privatização da fé deixou-se de assistir ao que a autora denominada por linha de crentes. Embora, tal evidência tenha de ser vista com uma ressalva. Através desta linha de pensamento, subsiste a necessidade de vislumbrar a Igreja em paralelo com o tipo de sociedade existente. Isto é, perante uma sociedade mais tradicional, mais característica em termos de processos simples, a Igreja consistia numa instituição extremamente importante na incorporação dos indivíduos da teia social. Ora, com a passagem para uma sociedade mais complexa e moderna, o desenvolvimento e proliferação de novas instituições fez com que a ideia e conceito de religiosidade fosse visto de forma adaptada.

O surgimento das seitas e outros movimentos religiosos tem haver, não com a perda de importância social da religião, mas da sua conversão aos novos tempos seculares, onde os indivíduos obtêm uma resposta imediata destes novos movimentos (cit. Fulton, 1997), assistindo-se assim a uma oportunidade de idealização de um mercado religioso (Dobbelaere, 2004). Segundo Michel de Certeau, o cristianismo através das “atividades de tipo pedagógico, filantrópico ou militante, que substituem missões ou sacerdócios de outros tempos” (cit. Champion, 1997, p.709) tornou-se numa porção cultural. Ou seja, o que autor pretende dizer é que a religião já não ocupa a função institucional de

outrora, desempenhando agora uma função mais do tipo cultural, espelhada nas diversificadas associações, ordens e movimentos religiosos existentes na sociedade. Um evento que se sucedeu em paralelo e que viria a contribuir para esta mesma realidade, foi o Concílio Vaticano II e que traria formas mais modernas de a Igreja Católica chegar aos seus fiéis, uma espécie de resposta às novas dinâmicas e vivências da modernidade (Champion, 1997).

A tese durkheimiana sobre a efervescência coletiva relaciona-se com a visão que Danièle Hervieu-Léger tem acerca das grandes religiões. Para a autora, a manutenção destas religiões deve-se a estruturas culturais estabelecidas no tempo e espaço e que são acompanhadas por uma mobilização de crentes que têm por detrás uma memória coletiva, assente em valores e crenças transmitidas pelos líderes religiosos e que vão passando de geração em geração, formando uma espécie de linhagem de crentes (cit. por Fulton, 1997), mantendo estes essas mesmas práticas e valores outrora apreendidos. Ou seja, é uma espécie de trabalho biográfico que cabe à subjetividade do próprio crente, mas que assenta na "comunidade em que o indivíduo se reconhece como crente entre outros crentes" (Hervieu-Léger, 1999 cit. por Teixeira, 2019, p.49).

Não obstante, é nas ordens religiosas mais pequenas que se vai identificando uma maior centralidade nos tempos atuais. As ordens religiosas funcionam como uma extensão do papel e da atuação do poder clerical, tendo uma importância redobrada na evangelização de um mundo secular emergente, dado a sua atuação mais flexível e próxima da sociedade civil. Por conseguinte, e tendo em conta a ordem Companhia de Jesus, onde os seus membros são conhecidos por Jesuítas abre-se a possibilidade de esta estar relacionada, de forma indireta, a uma fase embrionária do processo de secularização. Aquando do seu aparecimento, o contexto vivido caracterizava-se por um decréscimo do número de membros do clero.

Tal cenário, fez com que outros agentes sociais assumissem uma nova visibilidade social, mais concretamente, os leigos, indivíduos que não são ordenados pela sua ordem religiosa. O papel do leigo foi sendo construído ao longo dos tempos, embora quer Dominicanos, quer Jesuítas já tivessem esse papel, que seria repescado pelo Opus Dei, de uma forma mais central e consistente. Por um lado, nos Dominicanos, o papel dos

leigos era de subordinação e de um trabalho marginal. Por outro lado, no Opus Dei, a representação do leigo vai ser alterada por completo, assumindo este uma importância acrescida, contribuindo, de forma direta e participante, para a notoriedade da instituição (Vilariño, 1997). Analisando os Jesuítas, estes possuem uma categoria intermédia composta pelos leigos e assistentes secundários que auxiliam o trabalho levado a cabo pelos padres, sendo que esse trabalho complementa o trabalho e prepara de uma outra forma dos indivíduos para as mais diversas circunstâncias (Vilariño, 1997).

"O confronto com o mundo e com a cultura modernas suscitava contestações no espírito dos crentes, tanto para eles mesmos como por virtude do desejo «missionário» de dar testemunho do Evangelho junto de um mundo cada vez mais alheio à Igreja. Esta dinâmica manifestou-se, muito antes da Segunda Guerra Mundial, entre outras coisas com a tomada de responsabilidade por parte dos leigos" (Rogues, 1997, p.147). Ora, o Opus Dei recicla a máxima da assistência espiritual, proveniente dos Jesuítas. Antes, os sem religião seriam marginalizados e extintos da esfera social. No entanto, no Opus Dei falar-se-á de vocação religiosa. Esta vocação derivando essa mesma vocação de pessoas laicas, que são trabalhadas, do ponto de vista espiritual de modo a alcançar essa vocação, que é conjugada com a atividade profissional dos indivíduos.

Remetendo as origens do Opus Dei para Espanha, importa perceber o seu caminho e importância nesse país, para depois, perceber o papel que irá assumir mundialmente. Ora, aquando do seu surgimento, a Espanha encontrava-se sob um processo de individualização, adjacente ao processo de secularização, cenário que separava cada vez mais a Igreja e a sociedade espanhola.

O Opus Dei tem um papel relevante, pois vai atenuar este processo através da sua dinâmica flexível e adaptativa que tende a facilitar o contacto com a sociedade e os seus pares. A inovação e adaptação que o Opus Dei teve centrou-se no poder do clero, na subordinação das mulheres e na devoção religiosa (Vilariño, 1997). A Espanha do século XX está, portanto, repleta de novas formas de viver a religião, sejam elas instituições sociais ou religiosas. Isto é representativo do quão secularizado estava o território espanhol, onde ambas são independentes, mas sabem do papel e raio de atuação da outra. Não obstante, o contexto ditatorial que assombrava quer a Espanha,

quer o restante continente europeu, viu neste intercâmbio institucional de instituições sociais e religiosas, a possibilidade de circulação de uma certa liberdade de valores, aspeto que a Igreja fomentava e defendia (Vilariño, 1997).

Apesar do número de instituições religiosas estar em crescendo, a Espanha encontrava-se sob um deserto religioso. O envelhecimento do clero, a falta de formação religiosa dos laicos, a ausência da ciência religiosa nas universidades e as novas correntes fundamentalistas são aspetos que não agoiravam um cenário positivo para o catolicismo espanhol, o que causava apreensão junto dos responsáveis eclesiásticos. Esta descrença vem num contexto de uma maior racionalidade da sociedade, onde "o individualismo, o desenraizamento social e a ausência de um espírito de comunidade típico de um meio social rural contribuíram para que também fosse na cidade que a privatização da religião mais se fizesse sentir" (Vilaça e Oliveira, 2019, p.79).

1.3.2 O catolicismo dos conservadores, liberais e carismáticos

Neste subcapítulo, o investigador seguirá a análise de Linda Woodhead (2005), apresentada e explicada na obra "*Religions in the Modern World*", onde a autora aborda aqueles que são os diversos agrupamentos dentro do Cristianismo, como é o caso da Igreja Católica Romana, a Igreja Ortodoxa e as Igrejas Protestantes. Estes diversos grupos distinguem o próprio Cristianismo, quando comparado com outra grande religião, como é o caso do Islão, onde subsiste uma maior homogeneidade e uniformização de valores comuns. A divisão dentro do seio cristão começou desde logo, no século XI, sendo essa divisão consumada e oficializada no ano de 1054. Nesse sentido, a tipologia que Woodhead irá criar tem como objetivo perceber de que forma os vários ramos do cristianismo olham para a autoridade, a quem é que reconhecem a autoridade na sua instituição religiosa tanto na época pré-moderna como atualmente. Essa tipificação pode ser consultada, de seguida, nas tabelas 1 e 2. Então, na tabela 1, pode-se consultar a autoridade primária das instâncias religiosas numa fase pré-moderna,

enquanto que na tabela 2, pode ver-se essa mesma autoridade primária representada numa fase e num mundo moderno.

Tabela 1 - Autoridade primária nos tipos de Cristianismo tradicional (pré-moderno)

Tipo de Cristianismo	Autoridade
Ortodoxa	Igreja; tradição; liturgia
Católica	Igreja; tradição; Papa
Protestante	Escritura; Igreja

Fonte: Woodhead (2005, p.202)

Tabela 2 - Autoridade primária nos tipos de Cristianismo no Mundo moderno

Igreja	Autoridade
Ortodoxa	Igreja; tradição; liturgia
Católica:	
a. Conservadora	Igreja; tradição; Papa
b. Liberal	Razão; experiência
c. Carismática	Espírito Santo; escritura
Protestante:	
a. Evangélica	Escritura
b. Liberal	Razão; experiência
c. Carismática	Espírito Santo; escritura

Fonte: Woodhead (2005, p.202)

Centrando a análise na Igreja Católica, esta foi a que mais se reformou com a modernidade, como já se pôde comprovar noutros pontos da pesquisa. Durante centenas de anos, a Igreja Católica manteve um domínio político na Europa, aspeto que no estado moderno vem esvanecer e alterar por completo a sua dimensão simbólica.

Olhando para a tabela 1, pode-se reparar que dentro do Cristianismo, os Ortodoxos e os Católicos são aqueles que conferem à instituição da Igreja e à tradição religiosa uma maior importância e centralidade, sendo que para os ortodoxos a liturgia é também um fator de autoridade, onde os católicos reconhecem mais a figura papal.

Em oposição, identificamos os Protestantes, também eles cristãos, mas que se separaram dos restantes por atribuírem a autoridade primária às escrituras e só depois à Igreja. Estes colocam de lado, a autoridade papal e das liturgias. Posto isto, o que a

tabela 1 evidencia é uma genérica diferenciação dos tipos de cristianismo existentes. Olhando de seguida para a tabela 2, o que se irá observar é a mesma tabela, com os mesmos grupos religiosos a serem analisados, mas colocados no mundo moderno, o que por si só será uma identificação diferente daquela que é visível na figura 1. Ora, direcionando a atenção para a Igreja Ortodoxa, esta mantém-se igual face ao mundo pré-moderno, onde igreja, tradição e a liturgia continuam a ser as suas fontes de autoridade primárias.

No entanto, a composição, quer de Católicos, quer Protestantes pura e simplesmente redefiniu-se, agora também elas internamente se encontram diversificadas. Este primeiro dado analítico é a primeira grande conclusão que pode ser retirada do trabalho de Woodhead, a morfologia da Igreja Católica Romana e do Protestantismo secularizou-se com a modernidade. Tal aspeto é mencionado por Dobbelaere (2004), que via nesta secularização interna, um processo com vista a atenuar os efeitos adversos resultantes da atual modernidade e a existência de dinâmicas e propostas de mobilização social cada vez mais seculares. Posto isto, e focando a análise nos católicos, segundo a autora, estes estão divididos em três tipos, os conservadores, os liberais e os carismáticos.

Com a chegada dos estados modernos e tendo em consideração a Revolução Francesa (1789-1799), a difusão de ideais de liberdade individual e de escolha religiosa, a Igreja, como forma de resposta procura o controlo dos seus próprios fiéis, mantendo a sua uniformização, centrando a sua ação nos sacramentos do batismo e da eucaristia, confissão, veneração dos Santos, devoção ao Papa, ao clero e às ordens religiosas. Ora, estes são os denominados católicos conservadores, que tal como indica a tabela 2, continuam a ver na Igreja, na tradição e na figura papal a fonte primária de autoridade. A instituição do Opus Dei é enquadrada nesta ala mais conservadora do catolicismo, chegando mesmo a ser definida como uma instituição sectária e tradicionalista (Moncada, 2004 cit. por Pinotti, 2008).

Conforme explicado em capítulos anteriores, o Concílio Vaticano II é considerado como o encontro religioso que viria a impulsionar uma parcial liberalização do catolicismo moderno. Segundo a autora, os efeitos das alterações promovidas após o

Concílio começaram a ser sentidas em várias extensões. Desde logo, num levantamento de todo o saber, seja ele espiritual ou intelectual de modo a fazer face aos problemas éticos do presente e futuro e com as inconsistências entre as escrituras e a tradição. A experiência individual começa também ela a ser um ponto de partida para o estudo e compreensão das sociedades modernas. Por conseguinte, todos aqueles que tinham o cuidado de examinar o conhecimento e que de certa forma, tinham em conta a experiência individual de cada um, podem ser colocados nos católicos liberais.

Apesar dos novos e modernos tempos seculares, a Igreja Católica Romana continua a ser aquela que congrega um maior número de fiéis em todo o Mundo. Não obstante, a visão eurocêntrica dos valores católicos, faz emergir um novo tipo de catolicismo. Como nos explica Linda Woodhead, os discursos dos máximos pontífices da Igreja Católica vão cada vez mais na promoção de uma religião globalizante, uma espécie de catolicismo moderno. Então, na América Latina, assiste-se a uma emergência de movimento que vai desde a teologia da libertação até aos carismáticos como resposta aos evangélicos, nomeadamente, no Brasil.

Após esta análise comparativa de mudanças dentro do catolicismo moderno, existe outro aspeto que é curioso retirar da tabela 2. Na configuração dos protestantes nas sociedades modernas, a Igreja enquanto fonte de autoridade primária desaparece das coagitações protestantes. Sendo que, também eles se encontram agora secularizados, podendo o leitor verificar a existência dos protestantes evangélicos, dos protestantes liberais e dos protestantes carismáticos. Ora, confrontando católicos liberais e carismáticos com os seus homólogos, isto é, com os protestantes liberais e carismáticos as fontes de autoridade primária de ambos são iguais, conclusão essa que espelha as grandes transformações religiosas que o mundo moderno trouxe e que veio, em termos de organização, aproximar católicos romanos e protestantes.

1.4 A ética protestante de Max Weber

Max Weber através da sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (2018) procura relacionar uma determinada ética protestante com as lógicas e espírito capitalista. Posto isto, o autor debruçou mais a sua análise numa linha dentro dos protestantes, os calvinistas, os quais acredita que têm uma maior proximidade junto do espírito capitalista. Nesse sentido, nos subcapítulos que se seguem, o exame às suas principais ideias vai ao encontro desta ala protestante calvinista.

1.4.1 Ética de trabalho e conceito de vocação

Max Weber aborda a existência de uma ética protestante, que pode estar na origem do espírito capitalista. O autor foca a sua análise no capitalismo, mas reconhece que a força que impulsionou esse aparecimento está nos puritanos, mais especificamente, os calvinistas (cit. por Giddens, 2009). Estes levavam um estilo de vida ascético, com principal foco em viver a sua vocação. Ou seja, a ética de trabalho aqui implícita é erigida pelos protestantes, que assim redescobriram o valor da vida ordinária e a realização do trabalho como vocação cristã (Rhonheimer, 2006), potenciando assim a sua disseminação pelo meio cristão.

Por conseguinte, aquilo que Weber vai evidenciar é que os calvinistas podem ser considerados como um movimento patrocinador de um racionalismo económico muito severo, alheio a qualquer tipo de emoções. A fundamentação da fé através da atividade mundana é um dos valores cujo calvinistas procuram materializar, reunindo esforços para que as suas práticas diárias sejam pautadas por um máximo rigor em todas as suas obras (cit. por Barbalet, 2018), cenário que poderá estar na génese da criação de um espírito capitalista, onde todo e qualquer traço emocional são substituídos por uma ética moral e religiosa fortemente marcada na conduta dos indivíduos.

O ideal profissional puritano tem por base um caráter ascético profissional, onde a exigência de Deus incide para o que deve ser um trabalho profissional racional, orientado "por critérios éticos e da utilidade dos bens a produzir para a «coletividade»" (Weber, 2018, p.142). Como tal, o dever do cristão é o de corresponder a essa mesma vontade, e podendo retirar os devidos proveitos dessa mesma situação. Ou seja, o indivíduo através do seu trabalho pode vir a enriquecer, desde que essa riqueza conquistada com o esforço do trabalho não seja para alimentar os pecados e futilidades do Homem, mas para a honra e glória de Deus. Por isso, o trabalho deve ser pautado por uma enorme rigidez, que assim regula a ética do homem na aplicação do seu trabalho.

Relativamente ao conceito de vocação, Weber considera-o fundamental para compreender a dimensão da ética protestante que estuda, "pois, a divina providência atribui a cada um, sem distinção, uma tarefa (*calling*) que terá de identificar e levar a cabo (…) uma ordem de Deus a cada eleito para que atue para sua glória" (Weber, 2018, p.141). Ora, tal afirmação vinculada à sua teoria remete a ética protestante para uma atividade que o indivíduo desempenha e para a qual fora chamado por Deus, independentemente do grau de dificuldade.

Sendo esta uma vocação para a qual o individuo fora escolhido, este tem de garantir que a realiza com base numa ética rígida e que fora explicada uns parágrafos acima. Apesar de não haver uma garantia na sua plenitude, o puritano vai procurar realizar o seu trabalho com base nesta ética, porque ele sabe que fora chamado por Deus e como tal, vê Deus em todos os momentos da sua vida (Weber, 2018). Como tal, subsiste o sentido de cumprimento de um dever para o qual fora chamado e que colocará em prática na realização das suas tarefas mundanas (Motta, 2011).

1.4.2 Distinção entre Igreja e Seita

Compreender as sociabilidades orquestradas entre agentes e instituições sociais é fundamental para segmentar aquela que é a direção que uma sociedade ou conjunto de indivíduos persegue. Posto isto, sociologicamente pensando e fundamentando,

expor a distinção que Max Weber idealizou entre Igreja e Seita é o desafio que este subcapítulo se propõe analisar.

Após a Revolução Industrial, compreendida entre os séculos XVIII-XIX, a distribuição populacional deixou de ser um fenómeno estanque, os indivíduos passaram a encontrar-se em constante movimento, sendo a sua permanência num determinado lugar incerto. Mas, mesmo essa incerteza, já não se fazia representar de igual modo. Segundo Weber (2018), o individuo representara-se por um todo que é externo a si próprio. O autor referia-se ao grupo de pertença e ao qual o agente fora socializado, apreendendo os seus valores e práticas e replicando no seu contexto, seja este no local de origem ou noutro ambiente social. Ou seja, esta forte pertença grupal, estas práticas incorporadas nos indivíduos são fundamentais para perceber a importância de instâncias como a Igreja ou até mesmo as seitas, assumindo estas um importante mecanismo de fixação individual e uma identidade grupal.

A Igreja é uma instituição universal de fundamento divino, em oposição há comunidade voluntária de indivíduos que caracteriza a seita (Weber et al, 1985), assumindo esta um pendor propagandista. Enquanto que a igreja é associada a uma ética moderada, a seita pauta por uma ética rigorosa. Pelo que, pode ser associada a um racionalismo na sua forma de atuação e convivência social, os indivíduos entram nas seitas aceitando de forma voluntária, uma ética moral e religiosa específica das demais. Em contrapartida, a igreja pode ser vista com um certo romantismo, onde todos os que nela querem e desejam pertencer são bem-vindos.

A seita, como nos descreve Weber (et al, 1985) conserva um certo estreitar de relações socais, uma espécie de elite de crentes que seguem a uma determinada forma de estar na vida, uma ética para a qual estão capacitados a viver em sociedade. A relação da teoria weberiana com a modernidade encaixa nos valores éticos profissionais ascéticos, sendo esta observável nas seitas protestantes. O autor identifica um fechamento grupal, algo que é comprovável com os clientes que determinado lojista ou empresário possa ter. Isto é, se um indivíduo de uma seita tem uma loja de venda de produtos alimentares, grande parte dos seus clientes serão também eles membros da sua seita, pois confiam na ética de trabalho do dono da loja (Weber, 1983). Uma questão

que é levantada prende-se com a dúvida se serão as seitas um fator de diminuição da religiosidade dos indivíduos.

Ao abrigo da obra de Weber (2018), as seitas inicialmente surgem num ambiente cristão, derivado das diferentes visões e interpretações, mas que vai assumindo uma certa secularização, onde a religião passa para um plano secundário e onde se assiste a uma acentuada lógica economicista nos seus processos, desde os critérios de adesão, à ética de trabalho em si proclamada.

Capítulo 2 – O caso especial do Opus Dei

Neste capítulo dar-se-á ênfase à instituição do Opus Dei através de três subpontos analíticos. Sendo a vocação um conceito, anteriormente falado e que se relaciona com a instituição em causa, achou-se por bem fazer, primeiramente, um retrato do fundador do Opus Dei, figura central na sua história quase centenária. De seguida, é nessa história que se irá abordar, percorrer o caminho que o Opus Dei fez desde a sua fundação até aos dias de hoje, especificando também alguns aspetos relevantes para o objeto de estudo desta investigação. O último ponto deste capítulo elucida o leitor sobre o Opus Dei em Portugal, procurando traçar alguns dos momentos-chave e qual a dimensão da instituição hierárquica da Igreja Católica em território nacional.

2.1 As origens: fundador Josemaria Escrivá

Josemaría Escrivá de Balaguer nasceu a 9 de janeiro de 1902, em Barbastro, na comunidade de Aragão, em Espanha. Merece sublinhar que o seu primeiro nome, Josemaría, resulta de uma junção de José (em homenagem ao seu avô) com María (pela devoção à Virgem María). Em pequeno quando lhe era perguntado o nome este respondia José, mas depressa percebeu que não fazia sentido separar o José de María, esclarecendo o porquê da junção. Então, na época dizia: "não percebo como pude ser tão tolo! Porque não se pode separar Maria de José, nem o contrário" (AGP[4], P03, 1974, p.1125 cit. por Vásquez de Prada, 2002, p.28). Um dos episódios que marcou a sua história, ainda jovem, foi a existência de uma doença grave, deixando-o num estado crítico. Josemaría padeceu de tal forma que os próprios médicos não acreditavam na sua recuperação. Os seus pais chegaram a fazer uma promessa à Virgem Maria, caso fosse curado "o pequeno seria levado em peregrinação à imagem que era venerada na ermida da Torreciudad" (Vásquez de Prada, 2002, p.30). A verdade é que no dia a seguir,

[4] Archivo General de la Prelatura [Arquivo Geral da Prelatura]

Josemaría encontrava-se completamente curado. Este episódio diz muito acerca da devoção da sua família e de todo o seu contexto familiar, de profunda religiosidade dos seus pais e sob o qual Josemaría viria a crescer.

Na sua juventude, desejava ser arquiteto, embora o seu pai visse nele uma carreira de advocacia de sucesso. Mas, nem uma coisa nem outra. Josemaría Escrivá de Balaguer viria a ser sacerdote, vocação que pressentiu desde tenra idade, evidenciada numa certa manhã de Inverno em Logronho:

> *"alguém o conduzia directamente para o Amor. O Senhor fora-o preparando. O Senhor tinha feito nascer na sua alma uma «inquietação divina». De maneira que, ao encontrar as pegadas marcadas no banco, ao descobrir que eram de um religioso, reconheceu nelas as pegadas de Cristo e um convite a segui-lo. Neste gesto mudo, impresso na brancura, soube ver um chamamento. E imediatamente, com o espírito de generosidade que tinha dentro de si, sentiu-se impelido a fazer ali mesmo, sem deixar para mais tarde, o oferecimento da sua pessoa*" (Vásquez de Prada, 2002, p.92).

Relembrando episódios como o acima relatado, Josemaría explica como fora escolhido para algo diferente, chegando mesmo a dizer: "(…) *Onde estaria eu agora, se não me tivesses chamado? Seria provavelmente um advogado presunçoso, um literato inchado, ou um arquitecto cheio das minhas obras (em tudo isto se pensou, aí por 1917 ou 1918)"* (cit. por Vásquez de Prada, 2002, p.86). Josemaría nunca escondeu a vida de piedade intensa que levada, que ia desde a prática da oração, da comunhão diária até à mortificação. Na sua obra *Caminho*, onde expõe muitas das diretrizes sob as quais regia a sua vida, no ponto 203 chega mesmo a afirmar: "Quantos, que se deixariam cravar numa Cruz, perante o olhar atónito de milhares de espectadores, não sabem sofrer cristãmente as alfinetadas de cada dia! Pensa então no que será mais heróico" (Escrivá, 2016, p. 75).

Posto isto, segue então o rumo do sacerdócio, ingressando no Seminário em Logronho. Não esquecendo objetivos passados, em simultâneo viria a tirar o curso de Direito. Mas, sendo a sua principal vocação o sacerdócio, a 28 de março de 1925 é ordenado sacerdote. Apesar disso, os seus primeiros anos não são fáceis, dedicando-se também ao ensino num novo centro académico em Saragoça, o Instituto Amado. Um par de anos mais tarde viria a dar continuidade à sua formação em Direito, mas agora

em Saragoça. Continuava a lecionar aulas de Direito Romano e Instituições do Direito Canónico, na Academia Cicuéndez, que substitui assim o Instituto Amado.

Aquando do término do seu curso, o Padre Josemaria procurou ir mais além, indo para Madrid, na procura de informações relativamente aos estudos de doutoramento na Universidade Central. O Padre Josemaria não esquecia a sua vocação e para aquilo que tinha sido chamado, mas a obtenção do grau de doutor facilitava-lhe a prática da docência. Em Madrid, um nome importante na sua fixação na cidade foi o de D. Luz Rodríguez Casanova[5]. Através dela, o padre viria a tornar-se capelão da Igreja do Patronato dos Doentes.

O Padre Josemaria era bastante atento a tudo o que o rodeava, sentido que lhe permitia ter uma opinião relativamente crítica àquilo que se constava na sociedade civil. Este "considerava com pena que, na prática, as crenças dos cristãos estavam como que desvinculadas dos acontecimentos da sua vida privada, familiar e social. Também se não oferecia aos fiéis, em parte alguma, a possibilidade de levarem uma vida plenamente cristã em todas as suas manifestações". (cit. por Vásquez de Prada, 2002, p.264). Esta falta de enraizamento entre aquilo que é a conduta dos indivíduos e a sua vivência em comunidade é visível no ascetismo extramundano protestante que vê ao ser transportado "para a vida profissional, começou a dominar a ética secular e deu contributo para a formação do poderoso cosmos da ordem económica moderna" (Weber, 2018, p.155). A adoção a esta ética ascética aproxima, portanto, a crença cristã e aquilo que é a prática dos indivíduos no seu dia a dia.

Em 1928, o Padre Josemaria parte para mais um retiro, de alguns dias, como era seu apanágio, mas este não seria mais um retiro, estando o leitor perante o momento que antecede o nascimento do Opus Dei. "O retiro começou no domingo, 30 de Setembro, e prolongou-se até 6 de Outubro" (Vásquez de Prada, 2002, p.268), na Casa Central dos Padres de S. Vicente de Paulo. A meio do retiro, é então que, num momento de oração, o Padre Josemaria sentiu uma iluminação:

[5] Fundadora da Congregação Damas Apostólicas, onde o principal fim era prestar auxílio aos mais necessitados, através da caridade e do ensino (Vásquez de Prada, 2002).

"Aquela iluminação constituiu, para sempre, o seu único ponto de referência histórica quanto à origem da Obra, pois considerou esse dia 2 de Outubro como data de um convite e de uma resposta sua a esse chamamento fundacional" (Vásquez de Prada, 2002, p.273).

Naquele instante, e com 26 anos de idade, o Padre Josemaria fora chamado por Deus à criação da "tão prometida" vocação para a qual tinha sido chamado e para a qual tinha vivido durante todos aqueles anos que antecederam esse momento, e sob os quais o próprio nunca duvidara do desígnio que Deus o tinha encarregado.

S. Josemaria dedicou grande parte da sua vida a uma causa para a qual fora chamado, sem que tenha presenciado o desígnio final de tornar o Opus Dei numa Prelatura Pessoal, dado que acaba por falecer a 26 de junho de 1975, em Roma. Passados dezasseis anos da sua morte, a 17 de maio de 1992, Josemaría Escrivá de Balaguer é beatificado pelo Papa João Paulo II, o mesmo que dez anos mais tarde, conduz a oficialização da canonização de Josemaria Escrivá. Esta decorreu no ano em que Josemaría completaria cem anos de vida, decorrendo a cerimónia a 6 de outubro de 2002 (Müller, 2004).

2.2 História e principais características do Opus Dei

"Na terça-feira de manhã, 2 de Outubro, festa dos Anjos da Guarda, depois de celebrar a missa, o Padre Josemaría estava no seu quarto a ler as notas que tinha trazido consigo. De repente, sobreveio-lhe uma graça extraordinária, por meio da qual entendeu que o Senhor respondia àquelas insistentes petições do Domine, ut videam! e do Domine, ut sit!" (Vásquez de Prada, 2002, p.270).

Como se pode verificar no parágrafo acima transcrito, a fundação do Opus Dei – Obra de Deus, em latim, data do dia 2 de outubro de 1928, momento em que o seu fundador foi iluminado para que concretizasse o nascimento desta Obra. Esta é "uma instituição hierárquica da Igreja Católica, uma prelatura pessoal, que tem por finalidade contribuir para a missão evangelizadora da Igreja" (Harman, 2016, p.2). Atualmente, perto de completar um centenário de existência, importa refletir sobre aquelas que foram as suas primeiras cinco décadas. Esse intervalo temporal, que vai desde 1928 até 1982 representa para a história do Opus Dei, um período de transformações de tipologia

organizativa, assim como de maturação de ideias e consolidação da própria instituição, estando atualmente espalhada por todos os continentes e com milhares de fiéis nas diversas nações. Por conseguinte, existem várias fases que representam marcos e conquistas importantes no desenvolvimento da instituição, os quais irão ser mencionados no decorrer dos próximos parágrafos.

Mas voltando ao início da sua fundação, o Opus Dei surge em Espanha, num contexto de ditadura, sob fortes perseguições aos membros eclesiásticos (Hutchison, 1997), advindo daí um cenário desfavorável para o desenvolvimento de novas instituições religiosas, não sendo o Opus Dei exceção. Posto isto, os primeiros anos de desenvolvimento, de divulgação e de visibilidade do grupo devem ser analisados ao abrigo do contexto sociopolítico da época em Espanha, que vivia sob um regime ditatorial, chefiado por Primo de Rivera e que mantinha uma boa relação com o movimento trabalhista (Hutchison, 1997). Sendo o trabalho, um instrumento primordial na aplicação dos valores do Opus Dei, esta relação de proximidade entre o regime político e o movimento trabalhista poderia ser algo benéfico para a Obra, sem que tal representasse uma relação direta entre o regime e a instituição. A propósito dessa possível relação, S. Josemaría disse o seguinte:

> *"O auxílio que esses governos concedem ou possam conceder às obras corporativas do Opus Dei, como concedem a outras obras semelhantes, não constitui um privilégio, mas o simples reconhecimento da função social que realizam, poupando dinheiro ao erário público*" (Entrevistas a S. Josemaría[6], 2019, p.80).

O Opus Dei sempre procurou especificar em que consistia a sua ação e em que valores se orientava, onde a liberdade dos seus pares era um aspeto sempre realçado pelo seu fundador, S. Josemaria. Aliás, pode definir o anticlericalismo como um valor da Obra, na medida em que existe a convicção e a preocupação em preservar a liberdade pessoal de todos os leigos, no que diz respeito a decisões e opiniões, sejam elas do foro filosófico, artístico ou cultural, assim como as suas posições económicas e políticas. Essa

[6] Entrevista para a Time (Nova Iorque) realizada pelo jornalista Peter Forbath a 15 de abril de 1967 (In Entrevistas a S. Josemaria, 2019).

postura é conservada por todos aqueles que exercem o sacerdócio ministerial (Entrevistas a S. Josemaría[7], 2019)

Apesar de nascer em 1928, naquele dia que S. Josemaria sentiu estar a ser impelido para a criação de algo que ainda não existia na sociedade civil e religiosa, apenas cinco anos a essa parte, fora conhecido o primeiro trabalho coletivo do Opus Dei, em 1933, com a denominada Academia DYA ("Dios y Audacia"). Segundo Hutchison (1997), esta academia funcionava como uma residência universitária, disponibilizando cursos suplementares a estudantes universitários. Apesar disso, o Opus Dei nunca é mencionado oficialmente nas suas ações. Para a sociedade civil, em geral, a existência de uma instituição chamada Opus Dei era de um certo desconhecimento, lembrando as perseguições que se sucediam à Igreja, de uma forma geral, em Espanha. Posto isto, estes primeiros anos, as primeiras atividades levadas a cabo não fossem tão notabilizadas ou rotuladas como sendo realizadas por esta instituição.

Em meados da década de 1930 e após, pelo meio, ter existido a 2.ª República em Espanha, o país vê-se novamente sob um regime de ditadura, desta feita o franquismo. O que acontece nesta segunda fase é que, o regime de Franco pauta-se por ser um regime nacionalista e de tradição religiosa. A nação espanhola acompanhou assim a tendência, verificada a nível europeu, com a proliferação de regimes fascistas. O regime de Franco é um regime que se posiciona entre a eficiência alemã e a espiritualidade espanhola (Hutchison, 1997).

Essa espiritualidade, naturalmente, coincidia com os valores do Opus Dei, sem que a vivência da mesma sob o espírito da Obra fosse algo pensado pelo poder político, indiciando apenas esta importância que o regime atribuía à religiosidade da nação. Posto isto, não existe uma clara relação institucional e vocacional entre a ação do regime franquista e o Opus Dei. O Opus Dei nasce num contexto marcado pela luta religiosa e os valores matérias e o consumo exacerbado (Hutchison, 1997). Subsiste uma difusão de novas ideias, veiculadas cientificamente e que tendem a promover um desencanto do mundo, pondo mesmo em marcha um aumento do ateísmo junto das sociedades.

[7] Entrevista para a Palabra (Madrid) realizada pelo jornalista Pedro Rodriguez em outubro de 1967 (In entrevistas a S. Josemaria, 2019).

Esta situação não era ignorada pelo Fundador e por os que o rodeavam no início. Este contexto de aumento do número de ateus ou a perda de importância da religião católica afeta também os objetivos e caminho que o Fundador tinha idealizado. Isto porque, a proposta do Opus Dei não difere daquela que é a apresentada pelo Cristianismo, ou o próprio Catolicismo. A procura por uma vivência cristã e assente nos princípios que os primeiros cristãos viveram é o que a Prelatura transmite. Aliás, o próprio Fundador dizia que a missão do Opus Dei consistia em "formar cristãmente os seus sócios e outras pessoas que desejem receber essa formação" (Entrevistas a S. Josemaria[8], 2019, p.66). A principal diferença consiste em atingir a santidade através da vivência de uma vida mundana e que visa promoção de uma unidade católica (Rhonheimer, 2006).

Em termos oficiais, o Opus Dei é mencionado pela primeira vez em 1941, na carta enviada à diocese de Madrid com o pedido para alterar o tipo de organização que era conferido na época. Aprovada a alteração, o Opus Dei torna-se numa Pia União. O que é que na prática tal alteração significava para a organização? O que é que um indivíduo que não conhecia o Opus Dei ficaria a saber com a transição para uma Pia União? Uma Pia União é "uma associação de crentes com um pleno mandato para exercer obras de piedade ou caridade, capazes de receber graças espirituais ou indulgências especiais" (Hutchison, 1997, p.122). Apesar disso, esta condição não permitia ao Opus Dei a ordenação de sacerdotes, o que poderia afetar, de forma negativa, a sua ação futuramente. Mas, tal cenário fora resolvido em 1943, sendo criada a Sociedade Sacerdotal de Santa Cruz, aprovada pelo Bispo Eijo y Garay (Pinotti, 2008).

Por esta altura, a Igreja Católica contava com inúmeras associações clericais, rótulo colocado ao Opus Dei, como mais uma dessas associações, sendo a sua ação circunscrita apenas ao território espanhol. Não obstante, no seio do Opus Dei prevalecia um sentimento de superação e mudança, pois estes acreditavam que os valores e a missão da organização careciam de uma definição clara daquele que seria o principal trabalho do Opus Dei, quer na sociedade civil, quer no seio eclesiástico. A Obra tinha em

[8] Entrevista para a Time (Nova Iorque) realizada pelo jornalista Peter Forbath a 15 de abril de 1967 (In Entrevistas a S. Josemaria, 2019).

mente a difusão do "chamamento universal à santidade e do valor santificador do trabalho corrente" (Harman, 2016, p.2). Esta ideia de sacerdócio universal aproxima o Opus Dei de uma corrente weberiana, onde o próprio fala numa doutrina da santificação tendo em mente um dos movimentos que analisou, os metodistas (Weber, 2018). Segundo o autor, estes não acreditavam na predestinação, regendo-se por uma ética ascética.

Bryan Wilson estudou os metodistas, concluindo que estes oferecem uma ênfase na profissão, pautando a sua atuação por uma forte entrega e compromisso como a mesma (cit. por Vilaça, 2003). Mas, isso representada uma preocupação para a instituição, visto que os trâmites legais limitavam o perímetro de atuação e de legitimação da Pia União. O papel das associações clericais é circunscrito ao seu país de origem, dificultando a incorporação do Opus Dei como uma forma de viver a religiosidade no mundo inteiro.

O desafio passava então pelo reconhecimento como uma instituição de direito pontifício, uma instituição subordinada à jurisdição da Santa Fé e que impulsionaria o reconhecimento do Opus Dei fora do território espanhol. Por esta altura, em 1947, o Papa Pio XII imite o *Provida Mater Eclesia*[9], o decreto papal que enuncia o instituto secular como estrutura jurídica. A elaboração desta tipologia de estrutura canónica permite ao Opus Dei tornar-se o primeiro instituto secular da Igreja Católica. Tal alteração jurídica diz que o Opus Dei passa a ser uma instituição de direito pontifício. Por esta altura, na segunda metade do século XX, o Opus Dei começa a espalhar-se pelos diversos países numa fase de expansão, como é comprovável na tabela 3.

Com esta expansão, o Opus Dei procura tornar a sua mensagem universal, e "facilitar a todos os homens o descobrimento do valor santificador do trabalho ordinário e despertar nos cristãos a consciência do alcance e das exigências da sua vocação" (Rhonheimer, 2006, p.47)[10]

[9] Disponível em <http://www.vatican.va/content/pius-xii/es/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19470202_provida-mater-ecclesia.html> [Consult. 16 abr 2020].

[10] Tradução do original: "facilitar a todos los hombres el descubrimiento del valor santificador del trabajo ordinário y despertar en los cristianos la conciencia del alcance y las exigências de su vocación" (Rhonheimer, 2006, p.47).

Analisando a tabela, na qual descreve os países onde o Opus Dei se encontra, destaque para Portugal, como sendo o primeiro país, excluindo Espanha, onde a Obra iniciou a sua atividade de apostolado. O ano de 1996 foi o ano em que o Opus Dei iniciou a sua atividade, contabilizando um total de cinco, Estónia, Eslováquia, Líbano, Panamá e Uganda. Não contabilizando o período que decorre entre sua fundação, em Espanha e a entrada em Portugal, o maior período em que não houve início de qualquer atividade em nenhum país foi de nove amos e compreendeu o ano de 1969 e 1978, assim como o ano atual, pois o mesmo número de anos separam o último país a entrar na lista de países onde o Opus Dei está.

Tabela 3 - Início do trabalho do Opus Dei nos diversos países

Ano	País(es)
1928	Espanha
1945[11]	Portugal
1946	Itália e Grã-Bretanha
1947	França e Irlanda
1949	México e Estados Unidos da América
1950	Chile e Argentina
1951	Colômbia e Venezuela
1952	Alemanha
1953	Guatemala e Peru
1954	Equador
1956	Uruguai e Suíça
1957	Brasil, Áustria e Canadá
1958	Japão, Quénia e São Salvador
1959	Holanda e Costa Rica
1962	Paraguai
1963	Austrália
1964	Filipinas
1965	Bélgica e Nigéria
1969	Porto Rico
1978	Bolívia
1980	Congo, Costa do Marfim e Honduras
1981	Hong Kong
1982	Singapura, Trindade e Tobago
1984	Suécia
1985	Taiwan
1987	Finlândia
1988	Camarões e República Dominicana

[11] Apenas em 1946 viria a ser aberto o primeiro centro do Opus Dei na cidade de Coimbra (Azevedo, 2001).

1989	Macau, Nova Zelândia e Polónia
1990	Hungria e República Checa
1992	Nicarágua
1993	Índia e Israel
1994	Lituânia
1996	Estónia, Eslováquia, Líbano, Panamá e Uganda
1997	Cazaquistão
1998	África do Sul
2003	Eslovénia e Croácia
2004	Letónia
2007	Rússia
2009	Roménia, Coreia e Indonésia
2011	Sri Lanka

Fonte: Opus Dei.

Mas, retomando aquele que é o percurso institucional e de definição do Opus Dei na comunidade eclesiástica mundial, na segunda metade do século XX, dentro da Igreja Católica existe um primeiro e à data único instituto secular, uma instituição de direito pontifício. Mas, o caminho pensado era em tornar o Opus Dei uma prelatura pessoal, isto é, uma organização meio laica, meio religiosa.

Ou seja, uma "circunscrição eclesiástica, prevista pelo Concílio Vaticano II e pelo Código de Direito Canónico (Harman, 2016). E, um dos pontos que será enaltecido a fim de alcançar esse desejo será o facto de mais nenhum outro instituto secular oferecer um corpo organizativo como aquele que o Opus Dei tinha, contabilizando nos seus quadros, sacerdotes e pessoas laicas. Juntando esse facto, o Opus Dei defendia que a sua ação era um poderoso catalisador espiritual e apostólico para a ação cristã. Essa visão está presente não só no espírito vivido pelos seus pares, mas pelos instrumentos que contemplam essa mesma visão. Exemplo disso é a criação do Colégio Romano de Santa Cruz a 29 de junho de 1948. Este localiza-se em Roma e potencia a ajuda espiritual e doutrinal que o Opus Dei passa desde esse momento, a oferecer aos seus fiéis. Este colégio funciona como um complemento face aos diversos institutos pontifícios localizados na mesma cidade (Pinotti, 2008).

No início da década de 60, mais especificamente, em 1962, dá-se uma primeira tentativa por parte de S. Josemaria de alterar o reconhecimento jurídico do Opus Dei de instituto secular para prelatura pessoal pedido que lhe fora recusado. Esta insistência

pela alteração ao seu reconhecimento jurídico tinha por base um conjunto de pressupostos que S. Josemaria e os seus seguidores acreditavam ser diferentes de todos os outros. Ou seja, estes defendiam que o reconhecimento como instituto era insuficiente para a realidade da Obra (Pinotti, 2008). Apesar da sua dedicação, S. Josemaria não conseguiria concluir aquele que desejava ser a definição concebida ao Opus Dei, pois a 26 de junho de 1975 faleceu na cidade de Roma. S. Josemaría é substituído, mais tarde, por Álvaro del Portillo, eleito no Congresso realizado com o intuito de encontrar o sucessor de S. Josemaria. Esta escolha acabou por ser natural, Álvaro del Portillo fora uma presença assídua e recorrente na Obra, desde os tempos da Academia DYA, altura em que entrou para o Opus Dei, ainda como estudante (Hutchison, 1997). Uma das curiosidades em torno de Álvaro del Portillo é que este também fora, juntamente com outros dois fiéis do Opus Dei, um dos primeiros a ser ordenado como sacerdote do Opus Dei.

Passados "quatro anos da morte de Escrivá, o novo presidente geral da Opus Dei, Álvaro del Portillo, retoma a prática da Prelatura, enviando ao cardeal Sebastiano Baggio uma nova e cuidada documentação sobre a transformação jurídica da Opus Dei" (Pinotti, 2008, p. 420). Após um longo percurso, é já nos anos 80, mais concretamente, a 28 de novembro de 1982, que o Papa João Paulo II erige o Opus Dei como Prelatura Pessoal, nomeando também, o seu prelado, Álvaro del Portillo. Esta decisão é promulgada através da bula "Ut Sit"[12], publicada meses depois desse reconhecimento público da mudança de jurisdição da Obra.

No início deste percurso pela história do Opus Dei foi realçada a importância das primeiras cinco décadas da Prelatura, porque de 1928, ano da dua fundação até 1982, ano em que é reconhecida como Prelatura Pessoal, contabilizam-se 54 anos. Ou seja, atualmente com quase 92 anos de história, e com base nas descrições acima, mais de metade da vivência do Opus Dei enquanto instituição foram anos de definição institucional e jurídica. E, apesar de ser quase uma instituição centenária, como Prelatura Pessoal tem 37 anos de existência, o que pode indiciar uma parcial maturação quanto ao seu relevo social junto das comunidades e dos países.

[12] Disponível em https://opusdei.org/pt-pt/article/constituicao-apostolica-ut-sit/ [Consult. 28 set. 2019].

Em 1994, Álvaro del Portillo morre em Roma, no dia 23 de março. Mais ao menos um mês depois, Javier Echevarría é nomeado Prelado do Opus Dei pelo máximo pontífice João Paulo II, confirmando assim a sua eleição feita pelo Congresso geral da Obra, o qual ditou a sua eleição como sucessor de Álvaro del Portillo (Pinotti, 2008), cargo que ocupou até à data do seu falecimento, que viria a ocorrer a 12 de dezembro de 2016.

O Prelado atual do Opus Dei é Monsenhor Fernando Ocáriz, cargo que ocupa desde 2017, substituindo assim o seu antecessor. A Prelatura do Opus Dei encontra-se em 68 países sendo o último dos quais o Sri Lanka, onde a Obra iniciou a sua atividade em 2011. Para além disso, entre as suas fileiras contabiliza mais de 85 000 pessoas em todo o mundo.

2.2.1 Constituição do Opus Dei

O Opus Dei sendo uma instituição universal, está direcionada para todos os fiéis "católicos adultos, homens e mulheres de qualquer cultura, nacionalidade, condição social e nível económico" (Harman, 2016, p.5) que se sintam impelidos a viver a vocação universal da santidade. Para além do prelado e de um presbitério que contempla sacerdotes próprios, a constituição[13] do Opus Dei completa-se por intermédio de leigos, homens e mulheres que veem nesta instituição uma forma de viver.

Ao envolto dessa mancha representativa da Obra, os seus membros dividem-se em três grupos, sendo que essa divisão apenas tem haver com a disponibilidade para as ações da Obra, assim como da vocação de cada um. Nesta diferenciação de indivíduos do ponto de vista grupal, não está em causa uma sobreposição de determinado grupo face a outro. Posto isto, existem então os/as supranumerários/as, os/as numerários/as e os/as agregados/as.

Os supranumerários correspondem à mancha mais representativa dos membros do Opus Dei, designando homens ou mulheres casados/as, que através do seu seio familiar procuram alcançar a sua santificação cumprindo os seus deveres para com a sua

[13] A descrição aqui elencada é com base na informação fornecida pela Prelatura Pessoal do Opus Dei, estando detalhada no sítio oficial da instituição e disponível em https://opusdei.org/pt-pt/article/cristaos-no-meio-do-mundo/ [Consult. 9 de set. 2019].

família. Já em relação aos numerários, estes são leigos, tal como os supranumerários, com a sua atividade profissional, mas que face à sua condição e disponibilidade vivem em centros do Opus Dei, estando encarregues e disponíveis para a realização do trabalho apostólico da Obra e da formação dos restantes membros.

A propósito desse ênfase institucional na maior prevalência de membros supranumerários, tal pode representar um desvirtuar da verdadeira realidade da Obra. Segundo Silva (2009, p.44), ao elencar a maioria dos membros como supranumerários, "pretende-se deslocar o foco do peculiar modo de vida dos numerários para a ideia socialmente mais bem aceita do pai ou mãe de família, do profissional responsável".

Ainda sobre os restantes membros, os agregados são aqueles que residem em casa própria, seja com ou sem familiares, também eles assumindo, como no caso dos numerários, uma predisposição maior para a realização de tarefas e trabalhos da Obra. Para além dos sacerdotes, também os numerários e os agregados vivem a condição do celibato apostólico. Ou seja, são pessoas que não constituem família, não se casam, permitindo-lhes assim uma maior disponibilidade para o apoio a qualquer atividade organizativa ou de formação levada a cabo pelo Opus Dei. Apesar disso, esta condição não colide com a condição laical que a pessoa usufrui fora da organização.

Estando descrito as diversas situações pessoais dentro do Opus Dei, importa também fazer uma ressalva para uma outra condição admitida na Prelatura, a condição de cooperador. Isto é, o cooperador não faz parte do Opus Dei, não é visto como um membro, mas sim um indivíduo que coopera nas diversas atividades que o Opus Dei vai realizando e que este se sente impelido a colaborar e a participar, desde "atividades educativas, assistenciais, de promoção cultural, social" (Müller, 2004, p.37) entre outras. Não existe qualquer tipo de vínculo, seja ele religioso ou institucional na condição de cooperador. podendo este pertencer a qualquer religião ou até mesmo não estar vinculado a nenhum tipo de religiosidade. Desde 1950, altura em que fora aprovada a figura do cooperador (Gas Aixendri, 2013), colaboram com o Opus Dei, cooperadores católicos, cristãos ortodoxos, anglicanos, luteranos, bem como judeus, muçulmanos, budistas.

A questão relativa ao papel dos cooperadores direciona a discussão para aquilo que poderá ser resultado do processo de secularização, e estando perante uma instituição universal, a possível perda do particularismo resultante da abertura à figura do cooperador acentua essa vertente secular dentro do Opus Dei.

2.2.2 Estrutura do Opus Dei

A Prelatura Pessoal do Opus Dei é, até ao momento, a única prelatura pessoal da Igreja Católica, sendo de âmbito internacional e eclesiástico, onde os estatutos se encontram previstos pelo Concílio Vaticano II e pelo Código de Direito Canónico. Possui também os seus próprios estatutos e sob os quais procede a sua ação no mundo. Posto isto, importa clarificar que a estrutura do Opus Dei pode ser vista sob três formas, as quais têm o intuito de permitir que a organização se mova internacionalmente com grande flexibilidade nos seus propósitos. Na seguinte figura consegue-se percecionar esse mesmo esquema que estrutura a Prelatura do Opus Dei, embora careça de alterações posteriores ao ano que fora elaborado, em 2017, nomeadamente, às pessoas nos respetivos cargos.

Figura 2 - Organograma do Opus Dei



Fonte: https://opusdei.org/pt-pt/article/organizacao-e-governo-do-opus-dei/

A sede do Opus Dei encontra-se fixada em Roma, sendo composta por um governo geral, um governo regional e um governo local. A governação da Prelatura é colegial, o que indica uma articulação e cooperação entre os vários conselhos e o Prelado do Opus Dei, que atualmente é Monsenhor Fernando Ocáriz[14], representado na figura 1 como Vigário Auxiliar, cargo que ocupava anteriormente. A figura do vigário auxiliar está prevista nos estatutos da Obra, e foi criada por Javier Echevarría em 2014, sendo que a sua incorporação advém de um acréscimo significativo do trabalho apostólico e do aumento de novos centros e iniciativas do Opus Dei em todo o mundo. O seu objetivo, como o próprio nome indica, passa por auxiliar o prelado, acumulando algumas das funções do prelado (Antunes, 2016) e perfilando-se como possível sucessor, o que viria a suceder-se com Monsenhor Fernando Ocáriz. Quando em 2017, sobe a figura de prelado do Opus Dei, fica no seu lugar, Monsenhor Mariano Fazio[15], o qual ocupava o cargo de Vigário Geral, posteriormente, substituído pelo padre Antoni Pujals[16].

Ao nível da governação geral, "o prelado conta com a colaboração de um conselho de mulheres, a Assessoria Central, e outro de homens, o Conselho Geral" (Müller, 2004, p.49), como é também percetível através da figura. Ambos os órgãos que perfilam o governo central estão também eles sediados em Roma. Integra o Conselho Geral[17] o Vigário Auxiliar, o Vigário Geral, o Vigário Secretário Central, os vice-secretários (de São Miguel, de São Gabriel e de São Rafael, encarregando-se estes das três variantes formativas na Prelatura), o Prefeito de Estudos e o Administrador geral.

Por seu turno, a Assessoria Central é também ela composta pelos três vigários acima mencionados, o Vigário Auxiliar, o Vigário Geral e o Vigário Secretário Geral, assim como pela secretária da Assessoria, as vice-secretárias (de São Miguel, de São Gabriel e de São Rafael), as delegadas regionais, a Prefeita de Estudos, a Prefeita de numerárias

[14] Monsenhor Fernando Ocáriz nasceu a 27 de outubro de 1944 (75 anos) em Paris, embora seja de nacionalidade espanhola. É o atual prelado do Opus Dei, cargo que ocupa desde 27 de outubro de 2017. Disponível em https://opusdei.org/pt-pt/article/fernando-ocariz/ [Consult. 17-03-2020].

[15] Monsenhor Mariano Fazio nasceu a 25 de abril de 1960 (60 anos) em Buenos Aires. É Vigário Auxiliar do Opus Dei desde 2019, cargo que sucede assim Disponível em https://opusdei.org/pt-pt/article/mons-mariano-fazio/ [Consult. 17-03-2020].

[16] O padre Antoni Pujals nasceu em 1955, na cidade de Terrassa, Espanha. É o Vigário Geral, cargo que ocupa desde 2019. Disponível em https://opusdei.org/pt-pt/article/antoni-pujals/ [Consult. 17-03-2020].

[17] Ver o anexo 1.

auxiliares e a Procuradora Central. O trabalho das vice-secretárias tem haver com a distribuição das suas atenções pelos diversos membros da Obra, estando a vice-secretária de São Miguel encarregada do trabalho realizado com as numerárias, a vice-secretária de São Gabriel encarregue das supranumerárias e a vice-secretária de São Rafael encarregue das jovens da Obra e que poderão vir a ser da Obra (Tapia, 1993).

Relativamente ao governo regional, este diz respeito a áreas ou territórios denominados por regiões. À semelhança do governo central também congrega os dois órgãos de auxílio na sua governação, a Assessoria Regional para as mulheres e a Comissão Regional face aos órgãos constituintes. Em substituição da figura do Prelado, no governo regional quem coordena a atuação da Obra nessa mesma região é o Vigário Regional. A comissão regional reúne, maioritariamente, apenas numerários que apoiam o Vigário Regional na gestão da região e estão encarregues de algumas tarefas específicas da secção masculina (Pinotti, 2008).

Por fim, ao nível da governação local, encontram-se os diversos centros do Opus Dei espalhados pelas regiões em todo o Mundo. A governação é feita por intermédio de um conselho local[18], presidido por um diretor, auxiliado por um subdiretor e um secretário. Os centros da Obra estão divididos, de um lado os centros masculinos e do outro os centros femininos, dirigidos por homens e mulheres, respetivamente.

2.3 Opus Dei em Portugal

A sociedade portuguesa, pela sua história e contexto religioso seria sempre um país em que o Opus Dei iniciaria os seus trabalhos, ainda que não numa primeira fase. Isto porque, o fundador da Obra, S. Josemaria tinha em perspetiva, incorporar a Obra, inicialmente em França, mais concretamente em Paris (Vásquez de Prada, 1997). No entanto, o cenário político após a Segunda Grande Guerra (1939-1945) e com a nação espanhola isolada, quer em termos ideológicos, quer em termos fronteiriços, a expansão para Paris tornava-se um cenário difícil de orquestrar. Perante isto, começara

[18] Ver anexo 1.

a ser pensado outro percurso no imaginário do Fundador. A verdade é que, Portugal perfazia-se como um caminho possível. A identificação de uma cristandade bastante vincada no chefe de Estado Português, António de Oliveira Salazar, assim como o acordo concordatário estabelecido entre Portugal e a Santa Sé, constituíam dois fatores de distinção e de uma inequívoca identidade católica no território português (Azevedo, 2007).

No entanto, a incorporação da instituição do Opus Dei em Portugal, quando é feita, deve-se, em grande parte, ao trabalho da Irmã Lúcia. Em termos oficiais, a entrada da Obra em Portugal data do ano de 1946, a par de Itália e Grã-Bretanha (Müller, 2004). Não obstante, foi o ano de 1945 que tornou essa concretização possível. A 5 de fevereiro deu-se o primeiro encontro entre S. Josemaria e a Irmã Lúcia, momento considerado fundamental para a agilização e para a entrada do Opus Dei em Portugal (Azevedo, 2001). O encontro entre ambos decorreu sob uma profunda e mútua admiração mútua, onde Azevedo (2007) recorda o interpelo da Irmã Lúcia para com S. Josemaria, dizendo que o Opus Dei deveria ir para Portugal, tendo o presidente da Obra, respondendo positivamente a esse apelo.

No ano seguinte, em 1946, a entrada do Opus Dei efetivou-se através de Coimbra (Azevedo, 2001), a cidade universitária mais antiga do país e que caracteriza o espírito da cultura estudantil português. Este último aspeto condiz com a apetência inicial da Obra, que idealizava um apostolado mais veemente em contextos universitários e a um público mais jovem. Tal detalhe pode ser percecionado pelo seguinte excerto, retirado de uma das entrevistas realizadas:

> *"Há aqui um critério de ordem genérica que é interessante conhecer que é, eu acabei de dizer que a mensagem do Opus Dei é para pessoas de todas as condições. Contudo, do ponto de vista metodológico, o Opus Dei começa tipicamente com universitários. Por isso, aqui em Portugal, a preocupação dele [o fundador do Opus Dei, S. Josemaria] era onde é que havia universidades. Sabia que havia em Lisboa, Porto e Coimbra e a mais tradicional era Coimbra*" (José, 54 anos, Lisboa).

Foi também em Coimbra que se fixou o primeiro centro da Obra, a residência universitária de Montes Claros. Nesse ano, dá-se também a primeira admissão de um português na Obra do Opus Dei, sendo na época, estudante de Histórico-Filosóficas,

Mário do Carmo Vieira Pacheco (Azevedo, 2001). Com três anos de distância, em 1949 foi também admitida a primeira mulher na Prelatura em Portugal, a irmã de Mário Pacheco, Maria Sofia. Os anos subsequentes representaram uma evolução em crescendo da Obra em Portugal, com a expansão para as cidades de Lisboa e Porto, com destaque para o ano de 1953, com a primeira residência feminina da Obra em Portugal, posteriormente acompanhada na cidade do Porto (Azevedo, 2001).

A finalizar a primeira década da inserção do Opus Dei em Portugal, dá-se a primeira ordenação de um português, sendo o jurista Hugo de Azevedo, o primeiro sacerdote português da Opus Dei (Antunes, 2002). Esta progressiva incorporação da instituição em território nacional, conheceu outros contornos, aquando da edição portuguesa da obra de S. Josemaria Escrivá, "*Caminho*", em 1946. A publicação deste livro em Portugal, representou um forte apoio na difusão das principais ideias do próprio, onde muitas delas são passiveis de ver concretizadas na instituição do Opus Dei. Ou seja, conferiu uma notoriedade em crescendo e um conhecimento mais aprofundada da realidade da instituição espanhola, com propensão e vocação universal.

O desenvolvimento da instituição vai acontecendo de uma forma natural e acompanhando a tendência de expansão por todo o Mundo, contabilizando no fim do século XX, com cerca de trinta centros do Opus Dei, desde residências universitárias, clubes juvenis, centros culturais, escolas de formação hoteleira e formação domésticas, assim como centros de retiro e convívio (Azevedo, 2001).

Desde o seu ingresso em Portugal, foram vários os vigários regionais que estiveram à frente dos destinos do Opus Dei no país, coordenando a ação da Obra a nível interno, assim como articulando a mesma com as diretrizes que chegavam do governo central, sediado em Roma. A seguinte tabela enuncia quais os nomes dos daqueles que estiveram à frente dos destinos da Obra em território português, sendo que o primeiro assumiu funções em 1949, três anos após a entrada da instituição no país. A informação aqui descrita teve origem em vários textos e menções destas pessoas, assim como de fontes do Opus Dei em Portugal. Contudo, fica a ressalva que tais dados não se encontram devidamente sintetizados e facilmente disponíveis. O cruzamento de

informações, de testemunhos foi crucial para poder delinear a informação apresentada de seguida.

Tabela 4 - Lista dos Vigários Regionais[19] em Portugal

Ano	Vigários regionais de Portugal
1949-1958	Francisco Xavier de Ayala
1958-1971	Nuno Girão
1971-1974	António Adolfo Barbosa e Silva
1974-1988	Jorge Margarido Correia
1988-2002	António Adolfo Barbosa e Silva
2002 -	José Rafael Espírito Santo

Elaboração própria

O primeiro Vigário Regional em Portugal, à época, conselheiro de Portugal, foi Monsenhor Francisco Xavier de Ayala (1922-1994), estando à frente do território português entre 1949 e 1958 (Filho, 2017). Monsenhor Francisco Xavier de Ayala haveria chegado a Portugal em 1946, tendo sido dos primeiros membros do Opus Dei no país, contribuindo para o seu desenvolvimento naqueles primeiros anos. Posteriormente, viria a desempenhar a mesma função, mas em território brasileiro.

O padre Nuno Girão[20] foi o seu substituto. Nascido em Viseu, a 8 de abril de 1928, entra para a Obra vinte anos depois, em 1948, sendo um dos primeiros numerários portugueses. A sua aproximação à Obra acontece aquando da sua frequência no curso de Medicina, em Coimbra. Passados oito anos após a sua admissão é ordenado sacerdote, no dia 5 de agosto de 1956. De 1958 a 1971 é a figura máxima do Opus Dei em Portugal.

Após a sua saída, Monsenhor António Adolfo Barbosa e Silva cumpriu a sua primeira passagem como vigário regional. Natural de Lisboa, foi em Pamplona, na Universidade de Navarra, que se licencia em jornalismo. Mais tarde, aprofunda os seus estudos, já em Roma, em Direito Canónico na Universidade de São Tomás de Aquino.

[19] O Opus Dei chega a Portugal em 1946, sob a figura jurídica de um instituto secular. Até se tornar Prelatura Pessoal, o que se sucedeu em 1982, quem coordenava os destinos da Obra em cada região, era o então, denominado conselheiro, articulando assim os esforços com o governo central do Opus Dei na cidade de Roma (Vásquez de Prada, 2003 cit. por Fontes, 2011, p.231).

[20] Informação disponível em https://opusdei.org/pt-pt/article/missa-do-1o-aniversario-da-morte-do-pe-nuno-girao-2/

Mas, antes de assumir o cargo de responsável máximo em Portugal, foi chamado a desempenhar funções gerais dentro do governo regional no país, especificando o próprio, que essas funções de distribuíam "entre o mundo universitário, os casais e o apoio espiritual aos meus colegas sacerdotes diocesanos do Patriarcado de Lisboa e da Arquidiocese de Évora, onde ia todas as semanas" (In Antunes, 2002, p.140).

Monsenhor António Barbosa governou Portugal, ente 1971 e 1974 e, mais tarde, entre 1988 e 2002. Isto porque, nesse período de interregno, os destinos da região portuguesa tiveram sob a batuta do Padre Jorge Margarido Correia[21], coabitando assim uma governação alternada entre a primeira passagem de Monsenhor António Barbosa, a entrada do Padre Jorge Margarido Correia e a reentrada de Monsenhor António Barbosa.

Em 2002, inicia funções o atual Vigário Regional, Monsenhor José Rafael Espírito Santo[22]. Nasceu a 15 de março de 1959 (61 anos) em Lisboa. Licenciou-se em Engenharia Civil na Universidade de Coimbra no ano de 1982, depois de ter completado o ensino secundário na capital portuguesa. Curiosamente, o ano em que termina a sua formação académica com sucesso, coincide com a oficialização do Opus Dei, como Prelatura Pessoal. Aos 43 anos de idade é nomeado pelo então prelado da Obra, D. Javier Echevarría[23]. A sede do Opus Dei em Portugal encontra-se na Rua Esquerda do Paço do Lumiar, 54, 1600-447 Lisboa, local onde este habita. Antes de ser nomeado vigário regional, colaborava, desde 1997 com o seu antecessor, Monsenhor António Barbosa.

Traçado o percurso histórico do Opus Dei em Portugal, assim como apresentados os nomes das figuras que faziam a ponte entre Portugal e a cidade de Roma, importa perceber de que forma é que a Obra está representada no país. Então, sob a tutela de Monsenhor José Rafael Espírito Santo, o Opus Dei, tal como nos outros países, encontra-se sediado nos diversos centros geograficamente distribuídos de norte a sul do território. E como já fora explicado acima, cada centro é dirigido por um conselho local,

[21] Informação retirada da entrevista dada por Monsenhor António Barbosa à Revista Visão a 26 de setembro de 2002, realizada pelo jornalista Manuel Vilas Boas e que se encontra disponível no anexo 2.
[22] Disponível em https://opusdei.org/pt-pt/article/governo-portugal/.
[23] Ver anexo 3.

que contempla um diretor em cada um dos centros. Mas qual a verdadeira importância dos centros no desenvolvimento do Opus Dei no país?

O Opus Dei chega à população em geral através das iniciativas educativas, assistenciais ou sociais que promove, sendo que os centros representam as várias sedes que a instituição. Estas iniciativas, tendem a gerar discórdia e incompreensão junto da sociedade. Posto isto, estas podem ser compreendidas sob dois pontos, um primeiro advém das obras de apostolado corporativo, conferindo sempre uma orientação e um segmento cristão na atividade em causa (Müller, 2004). Um segundo ponto consiste no apoio prestado, seja espiritual, sacerdotal ou até mesmo doutrinal.

Em junho de 2020, contam-se vinte e três centros do Opus Dei em Portugal[24], distribuídos pelo território, existindo centros para a população masculina e centros para a população feminina. Existem também alguns centros, destinados aos retiros mensais e anuais que são realizados, sendo a sua utilização também exclusiva a homens ou a mulheres, mediante agendamento prévio. Para as senhoras, na zona norte destacam-se o Clube Colina e Centro Cultural Campo Novo (Braga), o Rampa Clube e a Carvalhosa (Porto); na zona centro, o Clube dos Arcos (Coimbra) e o Clube do Moinho (Viseu); na região de Lisboa e zona Oeste destacam-se o Clube 7+, o Clube Darca, Areias – Associação Cultural, a Residência Universitária dos Álamos, as Laranjeiras – Residência de Estudantes e Picoas. De salientar, que a Casa da Carvalhosa, sediada no Porto é das mais antigas, abrindo portas em 1956, na altura, como residência universitária (Antunes, 2002).

Por seu turno, destinado aos homens existe na região norte, o Clube Ónix e Centro Cultural Montemuro (Braga), o Veja Clube e Residência Universitária e Boavista (Porto); na região centro destaca-se o Clube Prisma e Beira Centro Cultural (Coimbra) e o Clube Celta e Centro Monte Fuste (Viseu); na região de Lisboa e zona Oeste existe o Clube Xénon, o Clube Nau, Montes Claros – Residência Universitária, Alameda, Campo Grande 300 e Dafundo. Ao nível dos centros destinados à realização de retiros, destaca-se o Enxomil – Centro de Atividades (Vila Nova de Gaia) e o Almançor (Montemor-o-

[24] Toda a informação relativa aos centros, está atualizada e disponível em https://opusdei.org/pt-pt/article/onde-encontrar-o-opus-dei-em-portugal/ [Atualizado a 31 de mai. 2020].

Novo). Dependendo do retiro em questão, estes centros poderão ter retiros de senhoras e retiros de homens. A Residência de Montes Claros, funcional desde 1997 (Antunes, 2002), importou o nome da primeira residência do Opus Dei em Portugal, à época Residência de Montes Claros, mas na cidade de Coimbra (Azevedo, 2001). Após elencados os diversos centros do Opus Dei espalhados pelo país, rematar que todos eles têm a sua relevância cívica, podendo estes ser mais vocacionados para acolher uma população mais jovem ou mais sénior, mais vocacionados para desenvolver certa ou determinada atividade, representando uma pluralidade funcional no conjunto dos centros do Opus Dei em Portugal.

Em relação ao ensino, a Prelatura defende a sua liberalização, distanciando-se um pouco da dinâmica e crença num ensino democratizado. Segundo o seu Fundador, S. Josemaría, "todas as pessoas ou associações com capacidade para tal devem ter a possibilidade de fundar centros de ensino em igualdade de condições e sem impedimentos desnecessários" (Entrevistas a S. Josemaria[25], 2019, p.169).

Segundo esta lógica e trazendo um dos formatos acima explicados, a Prelatura Pessoal do Opus Dei colabora no projeto SOCEI-Fomento (Sociedade Cooperativa de Equipamentos de Centros de Ensino) através de aulas de religião, assim como atendimento sacerdotal (Müller, 2004) para quem o deseje. Este projeto é importado de Espanha, onde teve início em 1977 (Antunes, 2002). Em Portugal, são quatro os colégios que compõe a representação da SOCEI-Fomento no país, inaugurados entre 1978 e 1979. O ensino nestes colégios é feito de forma diferenciada, sendo o Colégio dos Cedros (Vila Nova de Gaia) e o Colégio do Planalto (Lisboa) destinados aos rapazes. Em contrapartida, para o ensino das raparigas, existe o Colégio Horizonte (Vila Nova de gaia) e o Colégio Mira Rio (Lisboa).

Relativamente à questão do funcionamento ou da posse dos centros ou colégios em que o Opus Dei colabora, o Vigário Regional, Monsenhor José Rafael Espírito Santo deu a seguinte resposta[26]:

[25] Entrevista para Gaceta Universitaria (Madrid), realizada pelo jornalista Andrés Garrigó a 5 de outubro de 1967 (In Entrevistas a S. Josemaria, 2019).
[26] Entrevista para o Diário de Notícias realizado pelo autor, Rui Pedro Antunes, na edição de 27 de janeiro de 2013 (In Antunes, 2016, p. 59).

> "*O que faz o Opus Dei enquanto instituição é dar formação. É ajudar as pessoas a aprofundar o conhecimento da doutrina e tirar consequências para a sua vida prática. Mas para desenvolver as atividades de formação são necessários meios materiais, meios que partem de outras iniciativas que têm um carácter civil. Portanto, as pessoas do Opus Dei e outras que não o são organizam-se de acordo com o carácter civil dessa atividade (…) Ninguém nega. Em qualquer dessas iniciativas está patente que ali se procura viver o espírito do Opus Dei, que ali se dá formação da obra. Isso é claro. Mas quando se diz que essas iniciativas têm carácter civil, não é uma questão de estratégica, é uma de entender o que significa apostar na responsabilidade dos leigos. Isto é uma questão de princípio, não é estratégia*" (In Antunes, 2016, p.59).

Posto isto, Monsenhor José Rafael Espírito Santo procurou esclarecer, a relação entre o Opus Dei e estes colégios ou o Opus Dei e determinadas instituições, sejam elas de ensino ou de outro ramo empresarial.

Segundo se pode apurar junto de fonte do Opus Dei, as últimas informações são referentes a janeiro de 2018 e contabilizavam um total de 1 611 pessoas como pertencentes à Prelatura Pessoal do Opus Dei em Portugal.

2.4 Santificação do trabalho: conceito idealizado

Começar esta análise com uma perspetiva filosófica e histórica acerca do trabalho pode ajudar a explicar o percurso do mesmo até à vertente santificadora que este no seio religioso, em especial na Prelatura Pessoal do Opus Dei. Como tal, enquadra-se a análise de Hannah Arendt (cit. por Chirinos, 2007) que postula o trabalho em três prismas, o trabalho meramente como natureza do Homem, o trabalho como algo levado a cabo por um Homem transformado, mais inteligente e que transforma a sociedade e um trabalho sob a forma de ação que contempla um profundo discurso e virtudes visíveis nos atos heroicos levados a cabo pelos agentes sociais (cit. por Chirinos, 2007)

Ou seja, com base nesta diferenciação é percetível a contextualização evolutiva que a autora traça do trabalho e como os indivíduos se vão agrupando a essas mesmas distinções analíticas. Se no trabalho primário de cariz mais natural observa-se a figura do escravo, enquanto elemento histórico e que situa uma época especifica da sociedade, na terceira postulação que a autora traz é possível ver o Homem moderno e

contemporâneo. Perante isto, Dominique Méda, socióloga francesa e que reentra nesta análise de Arendt, propõe um desencorajamento à existência de um trabalho como parte da natureza do Homem. Isto porque, recolocando tal visão na contemporaneidade (cit. por Chirinos), condiz com uma lógica materialista que o capitalismo trouxe e que segundo a autora não condiz com o pretendido, o assumir por parte do homem e da mulher de atos heroicos.

Em termos religiosos, a definição de trabalho representava uma discordância, visível temporalmente e referida por Hutchison (1997). Em oposição encontram-se dois concílios ecuménicos da Igreja Católica, a designar o Concílio de Trento, que ocorre no século XVI, entre 1545 e 1563 e o Concílio Vaticano II, com quatro séculos de distância, entre 1962 e 1965. Relativamente ao primeiro, subsistia uma ideia de trabalho infama e que afastaria o indivíduo da santidade, chegando Tomás de Aquino a defender que o "trabalho, em todas as suas formas, fora uma condição da queda em desgraça do homem e, portanto, um impedimento para a santidade" (cit. por Hutchison, 1997, p. 70).

Por seu turno, o Vaticano II vem desmentir esse mesmo dogma, e que será usado por S. Josemaria Escrivá na sua tese de santificação do trabalho, mesmo antes de ser veiculado ao próprio concílio. Então, aquilo que vem mostrar é a existência de uma definição diferente do trabalho. Este não deve ser encarado como uma obrigação, mas como a vivência de uma nova forma de estar na vida e nas estruturas sociais que a compõe, sendo o trabalho, uma dessas estruturas que engloba o tecido social. Ora, esta forma de estar aparece como "um novo tipo de espiritualidade, cuja «matéria prima» é composta de trabalho e da vida quotidiana no meio do mundo" (Rhonheimer, 2006, p. 23)[27].

Apesar de poder ser tida como uma nova forma de viver a religiosidade dentro do panorama católico, a ideia de trabalho não é um conceito de S. Josemaria ou do Opus Dei. Aliás, este enfoque é também visível nos protestantes, descrevendo o mesmo "como meio de ascese mais eficaz (…) e, por vezes, único para obter a certeza da graça

[27] Tradução do original: "Aquí aparece un nuevo tipo de espiritualidad, cuya «materia prima» está constituida por el trabajo y por la vida corriente y diaria en medio del mundo" (Rhonheimer, 2006, p.23).

divina" (Weber, 2018, p.109-153). Aliás, segundo perceção calvinista, "o trabalho in majorem gloriam Dei (…) é um serviço efetuado no interesse da organização racional do universo social, evidenciando neste ponto, o tal «amor pelo próximo» (Weber, 2018, p.107). E, embora o Opus Dei nada tenha haver com o protestantismo ao nível ideológico ou institucional, é percetível uma ética de trabalho que o aproxima de uma ética de trabalho protestante, como se pode constatar na explicação acima.

Ademais, o trabalho é visto como uma das primeiras instâncias que o cristão pode ter para almejar a sua santificação (Chirinos, 2002 cit. por Cifuentes, 2007). Tal acontece, porque o trabalho é objetivado como um suprir de uma necessidade, uma espécie de mecanismo de obtenção de uma pena ou, simplesmente uma ação. Isto é, o trabalho é encarado, na sua génese, como um "meio de combater o ócio, essa ociosidade que é mãe de todos os vícios. Não é procurado como coisa boa em si mesma, mas como simples meio ascético" (Illanes, 1982, p.27). Aqui, o autor aproxima-se mais da imagem negativa e pejorativa do trabalho, mas em momento algo deixa de evocar a sua preponderância no meio social.

Por conseguinte, e tendo em linha de conta uma análise mais contemporânea do trabalho, é necessário especificar em que moldes e constrangimentos é que ocorre a sua solidificação na teia social. Então, o conceito de trabalho está envolto a um estigma social, atado a uma associação ao desempenho de uma atividade profissional, sendo que esta confere uma remuneração ao agente social.

Mas, tal definição contém apenas um dos vários eixos que ilustram a imagem do trabalho. Fala-se, portanto, de um certo trabalho profissional, mas em que valores é que este se baseia? Este conceito não se direciona, apenas para as atividades que os indivíduos realizem e que tem por base uma contratualização ou o pagamento remuneratório. O trabalho diz respeito a toda e qualquer atividade que o agente social desenvolva e que vai desde uma mãe a cuidar dos seus filhos, à realização das tarefas domésticas ao exercício do papel de mulher ou marido e o comportamento que lhes é associado.

A ideia de trabalho profissional requer a compreensão da inserção da palavra «profissional» nesta equação. S. Josemaria explicava que o trabalho era encarado como

“forma estável de vida, como fonte de ideias e aptidões de cada qual, como modo de realizar a solidariedade que une os homens entre si, como inserção na sociedade temporal, como atividade cujas características são ditadas pelas estruturas humans” (Cit. por Illanes, 1982, p.29).

Então, a convergência das estruturas humanas no mundo do trabalho levou à estipulação de pressupostos técnicos, éticos e deontológicos que formam uma normativa que segmenta o comportamento dos agentes (Cifuentes, 2007). Estes podem ser mais específicos consoante área de atividade, mas representam uma orientação padronizada na realização do trabalho em si. Apesar disto, a execução de um trabalho profissional concretiza-se através de uma vocação profissional por parte dos cristãos, e neste caso específico, pelos membros da Prelatura Pessoal do Opus Dei. Tal distinção implica associar a valoração de que estes crentes colocam no trabalho, sentimento sobrenatural e embutidos na forma como Cristo encarou o trabalho e que vai para além da “consideração meramente ascética (remédio contra o ócio) ou simplesmente moral (dever de estado)” (Illanes, 1982, p. 31).

Estas dimensões não são alheadas do raciocínio do Fundador do Opus Dei, S. Josemaria. Este considera-as necessárias, mas somente se tiverem em linha de conta esta visão sobrenatural, em que há uma purificação de “«todas as ações, de elevá-las à ordem de graça, de santificá-las e convertê-las em instrumento de apostolado»” (discurso de Mons. Escrivá, 1950 cit. por Illanes, 1982, p. 69).

O trabalho é também um espaço de relações humanas, de intercâmbio entre interlocutores, portanto a visão deste como um fenómeno decorrente em determinado espaço físico é insuficiente para explicar a transcendência que este assume e que está aqui em causa. Posto isto, identificar o trabalho como um cenário intangível oferece uma possibilidade maior de compreender a sua mais valia. Porventura, essa visão tende a representar o trabalho como um espaço onde os cristãos poderão fazer apostolado e “dar a conhecer, com o exemplo da sua vida e com a sua palavra, a doutrina de Cristo” (Byrne, 1984, p. 18). Esta ideia é aplicada ao Opus Dei, à semelhança do que acontece com o protestantismo, onde a importância do trabalho tem na sua origem um

sentimento religioso cultivado no próprio protestantismo e o qual reside na convicção de que cada crente tem uma missão (Weber, 2018).

Se o leitor tiver em conta a normativa que torna o trabalho profissional e as tais relações humanas que nele ocorrem está perante um fenómeno que potencia o desenvolvimento social, que promove os indivíduos na sociedade. O cumprimento das regras que regulam o bom funcionamento da sociedade, explicitas nos diversos pontos pelos quais o trabalho profissional se rege orienta o mortal para um caminho que se deseja santo.

Esta abordagem mais contemporânea e valorativa do trabalho condiz com uma visão veiculada em tempos passados e que tinha nas palavras de S. Josemaria o seguinte:

> *"«Recordando aos cristãos as palavras maravilhosas do Génesis – que Deus criou o homem para que trabalhasse – fixámo-nos no exemplo de Cristo, que passou a quase totalidade da sua vida terrena trabalhando numa aldeia como artesão»*" (cit. por Byrne, 1984, p. 23).

S. Josemaria explorava esta máxima assente em três concretizações, a santificação do trabalho, a santificação do próprio no trabalho e a santificação dos outros no trabalho. O excerto abaixo ajuda a compreender como S. Josemaria definia a santificação do trabalho:

"todo o trabalho humano honesto, tanto intelectual como manual, deve ser realizado pelo cristão com a maior perfeição possível: com perfeição humana (competência profissional) e com perfeição cristã (por amor à vontade de Deus e em serviço dos homens (…) contribui para a ordenação cristã das realidades temporais – a manifestação da sua dimensão divina – e é assumido e integrado na prodigiosa obra da criação e da redenção do mundo: o trabalho eleva-se assim à ordem da graça, santifica-se, converte-se em obra de Deus, operatio Dei, opus Dei". (Escrivá de Balaguer, 2019, p.31).

Capítulo 3 – O processo metodológico

Este trabalho de investigação tem como objeto de estudo uma instituição sobre a qual se deseja aprofundar o conhecimento, especialmente de natureza sociológica. Posto isto, a metodologia a ser utilizada será uma metodologia qualitativa. Este tipo de metodologia privilegia a qualidade dos dados recolhidos ao invés da quantidade, estando associado a uma lógica de pensamento indutiva. Isto é, a informação que será recolhida, não será confrontada com hipóteses teóricas estabelecidas à priori, mas antes analisada como um todo, tendo por base prossecução de determinados objetivos, retirando daí as conclusões possíveis.

Então, o trabalho teórico realizado antes da incursão pelo terreno é um caminho de contextualização, de forma a que haja uma concordância entre aquilo que é a realidade teórica e a realidade empírica. A metodologia qualitativa é, portanto, uma forma de trabalho que não tem apenas uma direção, mas onde a construção e confrontação de hipóteses é um processo contínuo e realizado desde o princípio até ao fim da investigação (Guerra, 2006).

A partir de um "património acumulado de interpretações provisoriamente validadas que se chama de teoria (…) temos um ponto de partida para a pesquisa" (Silva; Pinto, 1990, p. 56) e sobre o qual a investigação se irá incidir. Não se está perante a verificação de qualquer tipo de hipótese estabelecida, mas antes com uma socialização do fenómeno que irá ser estudado. As técnicas de investigação a serem utilizadas no decorrer da investigação serão a análise documental e a entrevista. Relativamente à entrevista, esta será utilizada como técnica de recolha de dados e como técnica de investigação.

A análise documental consiste na apresentação de um documento ou do relatar do conteúdo do mesmo, de uma forma trabalhada e não como este fora produzido. Assim, esta técnica procura manter a autenticidade dos factos, apresentando-os de forma mais objetiva e resumida, fazendo a transição de um documento primário para um secundário, onde o produto final será um resumo do inicial (Bardin, 2011).

Esta técnica será importante para se conhecer a organização sobre a qual a investigação se irá desenvolver, procedendo-se à análise do conceito de santificação do trabalho, assim como a sua importância para o Opus Dei. Nesse sentido, a análise documental será importante para aferir essa predominância, através de documentos e uma perspetiva interna do objeto empírico a fim de promover essa máxima da santificação do trabalho. Quanto mais informação for recolhida através da análise de documentação, mais condições existirão para a realização da outra técnica de investigação, a entrevista. A sua utilização será visível no ponto 2.4 do segundo capítulo, onde o recurso a informação recolhida através de fontes da Prelatura Pessoal do Opus Dei será utilizado, de uma forma mais veemente.

No início desta investigação, existiam certos constrangimentos que necessitavam de ser ultrapassados, nomeadamente, o acesso à própria organização, onde a bibliografia existente fica escassa para análises mais profundas. Como tal, foi estabelecido o contacto com um membro do Opus Dei, denominado informante privilegiado que se mostrou disponível para a realização de uma entrevista[28] no início da investigação. A sua menção durante a mesma irá assumir o nome fictício de José. Ora, essa entrevista pode-se tipificar com uma amostragem por caso único, onde através de um contacto, realizou-se uma entrevista semiestruturada. Segundo Bertaux, esta pesquisa exploratória funcionou como um impulsionador, abrindo pistas para análise futura (cit. por Guerra, 2006), viabilizando toda a investigação.

Falando um pouco da entrevista, como técnica de investigação, esta será aplicada a membros do Opus Dei, contemplando um total de dezasseis entrevistas, oito entrevistados do sexo masculino e oito do sexo feminino. Dada a dificuldade de acesso e escassez de contactos no meio, a nossa amostra foi construída com a ajuda de um informante privilegiado, tendo por base uma amostra em bola de neve (*snowball sampling*), onde se identifica "um ou mais indivíduos da população a estudar e pede-se-lhes que identifiquem outros elementos da mesma população" (Bacelar, 1999, p.37).

Sendo esta uma metodologia qualitativa, a amostra não será representativa da população total, embora haja uma preocupação em produzir algo o mais próximo da

[28] Ver anexo 4.

realidade. Ora, uma das contrariedades deste tipo de amostragem prende-se com a homogeneidade que a amostra tende a formar. Nesse sentido, é pedida uma amostra condicionada ao individuo (*respondente-driven sampling*), tendo em conta "um conjunto de características desejadas destes elementos, determinados pelo investigador" (Bacelar, 1999, p.38).

A entrevista oferece um conhecimento profundo e autêntico acerca da temática, assim como, uma aproximação com o entrevistado. O tipo de entrevista utilizado será a semiestruturada. Esta consiste na prossecução de um conjunto de objetivos que se querem ver respondidos, mas também adotar uma postura de viajante, onde subsiste a capacidade de absorver todo o conhecimento proveniente da entrevista, desde o momento que a precede até a um momento posterior (Kvale, 1996). Daí que após o término da mesma, haja uma série de informação em bruto, procedendo-se ao seu tratamento e análise, não esquecendo os objetivos definidos inicialmente.

As entrevistas decorrem sob os princípios éticos e deontológicos que o investigador deve seguir, sendo que a participação voluntária e a recolha de informação exclusivamente para fins da investigação são aspetos presentes no decorrer de toda a pesquisa e aplicação das técnicas, assim como o consentimento informado e proteção dos dados dos participantes.

Estando a desenvolver um trabalho acerca do Opus Dei, de modo a melhor compreender os princípios e visões desta instituição da Igreja Católica, os entrevistados serão membros da mesma. O objeto de estudo terá por base a análise à ética de trabalho do Opus Dei, sendo que a perceção dos seus membros acerca do fenómeno será uma mais valia e um contributo indispensável para alcançar um conhecimento aprofundado da organização. Como tal, os entrevistados estarão a exercer uma determinada atividade profissional, numa determinada área e num determinado setor. Do ponto de vista geográfico, a opção metodológica incidiu sobre a Área Metropolitana do Porto e a Área Metropolitana de Lisboa, as duas zonas do território que congregam um maior número de fiéis do Opus Dei.

Explicada a metodologia utilizada durante esta dissertação, chama-se, de novo, a atenção para os objetivos que conduzem o investigador no decurso da sua

investigação, que se encontram explanados na introdução, sendo dois os objetivos gerais e quatro objetivos específicos. Estes objetivos, de uma forma genérica, procuram dar a conhecer ao leitor uma instituição hierárquica da Igreja Católica, assim como alguns dos seus membros, onde com os seus testemunhos será mais fácil atingir esse conhecimento. Os objetivos promovem também a prossecução de uma comparação entre esta instituição e uma análise weberiana da ética protestante.

3.1 Caracterização da amostra

Durante a aplicação da técnica de investigação, o investigador foi estando ciente daquele que seria o atingir do ponto de saturação. Inicialmente, com uma previsão de doze entrevistas a realizar, o ponto de saturação foi alcançado ao final de dezasseis entrevistas aplicadas, momento em que o conteúdo informativo das entrevistas não representava um acréscimo de informação face ao até então recolhido, dando por terminado a aplicação das entrevistas. Apesar das previsões iniciais, foram incluídos dois casos que, atualmente, não desempenham nenhuma atividade profissional, devido ao limite de idade para tal ter sido atingido. Como tal, ambos os casos, foram entrevistados na condição de reformados. Contudo, a sua inclusão mostrou-se benéfica para a investigação, permitindo alcançar um conhecimento mais aprofundado e um cruzamento de dados certos dados, numa perspetiva de contextualização ou de comparação, dependendo da questão em concreto.

Na idealização daquela que poderia vir a ser a amostra da investigação, não foi pensada nenhuma quota relativamente à média de idades, procurando, apenas, que esta fosse abrangendo todas as faixas etárias, também para perceber como é que a questão investigativa era equacionada, em gerações e faixas etárias distintas. A média de idades verificada permite-nos estar perante uma amostra, perfeitamente inserida no mercado de trabalho, facto que oferece uma riqueza informativa acerca da ética de trabalho dos nossos entrevistados. Apesar disso, tal indicador não nos limita do ponto de vista metodológico, perante casos com inserções no mercado de trabalho mais recentes e embrionários. Estes percursos, também eles, são bastantes esclarecedores e

elucidativos da ética de trabalho da instituição que se propôs estudar no decurso da investigação.

3.2 Guião de entrevista

A elaboração do guião de entrevista[29] decorreu após uma teorização acerca da instituição sob a qual a presente investigação se debruça, fase que permitiu atingir um conhecimento mínimo necessário para a elaboração de questões que fossem pertinentes para desenvolver o trabalho. As questões foram construídas com base nos objetivos, inicialmente definidos pelo investigador, sendo que o guião engloba cinco grupos de questões.

Um primeiro lote de questões foi de natureza sociodemográfica, realizadas estritamente para fins académicos e sob os quais os mesmos concordaram. O segundo conjunto de questões, incidia sobre algumas questões genéricas sobre a Prelatura Pessoal do Opus Dei, o que permitia compreender e aprofundar o conhecimento sobre a mesma, conjugando assim as informações obtidas pela pesquisa documental efetuada e a informação que os entrevistados tinham para dizer face à mesma.

Posteriormente, um leque de questões sobre aquele que era o principal aspeto da investigação, o contexto profissional do indivíduo, potenciando nesta fase questões acerca da sua relação com os outros, assim como perguntas de cariz mais introspetivo da conduta e de como estes agem no seu trabalho.

Numa quarte parte do guião, dedicou-se também um foco no dia a dia dos indivíduos, fruto do esclarecimento que se obteve junto da pesquisa inicial e onde se percebeu que a santificação do trabalho não ocorre apenas no desempenha de uma atividade profissional, mas na plenitude do quotidiano destas pessoas.

Por último, um grupo dedicado ao contexto familiar, importante para percecionar como era conjugada este modo de vida e os seus familiares diretos. A sequência das perguntas do guião de entrevista foi estruturada de forma intencional, direcionando as questões da esfera mais particular para uma fase mais avançada da

[29] Ver anexo 5.

entrevista, momento em que o entrevistado já se encontraria ambientado e dentro dos propósitos da investigação.

3.3. Aplicação das entrevistas

As entrevistas foram aplicadas num espaço temporal de mês e meio, mais precisamente, entre o dia 16/01/2020 e o dia 29/02/2020, em dia combinado mediante o cruzamento da agenda do entrevistador e do entrevistado. Estas decorreram em zonas afetas à Área Metropolitana de Lisboa e Área Metropolitana do Porto.

Os locais das entrevistas variam de entrevistado para entrevistado, dependendo este da circunstância do mesmo. Discriminando os vários locais: cafés, centros comerciais, estabelecimento de ensino superior, as próprias habitações dos entrevistados, o Oratório S. Josemaria (Rua Vera Lagoa, 5-C 1600-028 Lisboa) e as sedes dos centros do Opus Dei, o Veja Clube e Residência Universitária (Rua de Ricardo Severo, 131 4050-460 Porto) e Montes Claros – Residência Universitária (Rua Vera Lagoa 5, 1600-028 Lisboa).

A duração das entrevistas não foi definida, à priori, pois estando perante um guião de entrevista semiestruturado a sua duração dependeria daquele que seria o comportamento e resposta do entrevistado face ao que lhe era interpelado. O tempo das mesmas variou, sendo que a menor tem a duração de vinte e cinco minutos e a maior a duração de duas horas de quarenta e sete minutos. Uma boa parte das entrevistas, encontra-se entre os trinta e os sessenta minutos de duração.

O áudio das dezasseis entrevistas foi gravado, com a devida autorização por parte dos indivíduos, para depois serem transcritas, na sua totalidade e posteriormente, analisadas pelo investigador.

3.4 Análise das entrevistas

A análise das entrevistas decorreu após a transcrição integral das mesmas. Esta decorreu com recurso a uma grelha de análise[30], disponível em anexo. E, apesar de a mesma estar construída da esquerda para a direita, a sua idealização foi pensada de forma contrária, da direita para a esquerda. Isto é, através do guião de entrevista, foi feito um levantamento dos principais tópicos que suportavam as questões colocadas (representados na tabela em anexo da letra (a) à letra (s). Após selecionados estes tópicos considerados necessários à prossecução dos objetivos, os mesmos foram agrupados em secções, num total de dez, de análise interpretativa ao conteúdo retirado das entrevistas. Descrevendo as diferentes categorias: a caracterização sociodemográfica, as representações do Opus Dei, a entrada no Opus Dei, dentro do Opus Dei, caminho individual, expectativas, contexto familiar, definição subjetiva, relações com o protestantismo e relações humanas. O tratamento destas categorias permitiu conjugá-las em três grandes grupos que contemplaram a análise das entrevistas, discriminando, questões identitárias, que constituem, quer entrevistados, quer a própria instituição, a santidade no quotidiano e como é vivido essa máxima ao longo do dia destes indivíduos, e por último, mas não menos importante, a santificação do trabalho.

[30] Ver anexo 6.

Capítulo 4 – Conhecer um Opus Dei à vista de todos

4.1 Questões identitárias

4.1.1 Caracterização dos entrevistados

Cumprindo a premissa de salvaguarda dos dados pessoais de cada um dos entrevistados, mantendo o seu anonimato e apenas utilizando os dados para fins académicos e de auxílio ao presente trabalho de investigação, foi atribuído a cada um dos intervenientes um número, que servirá para fazer referência sempre que algum entrevistado seja mencionado. Posto isto, de seguida encontra-se a tabela com os indicadores recolhidos necessários a poder traçar um perfil sociodemográfico dos membros do Opus Dei, nomeadamente, o sexo, a idade, as habilitações académicas e a profissão.

Tabela 5 - Caracterização da amostra

Nome	Sexo	Idade	Habilitações académicas	Profissão
E1	Feminino	25	Licenciatura	Enfermeira
E2	Feminino	46	Ensino secundário	Auxiliar de educação
E3	Feminino	68	Doutoramento	Médica
E4	Masculino	33	Doutoramento	Sacerdote
E5	Masculino	48	Ensino secundário	Diretor-geral SAD de futebol
E6	Masculino	59	Licenciatura pré-Bolonha	Engenheiro zootécnico.
E7	Masculino	23	Licenciatura	Professor de piano e teatro
E8	Masculino	69	Licenciatura	Reformado (Área de recursos humanos)
E9	Feminino	55	Licenciatura	Gestora de seguros
E10	Feminino	61	Mestrado	Economista
E11	Masculino	88	Licenciatura	Reformado (Administração e Presidência setor bancário)
E12	Masculino	47	Licenciatura	Professor de Educação Física
E13	Feminino	59	Licenciatura	Médica
E14	Masculino	35	Licenciatura	Empresário agrícola
E15	Feminino	60	Licenciatura	Diretora Grupo (setor farmacêutico)
E16	Feminino	43	Mestrado	Administradora empresa (setor da Administração Interna)

Foram entrevistadas 16 pessoas afetas ao Opus Dei, contabilizando um total de oito homens e oito mulheres, formando uma amostra igual no que ao sexo dos entrevistados diz respeito. Relativamente ao indicador idade, as idades dos intervenientes estão compreendidas entre os 23 e os 88 anos de idade, sendo que a média é de 52 anos de idade.

Relativamente às habilitações académicas, apenas dois dos 16 não tem um curso superior, tendo completado o ensino secundário. Dos restantes, salienta-se uma predominância do grau de licenciatura, com um total de nove, a juntar também 1 licenciatura pré-Bolonha, 2 mestrados e 2 entrevistados com o grau de doutoramento. Tais dados vincam a elevada qualificação dos entrevistados.

Relativamente à profissão, a amostra contempla vários setores de atividade, nomeadamente, o setor educativo, com uma auxiliar de educação, um professor de piano e teatro e um professore de Educação Física, o setor da saúde, com a inclusão de uma enfermeira e duas médicas, o setor bancário, com a inclusão de um reformado ligado à Administração e Presidência de um banco. Destacam-se também um engenheiro zootécnico, uma economista, um empresário agrícola, assim como outras funções ligadas a cargos de chefia, como uma gestora de seguros, um diretor-geral de uma SAD de futebol, um reformado ligado à área de recursos humanos, uma diretora de um grupo no setor farmacêutico e uma administradora numa empresa ligada ao setor da administração interna.

Foi admitido nesta investigação a inclusão de 2 casos que diziam respeito a duas pessoas reformadas, mas que a sua inserção era benéfica para os objetivos propostos. Estes testemunhos permitem realizar uma análise mais concisa, aprofundando temas e dimensões interessantes e que o seu incremento é oportuno e viável para uma melhor compreensão e conhecimento da instituição do Opus Dei e do aspeto específico da santificação do trabalho.

Figura 3 - Distribuição geográfica dos participantes



Fonte: <https://observador.pt/especiais/luzes-bolo-rei-animacao-quanto-custou-natal-as-autarquias-empresaspublicas/?fbclid=IwAR0dMn1_toSAlnTDyY9NHjHitvvOaBYYrvvz3wgmsQnLYvyjRi0XAeBxa3Y>

Relativamente à origem dos entrevistados, um dos critérios consistia em que estes fossem residentes ou da Área Metropolitana do Porto ou da Área Metropolitana de Lisboa. Dos 16 entrevistados, oito residiam na AMP e os restantes oito na AML. A figura acima faz valer essa mesma representação, estando preenchidos os concelhos que albergam indivíduos entrevistados, a azul e laranja, correspondendo à AMP e AML, respetivamente. Da zona norte destacam-se os concelhos da Maia, Matosinhos, Porto, Vila Nova de Gaia e Santa Maria da Feira. Por seu turno, na zona sul do país destacam-se os concelhos de Sintra, Cascais, Odivelas, Lisboa e Seixal. A figura mostra os concelhos preenchidos a azul e a laranja, os residentes na AMP e na AML, respetivamente.

4.1.2 Representações do Opus Dei

Esta investigação começou por falar do catolicismo, surgindo mais tarde uma contextualização da Prelatura Pessoal do Opus Dei. Após entrevistar alguns dos seus fiéis, uma das nuances consistia em objetivar onde é que estes situavam o Opus Dei na estrutura e vida da Igreja Católica.

A resposta obtida foi unânime e todos os 16 entrevistados foram perentórios em colocar o Opus Dei como parte integrante e uma instituição dentro da Igreja Católica. Sendo "um dos modos de viver a mensagem da Igreja Católica" (E3), a prática do Opus Dei está "corretamente identificada com a Igreja Católica tradicional… os hábitos e costumes tradicionalistas da Igreja Católica" (E12).

Um dos entrevistados, de uma forma segura, chegou mesmo a afirmar "separar o Opus Dei da Igreja é «matar» o Opus Dei. Este deve ser visto como uma parte da Igreja e que sem ela não é nada" (E14). Tal resposta faz perceber a forma como é encarada a fonte doutrinal e à qual o Opus Dei se inspira no seu dia a dia. O facto de ser a única Prelatura Pessoal, com os seus estatutos e forma jurídica devidamente consolidados, a sua ação em última instância pode ser questionada pelo Papa, cenário que os membros caracterizam como inquestionável, tendo o Opus Dei "completa fidelidade ao Santo Padre" (E15). O Opus Dei é visto como um dos vários caminhos que podem ser encontrados na pluralidade de formas de viver a religiosidade cristã e católica, algo que é descrito no seguinte excerto:

> "*O Opus Dei é sempre uma instituição da Igreja que tem uma estrutura complementária, não originária, originária têm as paróquias que é onde as pessoas se batizam. É uma concretização, se quisermos assim, da mensagem da Igreja, dando uma coloração especifica que é ser santo no seu trabalho, ser santo na sua família, ser santo nos seus tempos de desporto, lazer"* (E4).

Apesar de coabitar um discurso de vitalidade com a proliferação de instituições e formas de viver a fé católica, vários são aqueles que identificam na Obra, designação, frequentemente, utilizada pelos seus membros, uma importante função doutrinal, pois "aquilo que o Opus Dei proporciona é formação, formação numa espécie de catequese. O que é que é uma catequese? No fundo, ajudar-nos a compreender melhor os evangelhos, a mensagem de Jesus Cristo" (E14). E, numa era de que se fala de um certo distanciamento dos indivíduos à religião, o Opus Dei "é um instrumento importantíssimo dentro da Igreja, precisamente porque bate nessa temática da santificação pessoal, que é isso que falta, atualmente, à Igreja no seu todo. É uma catequese, que ensina a ser cristão, oferece em quantidade e substância" (E5).

Por conseguinte, uma das questões que se levanta é se essa catequese oferecida pela Obra pode ser encarada como uma espécie de fechamento grupal apenas disponível aos membros da instituição ou se esta pode ser aproveitada por todos. Sobre este ponto, destaca-se este excerto de um dos entrevistados que ajuda a compreender essa questão:

> *"Qualquer pessoa pode usufruir dessa catequese, dessas aulas de formação que tocam muitos pontos, vão desde questões básicas de doutrina até questões complexas de teologia ou de sociologia ou de filosofia. Epá, e aprende-se imenso, aprende-se imenso, portanto, noto que, no fundo, é uma grande mais valia haver um centro da Obra, de pessoas que vivem num centro da Obra disponíveis para dar essa formação e que a Obra seja isso"* (E14).

Apesar de o Opus Dei ser "uma ramificação daquilo que é o tronco comum, que é a doutrina da Igreja Católica" (E7), não faltam testemunhos a dar conta da singularidade deste grupo, como mostra o seguinte excerto:

> *"É uma pequena parte da Igreja. Somos pessoas que fazemos tudo aquilo que a Igreja recomenda, a minha vida rege-se por aquilo que a Igreja e o Papa ensinam. Pertencer ao Opus Dei é assim como que uma luz diferente para viver o evangelho no meu dia-a-dia (…) receber esta ajuda do Opus Dei para viver melhor o Evangelho com estas características especiais, que são: todos somos chamados a ser santos, portanto a Santidade é uma chamada que Deus faz a todos e não precisamos de sair do nosso dia a dia , do nosso quotidiano, para estar mais perto de Deus, para conhecer e amar a Deus "* (E13).

Relativamente a este excerto, denota-se um claro aproximar de posições face à conceção protestante de santidade, onde todo o percurso com vista à salvação, universalmente proclamada e vocacionada a todos os indivíduos requer um percurso totalmente racionalizado, destinando-se "unicamente a aumentar a glória de Deus na Terra" (Weber 2018, p.113). Através de alguns destes excertos, consegue-se vislumbrar uma instituição religiosa na sociedade, descrita por aqueles que nela estão inseridos. É uma visão da organização para a sociedade, aquilo que ela poderá oferecer não só à comunidade religiosa, como também à restante sociedade civil. Mas, a mensagem estará a ser bem recebida? Que roupagem terá o Opus Dei à vista dos restantes agentes sociais? Ao analisar as diversas respostas dos 16 entrevistados, palavras como tristeza,

tolerância e respeito foram das mais utilizadas para caracterizar as representações sociais acerca do Opus Dei, encarando tal cenário como natural face a um desconhecimento que, muitas vezes, se verifica junto da população sobre o Opus Dei. Os seus fiéis procuram, portanto, adotar uma postura de compreensão perante tais representações.

Uma primeira grande representação que subsiste na sociedade é a associação de pessoas ricas ao Opus Dei., como nos conta a E2: "tenho duas colegas que não sabiam que eu era do Opus Dei, e quando faço a minha apresentação sobre S. Josemaria, uma diz-me «agora desanimaste-me, com esta é que eu não contava». No fim, perguntei, «mas, porque é que eu te desapontei?» - «porque o Opus Dei é só para ricos". Ora, tal "pode-se dever ao facto de como em Portugal a entrada do Opus Dei se deu pela Universidade de Coimbra, muito provavelmente, muitos dos membros que eram estudantes na altura, entretanto, completaram o seu curso, foram os primeiros, foi a partir dali. E, como o apostolado é feito por amizade, as pessoas conversam com os seus amigos e vão espalhando por amizade, era provável que muitos dos primeiros fossem de profissões relacionadas com o estudo e com a vida universitária. Claro que à medida que se vai alargando, vê-se que está alargada a muitas profissões" (E6). Mas, tal preferência inicial fosse com o intuito de segregar a população? Através do seguinte testemunho pode ser explicado uma razão plausível:

> "*Era natural que assim fosse, porque depois esses estudantes amanhã são professores e então, podem atuar do ponto de vista do apostolado de uma forma muito diferente, que se for o tal chauffeur de táxi, não quer dizer que o chauffeur de táxi não tenha que fazer apostolado, até tem uma circunstância que fala com muita gente, mas evidentemente que uma pessoa que tenha uma formação universitária pode chegar a mais pessoas"* (E11).

A questão que se coloca passados 91 anos de existência, é se o Opus Dei continua a ser refém dessa mesma representação. Para o E7, a resposta é clara, "os estigmas vão ficar associados para sempre, quer dizer, é uma memória coletiva que se criou e que muito dificilmente se vai desmistificando". Uma segunda representação prende-se com um certo sincretismo e um ainda desconhecimento do Opus Dei na sociedade em geral, ou um parcial conhecimento, assente em livros ou filmes (E4), preconizando

"comparações que são completamente opostas, entre por exemplo, a Maçonaria e O Opus Dei que são completamente o oposto, essa mensagem revolta um bocadinho interiormente" (E1). E, apesar desta revolta interior para com a incompreensão da vocação do Opus Dei junto da sociedade, torna-se ainda mais doloroso quando essa não aceitação vem de dentro, pois "mesmo dentro dos católicos, há quem olhe de lado para o Opus Dei" (E15), talvez por culpa do contexto em que este aparece, "como um movimento com alguma diferenciação e sobretudo exigindo para os numerários o celibato, criou-se uma onda de que se tratava de uma coisa oculta" (E11). Isso foi desaparecendo pouco a pouco, havendo um esforço da Obra de desmistificar essas questões (E16). Apesar disso, tais representações continuam a manifestar-se em situações como a que se pode ler de seguida:

> *"No meu trabalho, houve momentos de chacota, e eu não me posso esquecer disso" – descreveu um desses momentos, num convite que tinha dirigido a uma colega – "«um dia se tu quiseres podes ir a um retiro de mulheres, vais com a minha mulher» e ela «ah, mas pertence a quê, a que ordem religiosa? Dos franciscanos?» e eu «não, olha, é da Obra, do Opus Dei, uma coisa gira» - «que horror, tu és maluco, esses são fulanos doentes, são obcecados, nunca te pensei assim»*" (E12)

Por último, uma representação que tende a existir prende-se com a tendência para uma assembleia mais masculina do que feminina na Obra. Ora, essa representação tem sido uma luta constante da Obra. O testemunho que se segue é o de um entrevistado que conta com mais de trinta anos dentro da Prelatura Pessoal do Opus Dei e que explica ou tenta desconcertar essa mesma representação existente. Isto é, procura contextualizar a entrada da mulher na Obra:

> ''*Isso foi só muito nos primeiros anos e eu digo porquê. Porque enquanto a Obra andou por Portugal, Espanha, França seria isso, estamos a falar dos 40, princípios dos anos 50. Mas, a partir do momento em que a Obra começa a expandir-se. Sabe quem é que levou a Obra para os Estados Unidos? Foram mulheres filipinas, foram lá, e montaram os primeiros centros da Obra nos Estados Unidos. E, assim também em muitos países asiáticos e até africanos. Portanto, essa situação rapidamente inverteu-se, foi assim nos primeiros anos. Porque, digamos, quando a Obra se funda e se instala numa região, num país novo, em que alguém teve disponibilidade para ir, largar tudo, portanto, o fundador do Opus Dei chegava-se ao pé de um irmão, de um filho dele e dizia «Filho, temos condições para começar o trabalho em Lyon, na Suíça, etc. Estás disponível para ir para lá?» E, normalmente, isto era feito com homens, porquê? Porque, de facto,*

estamos a falar nos anos 40 e 50, em que os homens têm mais disponibilidade para estas coisas, não são as senhoras. Mas, como digo, foi só nesses primeiros tempos e por estas razões, a maior disponibilidade da parte dos homens, não é. Não seria tão fácil fazer isso com mulheres (…) nós estamos no meio do Mundo, temos que viver um bocado com os constrangimentos que existem no Mundo, e de facto, naquela altura, só os homens tinham disponibilidade para largarem tudo e começar um trabalho destes numa cidade, num país novo, etc. Mas, isso a partir de meados dos anos 50, fim dos anos 50 alterou-se tudo. Há muitos países onde o trabalho da Obra começou por mulheres, começam a falar com amigas casadas, as amigas casadas têm os maridos, depois os maridos também entram" (E8).

Aquando da sua fundação, o Opus Dei tinha somente homens entre as suas fileiras, no entanto, o Fundador, S. Josemaria sempre mostrou preocupação e a importâncias das mulheres, quer na sociedade, quer na Obra. Uma das entrevistadas refere que a "catorze de fevereiro de mil novecentos e trinta, o Prelado escreveu uma carta e chama a atenção para a importância das mulheres a vários níveis e são uma grande ajuda, na sociedade, na família, em todos os sítios" (E9).

Após um primeiro esclarecimento de onde o Opus Dei se inseria dentro do seio católico e do levantamento de algumas representações sociais acerca do mesmo, o caminho passa por uma incursão sociológica sobre aquele que poderá ou não ser um grupo de importância em tempos como os atuais. É certo que a sociedade moderna contemporânea atual, cada vez mais embutida em lógicas globais, pluralistas e num ritmo frenético para os indivíduos pode representar dificuldades para o desenvolvimento da fé individual e coletiva. Mas será mesmo essa a opinião daqueles que através do Opus Dei vivem essa fé nesta mesma sociedade? A resposta vem-nos através do E5, que nos diz que "cada vez mais a sociedade é profundamente materialista, hedonista, vive numa lógica de egoísmo crescendo, o oposto do que é a mensagem do cristianismo". Não obstante, outro dos entrevistados remete, portanto, para a importância dos cristãos neste contexto, dizendo que "para isso também estão os cristãos, para dar vida a essas estruturas e voltar a dar dignidade às pessoas que trabalham nelas. Isto é, não ver as pessoas como meios, mas como fins" (E4).

Analisar o contexto profissional e as relações laborais eleva-nos a uma profunda competitividade, "as pessoas têm o que se chama de profissionalite, têm a profissão infetada, só trabalho, trabalho, trabalho e acabam por perder o sentido do que estão a

fazer e acabam por atropelar outros valores da sua vida" (E3). As pessoas tendem a ser absorvidas pela sua bolha laboral, o que em parte condiciona o seu investimento noutras esferas da vida.

O Opus Dei não está à margem da realidade a que a Igreja e o catolicismo estão inseridos, sendo uma luta do grupo para com todos os seus membros e simpatizantes. Assiste-se, por isso, a uma crise das vocações, cenário que corrobora a tese de que "A Igreja no seu todo está «doente»., está «débil», está fraca e eu acho precisamente que é por o cristão em si não aprofundar a sua relação com Deus. Ou seja, o Mundo hoje não está melhor porque nós cristãos não somos melhores, individualmente" (E5).

A solução a esta crise de vocações encontra-se expressa no protestantismo e naquela que Weber diz ser uma relação própria do calvinista com Deus, "num isolamento interior profundo" (Weber, 2018, p.106), aproximando o indivíduo à salvação espiritual que a relação com Deus promulga. Por isso, o caminho levado a cabo, quer individualmente, quer coletivamente, deve ser um caminho de esperança e mudança, mudança dos comportamentos, e repensar os valores de uma sociedade refém das suas próprias dinâmicas. O Opus Dei pode ser visto pelos seus membros e ações que estes realizando, como é o testemunho que em baixo é apresentado:

> *"Quando me pedem para ir falar sobre valores que valham a pena, para uma pessoa reformar a sociedade e viver com valores e não com interesses (…) temos que organizar a sociedade e as coisas de maneira a que elas funcionem, mas temos de nos mexer, os católicos*" (E3).

Este excerto acima espelha muito daquilo que é o espírito vivido pelos membros do Opus Dei, seja no seu meio ambiente habitual ou de ambiente esporádico e de circunstância, a procura por realizar o apostolado, de passar a mensagem, inicialmente cristã e depois a coloração especifica vivida na Obra. O seu fundador, S. Josemaria é alguém que está muito presente em todas as entrevistas, sendo inspiração e referência em muitas questões colocadas. Numa dessas situações, o E4 chega mesmo a referir "S. Josemaria dizia, a nós interessa-nos as pessoas com pouco tempo, porque são essas pessoas que, na verdade, na verdade, entendem melhor o que é o Opus Dei, que é viver na sua família, no meio do Mundo". Esta visão é acompanhada por todos os seus seguidores e fiéis do Opus Dei, vislumbrando uma utilidade imensa no papel que o Opus

Dei pode e deve prestar na vida dos indivíduos, como é possível identificar no excerto abaixo:

> *"Há vantagens de termos esta forma de viver no meio do mundo e santificarmo-nos no meio do mundo, porquê? Porque qualquer ocasião é um motivo de santificação, qualquer ocasião, em qualquer circunstância, nós estamos a ver Deus, vamos andar de transportes, podemos rezar, rezar o terço, podemos elevar a nossa mente a Deus, podemos ler nos transportes, podemos tomar atenção às outras pessoas, por amor a Deus" (E7).*

Este exemplo acima descrito confere aquela que é uma tremenda adaptação dos membros do Opus Dei face à sua condição mundana, ajuda potenciada pelo Opus Dei, permitindo assim "enfrentar o turbilhão da correria atual da vida (E6). Na resposta de outro entrevistado, pode-se ver uma devoção e identificação bem vincada, afirmando este que "é bom que a nossa vida seja intensa, não é, que a nossa vida seja intensa, porque um membro do Opus Dei tem de ter mesmo uma vida intensa, porque é sinal que tem atividade onde pode exercer, digamos, o espírito do Opus Dei" (E8).

4.1.3 Pontapé de saída na Obra

Antes de explorar um pouco daquelas que são as valências do Opus Dei, importa perceber dois aspetos, um primeiro, relativo a quem o apresentou a cada uma das pessoas, e um segundo aspeto, o contacto inicial tido entre os indivíduos e a Prelatura. Ou seja, descodificar quem apresenta às pessoas e como estas se inserem são dois pontos iniciais que vale a pena analisar. Posto isto, dos 16 entrevistados, 14 responderam «não» à pergunta "Quando nasceu, alguém da sua família já estava dentro da Obra?", sendo que um dos casos os pais não pertenciam à Obra, mas estavam familiarizados com a instituição. Dos restantes, seis foi através de colegas na faculdade, um no ensino básico, começando desde aí a frequentar um centro do Opus Dei, usando o mesmo para estudar, também ele através de um amigo e os restantes através de pessoas ligadas à Obra. Os dois entrevistados que responderam «sim», um dos casos a mãe era já supranumerária e no outro, tanto o pai como a mãe pertenciam ao Opus Dei.

Ora, existe um conhecimento da existência de uma instituição denominada Opus Dei, como é que as pessoas materializam esse conhecimento? Dos 16 entrevistados, três

tiveram o primeiro contacto com a Obra através de atividades e iniciativas levadas a cabo pela instituição. Os restantes 13, conheceram a Obra, frequentando os seus meios de formação. Há pouco fora mencionado que o Opus Dei era uma espécie de catequese, oferecia ajuda e doutrina às pessoas que a desejassem. Essa ajuda é então obtida nos meios de formação. Os meios de formação que existem no Opus Dei são os círculos semanais, os retiros mensais, os retiros anuais, a Direção Espiritual, assim como outras atividades organizadas pela Prelatura a nível local, com propósitos cívicos. Para melhor compreender em que consiste cada um destes meios de formação, de seguida, serão apresentados excertos retirados das entrevistas e nas quais, um ou outro entrevistado, descrevem na sua génese em que consiste cada um destes meios de formação fornecidos pelo Opus Dei aos seus membros e a todos aqueles e aquelas que assim o desejem.

Círculos semanais

O que são os círculos semanais? O excerto abaixo descreve, na sua plenitude, em que consistem os círculos semanais:

> "*Os círculos são encontros informais entre os fiéis do Opus Dei ou entre pessoas que não são do Opus Dei, mas que vêm ter esses encontros informais. São encontros rápidos que tocam temas da vida cristã, como por exemplo, o valor da santa missa para o cristão, a santificação do trabalho, a unidade ao Papa e aos bispos, temas da Igreja também, por exemplo, o tema da pobreza, de como viver a pobreza no nosso dia a dia, por exemplo, temas da formação intelectual e religiosa. Procura ter uma abordagem prática. Isto é, são sessões onde as pessoas se encontram e quem dá a sessão deve ter um conhecimento daquilo que está a falar na prática e deve transmitir na prática, por isso é que quem dá os círculos não são sacerdotes, são pessoas que têm uma profissão e que podem transmitir como viver, por exemplo, a santificação do trabalho a partir da sua experiência" (E4).*

Mas, como é a dinâmica dos círculos? Existem momentos diferenciados no decorrer da reunião? Como se procede nestes encontros? A resposta vem também ela decorrente do E4 e o qual é referenciado novamente:

> *"Começa-se com uma oração, em que se pede ao Espírito Santo para que ilumine a pessoa que vai dar esse círculo e as pessoas que vão assistir, que oiçam com atenção e procurem tirar propósitos firmes para a sua vida depois passa-se para a exposição sobre algum desses temas dado por uma pessoa, depois faz-se um breve exame de consciência em que a pessoa que expôs o tema, anteriormente, lê algumas perguntas e*

as pessoas ficam em silêncio, em que procuram dirigir essas perguntas à sua consciência e a Deus, e finalmente, tem-se um momento de convívio, habitualmente, simplesmente uma conversa, em que se procura também fazer com que as pessoas se sintam mais estendidas, mais à vontade, com as pessoas novas que chegam se sintam assim também um pouco mais amizade pelas outras pessoas. E, termina-se com uma oração" (E4).

Retiro mensal

O retiro mensal pode também ser denominado por «Recoleção», um momento que ocorre mensalmente e que os fiéis da Prelatura reservam para recolocar, reavivar a sua espiritualidade. Como afirma o E6, é "um dia em que recebemos formação espiritual e convidamos amigos que até nem possam ser católicos e possam nem ser praticantes", tendo a duração de cerca de "duas horas e meia" (E4).

Retiro anual

A fé e a formação espiritual do Opus Dei são vividas diariamente, semanalmente, mensalmente, mas todos os anos, está também reservado a realização de um retiro anual. De modo a melhor explicar em que consiste, é exposto, uma vez mais, o testemunho do E4:

"É um retiro em que se faz nalguma casa de retiros e em que um sacerdote prega meditações. Isto é, tempos de oração, em que todos rezam, o sacerdote fala em voz alta e em que faz um bocadinho a sua oração em voz alta, dirigindo sobre um tema a oração para Jesus. Costumam ser quatro meditações por dia, pois há tempo também, de tempo livre, em que a pessoa fica por sua conta, a falar, a rezar com Deus, a sós com Deus, seja onde quiser, dar uma volta pela casa, seja na capela, seja no seu quarto. Há também um tempo em que se tem uma palestra, como já descrevi antes, e pronto, são dias muito agradáveis que uma pessoa fora de forma mais tranquila, sem os problemas do dia a dia, em união com Deus, a rezar com Deus estar a sós com Deus. Isto é, a pessoa faz um bocadinho de exame sobre a sua vida, de como viveu durante esse ano para tirar um pouco de impulso com a graça de Deus para aquilo que vem a acontecer no ano que se abre a partir daquele retiro. São momentos de conversão, em que aquilo que se pede à pessoa que faz o retiro é que procure converter-se para chegar a ser santo. São momentos muito importantes na vida de uma pessoa".

Analisando este testemunho, há uma notória relação com a ideia que transparece o espírito de conversão e santidade vivido no protestantismo, onde "o conselho do apóstolo para se «agarrar» à própria vocação é interpretado como a

obrigação de se conquistar na luta quotidiana a justificação e a certeza da condição de eleito" (Weber, 2018, p.109).

Direção Espiritual

Os três meios de formação elencados acima, o círculo semanal, o retiro mensal e o retiro anual são, porventura, aqueles que colocam em contacto, as pessoas do Opus Dei e as pessoas que não são do Opus Dei. Mas, de entre os apoios prestados aos fiéis da Obra, encontra-se também a Direção Espiritual. Mas em que consiste?

> "*A Direção Espiritual é uma conversa, digamos assim, entre irmãos, em que, isto não é específico do Opus Dei, mas no Opus Dei faz-se desta forma. Uma conversa entre irmãos confidencial, em que essa pessoa conta alguns dos aspetos da sua vida espiritual, como por exemplo, como vive a sua fé, como está a viver a sua vocação, como está a santificar o seu trabalho, como está a rezar, se na sua oração está a ter dificuldades e recebe alguns conselhos (…) Os conselhos que vai receber são sempre e puramente conselhos para o melhor desempenho da sua vida espiritual, nunca se entra em temas concretos do trabalho, de como a pessoa deve trabalhar, em temas que estão na livre opinião das pessoas, esses temas como seja a política, como seja a economia, como seja a opinião futebolista, a opinião artística ou a opinião filosófica da pessoa, nunca se comenta (…) o mais importante da Direção Espiritual é sempre de dirigirmo-nos a Deus, por isso é tão importante a santa missa, como a pessoa vive a missa, como a pessoa reza com Deus, como a pessoa dá testemunho da sua fé na universidade, no seu trabalho, pronto, só para que não se fique com a ideia de que é uma espécie de coaching (…) Esta é, maioritariamente, realizada por numerários*" (E4).

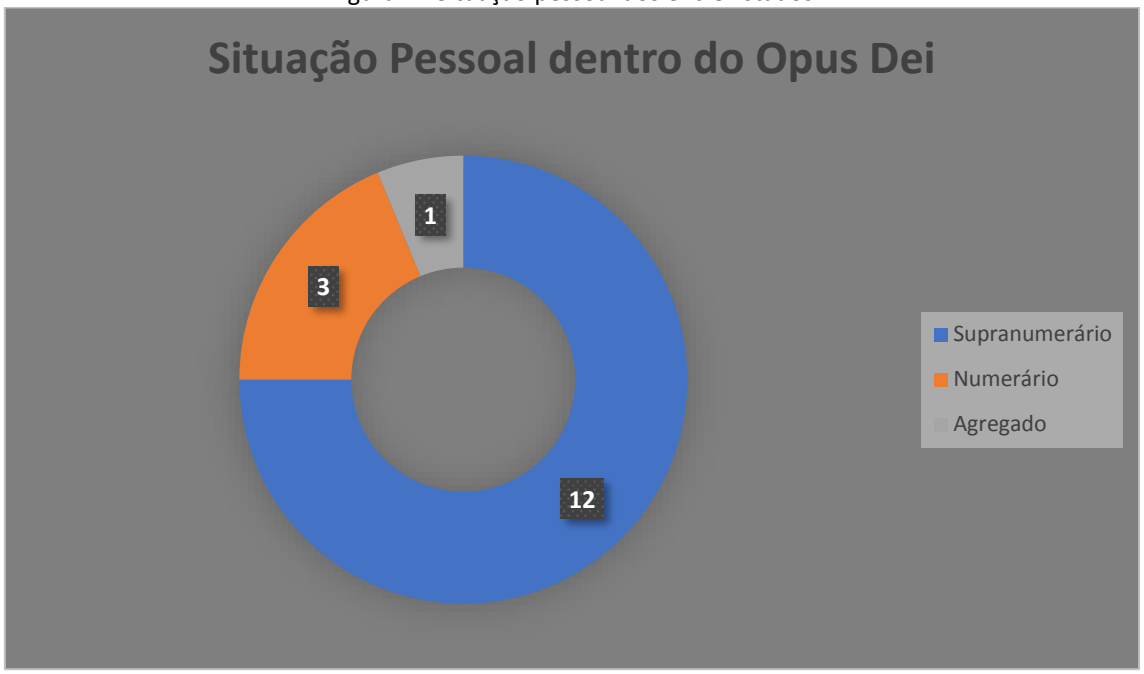
Ora, tendo por base o testemunho acima descrito daquilo que é a Direção Espiritual, é importante referir que esta é um complemento. Ou seja, não há uma calendarização de um momento de Direção Espiritual como se observa nos restantes meios de formação. Isto porque, esta acontece sempre que o indivíduo ache necessário e como refere o E7 "vem sempre do nosso exame de consciência, pressupõe que façamos um exame de consciência, porque senão, a pessoas que nos está a dirigir espiritualmente, a pessoa que nos está a acompanhar, a ouvir, não nos vai poder dizer nada". Por conseguinte, o propósito da Direção Espiritual é mesmo esse, de servir, de ajudar os indivíduos a recoloquem o seu caminho no caminho de Deus e nalguma dificuldade que estes possam estar a encontrar na prossecução desse mesmo objetivo.

Posto isto, descritos os meios de formação do Opus Dei, que não só introduzem aqueles que são os valores da Obra, como também inserem, numa primeira fase, os indivíduos, podendo estes, mais tarde, ingressar ou não dentro da instituição. Nesse sentido, importa mencionar uma série de atividades que, não sendo encaradas como meios de formação, são atividades dinamizadas pela Prelatura, com uma determinada valência social e comunitária que colocam os indivíduos perante o Opus Dei. Aliás, 3 dos 16 entrevistados identificaram como primeiro contacto com a Obra essas atividades.

4.1.4 Situação pessoal dentro da Obra

Uma das matrizes da sociedade e dos indivíduos nas relações que estabelecem entre si é a necessidade de encaixotar as diversas informações que lhes são direcionadas a todo o momento numa espécie de gavetas cerebrais que agrupam toda a informação que é recebida. A necessidade de categorizar é intrínseca ao próprio indivíduo, sendo isso visível em vários momentos da sua vida. As relações humanas e socias encontram-se munidas de relações e pessoas categorizadas. Nesse sentido, tal introdução pretende sensibilizar o leitor para a adequação das diferentes nomenclaturas aos membros do Opus Dei. Esta deriva de uma condição de vida diferente, justificada com uma vocação diferente, mas que aos olhos da instituição tem a mesma valência e tratamento. Relembrando, no Opus Dei existem numerários, agregados e supranumerários.

Figura 4 - Situação pessoal dos entrevistados



Elaboração própria

Em 16 pessoas entrevistadas, 12 vivem a condição de supranumerário ou supranumerária, 3 pessoas vivem a condição de numerário ou numerária e 1 pessoa vive a condição de agregada. Apesar de não ter sido um aspeto a ser tido em conta na seleção dos entrevistados, os 12 membros supranumerários representam 75% do total dos entrevistados, dado que se aproxima da realidade vivida no Opus Dei, onde cerca de 70%[31] dos seus fiéis são supranumerários ou supranumerárias. Apesar de acima ter sido identificado quem é que falou na Obra a estas pessoas e como foi o primeiro contacto delas com o Opus Dei, todas elas sentiram o chamamento para viverem um modo de vida específico e que só a elas diz respeito. Ou seja, todas elas foram chamadas a "viver a vocação no meio do trabalho e porque é um meio de apostolado, porque podemos levar essas pessoas para Deus" (E1). Para melhor compreender o conceito que está aqui em causa, importam-se dois excertos de dois entrevistados e nos quais é visível a descrição do momento em que estes se sentiram impelidos a aceitar a sua vocação e o chamamento que lhe era dirigido:

[31] Informação disponível em https://opusdei.org/pt-pt/article/cristaos-no-meio-do-mundo/

> *"Eu sou uma sortuda, além de fazer o que eu gosto mais que é trabalhar com crianças (…) Deus Nosso Senhor chamou-me a mim à vocação e estou felicíssima (…) esta mensagem é tão clara e tão acessível, tão fácil de qualquer pessoa perceber (…) Quer dizer, fala-se muito de apostolado, o apostolado, muitas vezes, não é «olhe, quer ir fazer um retiro? Quer ir a um círculo?», muitas vezes, o apostolado é o nosso exemplo, porque isto é uma experiência tão pessoal, parece que há um toque físico, pelo amor de Deus, muito longe, mas parece que há assim… é como lhe digo, eu lembro-me do sítio, da hora, de tudo o que tinha nas mãos naquele momento e deu-me o clique"* (E2).

> *"Olha, é bonito! Porque estava a fazer Erasmus, na Holanda e comecei a dar outro valor às coisas. Porque eu aqui para ir a um centro da Obra, para me confessar, para ir a uma missa era tudo à porta de casa, não tinha de fazer grande esforço. E, lá na Holanda percebi, epá, alto, isto para ir a uma missa tinha que andar, às vezes, quilómetros e para ir a uma formação e para me confessar tinha que ir a outra cidade, quando eu estava numa vila, ninguém da Obra e eu para ir a uma recoleção, que é uma atividade mensal, para ir para rezar um bocadinho tinha que fazer duas horas de viagem de comboio e comecei a perceber, isto é mesmo importante para mim e eu não estava a perceber. E depois ver que havia tão poucos cristãos à minha volta, foi aí que percebi que eu precisava de ser, verdadeiramente, amigo de nosso Senhor, que nosso Senhor tinha poucos amigos, percebi isso quando Deus me chamava a ser mais seu amigo e que me queria dar graças para viver isso doutra forma. Quando cheguei a Portugal, pedi a admissão"* (E14).

Nesse sentido, a vocação é um conceito central na Prelatura do Opus Dei. Este não é originária do Opus Dei e como já fora abordado acima acerca da valência e posição do Opus Dei no seio da Igreja Católica, a vocação é um conceito que vem desde o Concílio Vaticano II, onde é defendido que todos os cristãos são chamados a viver a sua vocação e a serem santos. A realidade do Opus Dei é que esse conceito assume uma centralidade imensa naquele que é o dia a dia dos seus membros e sob os quais pretendem viver essa mesma vocação. Isso significa "fazer Opus Dei no seu ambiente de trabalho, viver como um cristão e que procura ser santo, que não significa que é, mas que tem de ser. É isso que se pede a uma pessoa que se casa, pede-se a uma pessoa que não se casa, porque Deus os chamou para isso" (E4). Mas, o que significa «fazer o Opus Dei»? Fazer "tudo para e com a glória de Deus" (E13), independentemente da vocação individual. Isto é, "a entrega tem de ser a mesma, a entrega à vocação, a Deus, o amor de Deus tem de ter a mesma disposição, ainda que a disponibilidade e circunstâncias sejam diferentes" (E7).

"A vocação é a mesma, o chamamento ao Opus Dei é o mesmo, só que as circunstâncias em que cada um vive depende do que Deus pede a cada um" (E1). Ou seja, "se uma pessoa for casada, a sua entrega é através do seu marido e dos seus filhos, é aí que tem de se entregar, uma pessoa solteira é diferente, mesmo os numerários, somos muito menos em número que o resto das pessoas do Opus Dei, mas faz parte da entrega também dar formação às pessoas que se aproximam da Obra" (E3).

4.2 Um dia marcado pela santidade

4.2.1 Viver individualmente a vocação universal

O principal foco da presente investigação prende-se com o estudo do fenómeno da santificação do trabalho no Opus Dei. Mas, um dos objetivos advém da rotina e do dia a dia dos seus membros. Que práticas é que estes terão? O que é que distingue o seu dia a dia face à restante sociedade e que contribua para alcançar a santidade? Dos 16 entrevistados, 12 utilizaram a expressão «plano de vida», introduzindo assim as suas respostas, desenvolvidas à posteriori. Então, o viver a vocação a vocação a que todos foram chamados, implica enquadrar essa mesma vocação, igual para todos os semblantes, num plano de vida individual e que congrega as circunstâncias, essas sim específicas e individuais, de cada uma destas pessoas.

Para se perceber como funciona este plano de vida, importa referir outra expressão utilizada, esta por 3 dos entrevistados e que diz respeito à «luva do cirurgião». Deste modo, elenca-se a explicação que os entrevistados concedem acerca desta luva. S. Josemaria dizia que "temos de enquadrar o plano diário dentro da atividade profissional e familiar" (E5), como "uma luva de plástico de um cirurgião que fica bem colada à mão" (E4). Ou seja, a metáfora é clara entre aquilo que é a vida pessoal e circunstancial de cada individuo à luva de plástico de um cirurgião. Pois, "conforme o cirurgião também tem uma mão mais gorda ou mais magra e a luva adapta-se à mão dele" (E6).

Ora, o plano de vida de qualquer membro do Opus Dei implica, pelo menos, quatro tempos diferenciados, para além do tempo dedicado à atividade profissional,

sendo eles o tempo de oração, o tempo de ir à missa, o tempo de leitura espiritual e o tempo de formação espiritual.

Apesar de ser um conceito generalizado a todos os membros da Obra, o plano de vida é individual e específico para cada um, podendo este "ocupar-nos duas horas, duas horas e um quarto, duas horas e meia, conforme nós fazemos" (E11). Isto é, uma "série de «normas» que são propostas às pessoas para irem fazendo diariamente, semanalmente, mensalmente, anualmente" (E6), não existindo um vínculo de obrigatoriedade e pressão para que tais práticas de piedade sejam realizadas ou cumpridas, como afirma o E5 "todos nós temos um plano diário, que «devemos» cumprir, não somos coagidos nem obrigados. Sobre este aspeto, encontra-se um claro paralelismo para com aquilo que é uma característica da doutrina calvinista, pautando o individuo por uma reger a sua vida de uma forma organizada (Weber, 2018).

Nesse sentido, a preconização de um caminho santo é sempre um processo individual, reservado a cada um dos indivíduos, onde a liberdade de cada um é também um conceito muito evocado na Obra. Quem afirma isso é E6, referindo-se à liberdade como um "dos conceitos mais importantes na mensagem de S. Josemaria Escrivá". Ou seja, completando esta afirmação e trazendo a opinião de outro entrevistado, "cada pessoa tem as suas rotinas, mas depois com muita liberdade e aquilo que deve fazer o fiel do Opus Dei é de transmitir a sua vida cristã através do seu exemplo e do seu conselho aos filhos, à mulher, aos amigos" (E4). Ora, perante este aspeto levantado acerca da importância da liberdade na mensagem do Opus Dei, foi feito um levantamento do termo «liberdade» nas entrevistas realizadas. E, após essa análise, conclui-se que, metade dos entrevistados, ou seja 8 num total de 16 durante a entrevista utilizaram a palavra «liberdade» várias vezes no decorrer do seu discurso. Apesar de o recurso à mesma não ter sido generalizado a todos os intervenientes, denota-se a sua presença no dia a dia e nas ações levadas a cabo pelos membros do Opus Dei.

Mas, retomando a questão do plano de vida, este assenta então, na realização de tempos de oração como forma de colocar a presença de Deus no dia que a pessoa vai enfrentar:

> *"Logo de manhã, quando se levanta faz o oferecimento de obras, portanto, faz uma oração para oferecer a nosso Senhor o dia. Depois, de acordo com a sua*

possibilidade tem um tempo de oração, há pessoas que têm mais outras que têm menos, tudo se adapta ao tipo de pessoa, se eu posso fazer cinco minutos faço cinco minutos, se eu posso fazer dez minutos, faço, pronto, o tempo de oração é adaptado ao ritmo de vida e ao tempo que as pessoas têm. Depois reza-se também o terço" (E5).

Nos tempos de oração, coabita também a reza do terço, sendo que também ela é adaptável a cada pessoa. Uma das entrevistadas, a E2 referia "há quem diga «ah, moras tão longe» - não, aproveito a viagem para a meditação do terço". Portanto, é um exemplo daquela que é a permeabilidade e o esforço que cada um faz no seu dia e o tenta organizar de modo a prática da religião seja o mais presente possível. Entre os tempos de oração, também de salientar o exame de consciência, por norma, realizado à noite:

"*Normalmente, chegar a casa, jantar e aquelas coisas todas (…) depois, a partir daí tento não ter muito ruído, não estar nas redes sociais, não falar muito, acalmar. Antes de me retirar para dormir, faço sempre um exame de consciência e preparo o dia a seguir, «o que é que podia ter corrido melhor?» ou «o que é que correu mesmo mal?»"* (E16).

Relativamente aos tempos de ir à missa, é uma prática diária que os membros do Opus Dei procuram preservar, embora nem sempre seja possível. A juntar a isto, o fiel do Opus Dei dedica também um tempo para leitura espiritual, "uma parte do Evangelho e uma parte de um livro espiritual que nós tenhamos na altura" (E10). Aqui a nunce de ser um livro do Evangelho ou um livro de leitura espiritual advém do único propósito de colocar a fé e religiosidade do individuo no seu quotidiano. E3 afirmava "depende da época de vida interior em que esteja, pode ser mais doutrinado, pode ser mais cético, pode ser mais afetivo, pode ser mais moral, depende, mas pronto eu tenho livros que me aconselham e que eu vou escolhendo". Por último, o tempo de formação espiritual diz respeito à frequência dos meios de formação, formação essa que ocorre semanalmente, mensalmente, anualmente ou sempre que a pessoa assim o deseje.

Todos estes tempos dedicados à fé e a vivê-la constantemente são normas de piedade, que não sendo encaradas como normas, são vistas como um caminho natural

e necessário. Isto é, para os fiéis do Opus Dei existe uma necessidade e vontade de "todos os dias tirar um bocadinho para Deus" (E11). No fundo, essa vontade materializa-se num recolocar ou redirecionar as prioridades do dia a dia, ou seja, "em vez de estar a ver uma telenovela ou em vez de estar a ver uma coisa qualquer no *WhatsApp* ou na *Internet*, pode estar a dedicar algum tempo à oração, ter Deus no meio do Mundo" (E6). Dentro das práticas diárias que um membro do Opus Dei tenta seguir diariamente, existem também outras formas de evidenciar essa aproximação a Deus, como é o caso da mortificação. Relativamente a esta questão, não é exclusiva ao Opus Dei, sendo uma prática antiga e vulgarmente utilizada por diversas figuras icónicas da Igreja Católica. A menção a esta prática, vem no fundo, enunciar uma outra forma de devoção a Cristo, como tal, o testemunho do E7 ajudará o leitor a melhor compreender essa mesma realidade e como é vivida segundo o espírito do Opus Dei:

> *"Ah, também há a mortificação corporal, pronto, já deves ter ouvido… a mortificação corporal tem imensas dimensões, imensas formas, os numerários fazem umas coisas, nós supranumerários também fazemos outras. O que interessa no fundo é aquelas coisas que falamos há bocado, no início, é aquela disposição de morrer todos os dias um bocadinho por amor a Deus. E, isso vê-se, em vez de subires de elevador vais de escadas, bebes Coca-Cola às refeições, bebes água ou então não bebes nada, ou então, em vez de comeres entradas, comes só o prato principal. Isso é a mortificação dos sentidos, ou seja, tu abdicares de prazeres que tens direito, que são justos, por amor a Deus. Isso pode ver-se em pequenas coisas ou em grandes coisas. Grandes coisas é tu vais dar uma grande contribuição, mas o normal é que se faça nas pequenas coisas, a Obra fomenta muito isto, a nós mortificarmo-nos nas pequenas coisas, andar mais a pé e menos de metro, isso não custa assim tanto. No fundo, é isto, não custa assim tanto, faço. E, é estar disponível para estas pequenas coisas e às vezes pode ser só estar mais atento em casa, chegar uma hora mais cedo, outras vezes é levantar a horas. A mortificação corporal pode ser isto. Há outras dimensões e é bom que também te expliquem, se calhar já te explicaram… a mortificação corporal, os numerários, por norma, e os agregados alguns quando têm essa possibilidade têm uma hora de cilicio por dia, pronto, é bom saber explicar o que isso é, que não é como no Código Da Vinci e também fazem disciplinas, que não é como no Código da Vinci, que é sangue por todo o lado, não, é uma coisa simples, uma oração, é o próprio que se faz a si próprio e portanto, ele é que impõe a força com que faz, e isso é tudo visto na Direção Espiritual, com muita prudência, porque estas coisas o que é que acontece? São assim mais difíceis de viver, podem dar azo a que te cresça a soberba em ti e não é suposto. Portanto, se isso te alimenta a soberba, não fazes, não é. É para fazer por amor a Deus, é por uma entrega diferente. Pronto, uns dormem no chão um dia por semana, se for chão de madeira, se for chão de pedra, dorme sem almofada (…) Porque é que eles separam os numerários dos supranumerários? Porque é muito estranho, se calhar tu teres um cilicio em casa e teres filhos a andar de um lado para o outro. Se o miúdo encontra aquilo pode achar muito estranho, pode não perceber essa dimensão de sacrifício. Eu acho que as pessoas*

não falam se não for relevante, mas quando estamos a falar disto, eu lembrei-me que uma das coisas que tem haver com o plano de vida tem haver com isto. Mesmo a mortificação corporal, estas práticas são frequentes na Igreja, a prática do cilício, a prática de disciplinas, são assim as que mais escandalizam, são muito frequentes na Igreja. (…) Estás a perceber, não é nada, ou seja, exagera-se uma coisa que é uma prática da Igreja, S. Josemaria também… não faz nada de novo que não fosse feito na Igreja, toda a proposta do Opus Dei é uma linha de continuidade."

A prática da mortificação pode então ocorrer em várias dimensões, seja esta dos sentidos ou corporal, sendo que decorre em pequenos atos, como em ações maiores, que possam exigir um maior sacrifício aos indivíduos. Uma das entrevistadas (E15) falava em conversa com o entrevistado que a mortificação é uma coisa natural e não exclusiva do Opus Dei. Relativamente a esta questão, sobressai um claro afastamento dos valores do Opus Dei e aqueles que são veiculados pelos protestantes, isto porque, segundo o ideal protestante, não deve ser exigido ao indivíduo um sacrifício que já fora realizado pelo próprio Deus, desejando estes que apenas utilizassem "os seus bens para coisas necessárias e úteis" (Weber, 2018, p.148).

4.2.2 Contexto familiar

Acima falava-se da rotina de um membro do Opus Dei, onde este colocava a vivência da fé da Obra na sua vida mundana, seja na esfera laboral, seja na família, seja no seu tempo livre. A espiritualidade do Opus Dei faz-se sentir em todas as dimensões dos indivíduos. Ou seja, um pai de família, não é só pai de família numa parte do dia e na outra parte do dia é membro supranumerário do Opus Dei. A sua vida familiar e conjugal é experienciada em simultâneo com a sua vida dentro do Opus Dei. Nesse sentido, importa também perceber de que forma é exercida ou não a influência simbólica do membro do Opus Dei no seu contexto familiar. Como tal, e apenas tendo em linha de conta os membros supranumerários/as foram feitos dois levantamentos, um relativo aos filhos e outros relativo aos cônjuges.

Relativamente aos filhos, dos 16 entrevistados, 12 vivem a condição de supranumerário, sendo que 11 têm filhos. Desses 11, 5 confirmaram a frequência dos seus filhos em colégios do Opus Dei ou a frequência dos meios de formação, sendo que um dos casos, atualmente, está a frequentá-los. Para os entrevistados, a passagem e o

frequentar dos colégios do Opus Dei ajuda muito no desenvolvimento e crescimento dos seus filhos, "todos os valores são muito bem comunicados e vividos e eles ficam com todos os valores muito gravados no coração deles" (E15). Apesar desse reconhecimento nas valências em colocar os filhos em colégios da Obra, a transmissão de uma vivência segundo os preceitos do Opus Dei não é algo que esteja em evidência. Segundo o testemunho do E14, este tenta educar os filhos apenas numa lógica cristã:

> "*Se eu educar numa lógica cristã é suficiente, porque o Opus Dei não é senão, uma lógica cristã. Obviamente, que posso sobressair um bocadinho o espírito da Obra, o espírito que S. Josemaria recebeu e que foi, digamos assim, o fundador, uma espiritualidade nova dentro da Igreja Católica. Obviamente, que se Deus me pede para viver essa espiritualidade e se eu a procuro viver, isso vai transparecer aos meus filhos* (E14).

Outra das entrevistadas, vai também ao encontro daquilo que E14 referiu, transmitindo a ideia de que seria contraproducente essas práticas e essa forma de viver a fé não ser visível dentro do agregado familiar:

> "*Na Obra, não dizem "rezem em família", não, agora parece-me relativamente normal, nós não somos esquizofrénicos, não é, nem temos perturbações de personalidade (…) os católicos têm uma prática espiritual que é visível e que os primeiros a ver são os filhos. Portanto, é perfeitamente comum a adesão dos filhos às práticas, porque a prática religiosa é uma prática do bem e atrai*" (E16)

Se noutros aspetos aqui analisados, é possível ver algo de secular na Prelatura Pessoal do Opus Dei, relativamente à questão acima discutida e abordada pela E16 é percetível uma certa desprivatização da fé, um tipo de atitude contra aquele que caracteriza o processo de secularização. Na Obra, há uma preocupação em viver a fé individual, mas de uma forma comunitária, seja através das ações que os fiéis da Prelatura vão tendo, seja por um certo apostolado que possa ser feito junto das suas relações sociais mais próximas. Ou seja, a crença individual é investida e oferecida no relacionamento com os outros, aproximando estes indivíduos da santidade fruto de com isso, potenciarem também a santificação dos outros.

Relativamente à questão dos cônjuges, dos 12 membros supranumerários, 10 foram tidos em conta nesta análise, sendo que desses 10, 4 têm o cônjuge na Obra, onde

apenas um caso é efetivamente da Obra, vivendo a vocação de supranumerário. Os outros três casos, vivem a condição de cooperadores na Obra, ou seja, vão usufruindo dos meios de formação e vão cooperando nas atividades que a Obra dinamize. Com isto, depreende-se que não existe uma vivência conjunta entre um membro do Opus Dei e o seu cônjuge, cenário que caracteriza o tal plano de vida e a vocação a que este está interligado a algo individual e pertencente a cada indivíduo, enquanto agente social único.

A questão vai ao encontro de uma das questões colocadas a todos os indivíduos, na medida em que estes vislumbravam o incutir de uma prática familiar de devoção. Isto é, se os entrevistados identificavam alguma ideia de que no Opus Dei se procurava fomentar a participação de toda a família nos vários momentos de piedade que vão existindo ao longo do dia. Relativamente a essa questão, não houve uma resposta concreta e homogénea por parte dos participantes, conferindo alguns deles essa mesma valência, de que seria importante incluir a família num ambiente de religiosidade. Apesar disso, muitos dos entrevistados remeteram essa questão para os primórdios dos valores cristãos e que neles se via uma clara inclusão da família na oração, mas "que é mais antigo que o Opus Dei" (E14). Um dos entrevistados dizia "não há assim uma devoção que o Opus Dei fomenta nas famílias. O Opus Dei fomenta nos fiéis da Obra, do Opus Dei, nos seus fiéis é que procurem viver bem os seus deveres matrimoniais" (E4).

No fundo, "o Opus Dei aí vai beber a uma prática muito antiga, que sempre se viveu na Igreja Católica, que é a comunidade, a vida, a fé, a vivência da fé, não é uma vivência individual e exclusiva da pessoa, de cada um. É uma vivência muito de comunidade" (E14). Esta ideia é reiterada por outro dos entrevistados, o E5 que dizia "se eu acredito em Deus, se eu tenho uma relação pessoal com Deus, se eu sou feliz com Deus, devo-o transmitir a todas as pessoas essa felicidade, o que quero para mim quero para os meus filhos, se aquilo é bom para mim seguramente há de ser bom para os meus filhos, para a minha mulher e para todas as pessoas e é essa a mensagem que nós tentamos transpor para as outras pessoas", testemunho que expõe essa mesma ideia de comunidade trazida por E14.

Não obstante a tudo isto, vincar a ideia de que não há uma uniformização, uma conduta de compromisso entre aquilo que deve ser procura em fazer um caminho de santidade e a incorporação da família nesse mesmo plano, deixando aqui o testemunho que clarifica essa mesma ideia e que se socorre dos pensamentos transmitidos pelo fundador do Opus Dei, S. Josemaria:

> "*S. Josemaria dizia: "Não, meus filhos, vocês tendes que rezar para aquilo que Deus quiser para os vossos filhos e se não for para o Opus Dei, eu ficarei muito contente", porque é isso. Nesse sentido, o Opus Dei não promove nenhuma prática familiar. Agora, sim, que promove e muito as práticas da Igreja que qualquer pessoa, qualquer batizado deve fazer. Isto é, a ida em família à missa dominical é fundamental*" (E4).

4.3 Santificação do trabalho

4.3.1 Como é que os membros do Opus Dei o definem

Num processo similar à narração de uma história, a santificação do trabalho foi estando sempre na órbitra dos vários aspetos aqui referidos. Quer-se com isto dizer que, a santificação do trabalho não é um fenómeno estanque ou de explicação linear. Como tal, a sua descrição começou a ser feita aquando da referência à entrada dos diversos agentes na Obra. A referência aos meios de formação, à vivência da vocação universal de santidade é que permitiram chegar a este tópico específico, o qual se considera como central na Prelatura Pessoal do Opus Dei.

Com isto, pretende-se enaltecer que a santificação do trabalho não pode ocorrer, ou não pode ser explicada e analisada sem enquadrar os apoios espirituais que esta instituição hierárquica oferece aos seus fiéis. A santificação do trabalho é mais um aspeto que permite ao individuo que se coloca em tal idealização entre muitos outros e que ajudam a melhor compreender a forma e dimensão de um modo de vida diferenciado e que é vista ao longo dos pontos aqui abordados, ilustrados com alguns excertos retirados das entrevistas aos fieis da instituição hierárquica da Igreja Católica. Definindo santificação do trabalho é no fundo, "seguir a mensagem da Igreja (…) transportar todos os valores e princípios que Jesus Cristo nos ensinou, para o seio familiar, para o seio profissional, para o seio social" (E5), fazendo a "mesmíssima coisa

que faria se não fosse do Opus Dei, mas procurando aproximar aquilo que faço com aquilo que seria a vontade de Deus" (E6).

Aliás, o E5 aborda mesmo uma questão pertinente e na qual menciona a Madre Teresa de Calcutá, e como esta dizia que o Mundo estava doente, que faltavam santos no meio do Mundo. Apesar de não ser uma ação em alinhamento com esta ideia, S. Josemaria absorve todas estas linhas de pensamento, repescando essa mesma ideia e fomentando a ideia de santidade no meio do Mundo. De facto, tende a ser um processo tão enraizado e natural por parte dos membros do Opus Dei, que muitas vezes não é diferenciado nem visível para quem com eles lida diariamente, como é o caso da E1 "eu acho que as minhas colegas nem imaginam porque é que eu reajo de uma maneira ou outra, nem se apercebem e isso é que eu acho que é bonito, não saímos da normalidade, somos mesmo normais".

Apesar desta tranquilidade e aparente normalidade, a ideia de pensamento é carregada de uma força sobrenatural e uma devoção ainda maior a Jesus Cristo, completando E1 "sem chamar muito a atenção, ultrapassar essas dificuldades (…) eu sou filha de Deus, porque é que estou preocupada? Deus faz, pode demorar e haver contradições pelo meio, mas Deus resolve tudo e por isso… já está", conclui assim a entrevistada.

Posto isto, importa esclarecer desde já a minúcia de uma diferenciação e que é importante para compreender esta dimensão, que é a distinção entre trabalho e atividade profissional. A ideia a reter é a de que a santificação do trabalho não ocorre apenas no desempenho da atividade profissional, do emprego, da ocupação remunerada que o individuo possa ter, mas em todo o tipo de trabalho que decorra do seu esforço e dedicação. Como elenca E16, "o trabalho acontece em qualquer circunstância, o preparar uma refeição para a minha família, o estar a explicar a um sobrinho um exercício de matemática, a profissão, evidentemente, que é trabalho".

A procura por uma prática santificadora deverá ocorrer em todas as dimensões da vida de um indivíduo, algo que S. Josemaria vincava muito às pessoas da Obra, "no nosso quotidiano, na nossa família, nas refeições em família, no pequeno-almoço (…) transformar essa vivência quotidiana num diálogo, numa oração com Jesus e depois

sobretudo no seu trabalho, porque repara que, o trabalho é o local que mais diz sobre nós" (E4). O trabalho é onde, por norma, o indivíduo passa a maior parte do seu dia, apesar de que este deve ser visto como um meio e não como um fim para atingir a santidade (E15), isto porque, já fora mencionado acima, o trabalho é apenas uma de muitas outras dimensões que juntas formam o plano de vida, o qual cada membro da Prelatura pretende seguir.

Por conseguinte, a análise à santificação do trabalho, apesar de ser um processo interior, ele é visível e materializável nas ações que os indivíduos possam realizar. Em termos sintéticos, ela é executada através de três pressupostos, sendo eles a santificação do próprio trabalho em termos latos, a santificação da pessoa através do seu trabalho e a santificação dos outros no trabalho através da sua ação. A santificação do trabalho patente no Opus Dei assemelha-se, como já fora veiculado noutros momentos, à ética protestante. Seguindo a sua ética, um protestante certifica a sua fé quanto maior for a conduta cristã que emprega na sua vida e que conduza à glória de Deus (Weber, 2018), aspeto também veiculado à ética vivida pelos fiéis do Opus Dei.

Relativamente à primeira questão, a de santificar o próprio trabalho, essa nuance consiste em direcionar o mesmo para Deus, o trabalho não deve ser encarado como algo meramente humano e circunstancial, mas como algo que aproxima o individuo de Deus. Ou seja, "nós tentamos que Nosso Senhor esteja presente no trabalho e não é estar a pensar «Jesus, Jesus, Jesus» senão distraio-me, isso é distração. Nós usamos a estratégia de no início, fazermos um pequeno oferecimento desse trabalho que vamos fazer. No fim também agradecer os frutos que conseguimos" (E7).

Aqui, o principal pressuposto não tem haver com fazer um trabalho perfeito ou exímio. Isso qualquer pessoa que se procure ser um bom profissional terá de ter isso no seu subconsciente, podendo ou não o conseguir. O que procuram os fiéis do Opus Dei é colocar o seu trabalho numa dimensão para além do vulgar e corriqueiro, que consiste em "dar sentido sobrenatural àquilo que estou a fazer" (E9). Isto é, "pode fazer o seu trabalho muito bem, mas se não o oferece a Deus não tem essa intenção, não está a santificá-lo, está a fazê-lo bem. A medida de santificação do trabalho é um *upgrade,* é dar um bocadinho mais" (E7). Através da seguinte história, narrada por uma das

entrevistadas é possível ver esta mudança na realização do trabalho, como referia o E7 e que de certa forma, contribuir para a santificação do mesmo:

> "*Sou operária e a minha função é pregar botões em casacos. Se eu pregar aquele botão naquele casaco e já está, adeus, ficou meio torto, ficou um milímetro para o lado, é uma trapalhada. Ou posso pregar o botão, normalmente, sem uma falha e já está, sou eficiente, sou eficaz e prego tantos botões quanto consiga naquele espaço de tempo e é uma visão económica da coisa. Ou então, vou pregar os botões da melhor forma, porque a minha colega do lado prega menos um botão que eu, e vejam como eu sou tão boa a pregar botões. Ou então, posso pregar o botão, sabendo que aquele casaco vai agasalhar um pai de família ou um estudante do que quer que seja. E, se cada botão que eu pregar eu disser «Senhor, que seja para Ti e que este botão que fecha o casaco, que seja usado para Te glorificar, para Te honrar, para as pessoas serem melhores». Isto é santificar aquele casaco e aquele trabalho. Já viu a dimensão absolutamente diferente de uma coisa e de outra?"* (E16).

A descrição que a entrevistada faz da valoração que uma simples ação pode ter reequaciona todo o valor que é conferido ao trabalho, independentemente do seu grau de complexidade. Com isso, é possível compreender o que está em causa para estes indivíduos. Não se trata da simples execução de uma tarefa, mas de transformar, de certa forma, essa ação num caminho que se espera que conduza à santidade.

Para além da intenção de oferecer o trabalho a Deus, a ideia de santificar o trabalho em si mesmo é o de o ver na presença do próprio Deus, independentemente do trabalho ou atividade profissional em causa. E, esta visão de identificar Cristo no meio do trabalho é algo que pode ajudar a atenuar certas contrariedades ou momentos de desanimo ou de menor discernimento. E1 remete para um pensamento de S. Josemaria, que dizia "«por detrás de cada doente está Cristo» e isso realmente aumenta muito a dimensão natural no meio do trabalho (…) nós encontramos mesmo Cristo no meio do nosso trabalho, mesmo quando tocam as campainhas à noite e os doentes só querem água, mas só para terem um bocadinho de atenção e tocam de dois em dois minutos e uma pessoa pensa «por favor, isto não é urgente, não é uma necessidade», mas aí é pensar, é como se Deus estivesse a chamar por mim (…) com mais amor e com um sorriso na cara, vou tentar cuidar desta pessoa com mais amor" (E1). Mas, a E1 não é a única a ter este sentimento, outra das entrevistadas também o afirmou: "quando um

doente me entra na porta eu digo para dentro de mim «Bem-vindo sejas Senhor», é Nosso Senhor que vem aí, para eu tratar o melhor que puder" (E3).

Essa presença de Deus e esse invocar da Sua presença é algo que não acontece apenas no início ou no fim da atividade, mas que se faz valer de forma constante no decurso da mesma. Esta faceta permite assim, ao indivíduo fazer uma introspeção acerca de como está a proceder na função, estando este próximo ou a afastar do preceito que é a santificação do trabalho. Esse e sempre um processo mental, e por exemplo, a E2 elenca um exemplo: "Durante o dia… «meu Deus, meio dia e já falhei aqui, já falhei ali, meu Deus, desculpa, mas vou melhorar»". Outro dos entrevistados, traz outra visão dessa mesma presença de Deus ao longo do dia do indivíduo realizando uma metáfora entre aquele que é o diálogo interior com Deus e o diálogo que poderia ocorrer entre amigos em tom de desabafo:

> "*Pois, a conversa com Deus, ou muitas vezes, orações, sem dúvida, o Ave Maria, mas muitas vezes é o pensamento, são como WhatsApp lançados para o céu*" (E4).

Em relação ao indivíduo santificar-se no trabalho, tal consiste na preconização de um trabalho bem feito, onde para além de algo, efetivamente, bem feito, tinha haver com a intenção e a forma como se olha para a realização do trabalho. Para melhor compreender, o excerto abaixo ajuda um pouco a compreender essa mesma dimensão:

> "*Lembro-me uma lição que me deu o mestre com quem eu trabalhei ao princípio da carreira, eu mostrei-lhe uma história clinica que eu tinha feito de um doente, o meu mestre era do Opus Dei, em Espanha, eu mostrei-lhe a minha história clinica toda riscada, toda mal feita, toda coisa, e ele disse-me «Tu vais à missa todos os dias? Ofereces tudo o que tu fazes a Deus Nosso Senhor?» - Eu disse «ofereço, ofereço com todo o amor que posso» - «Achas que isto é um trabalho que se ofereça? O que tu agora fizeste?»". Nunca mais me esqueci!"* (E3).

Dos 16 entrevistados, três deles fazem uma referência ao ponto 815 da obra de Josemaria Escrivá (2016, p.243), na qual refere "«Queres deveras ser santo? – Cumpre o pequeno dever de cada momento faz o que deves e está no que fazes»" (E7; E13; E15).

Tal afirmação denota a importância que cada pessoa deve assumir no momento do trabalho, a crença, devoção e exigência que deve assumir nesse mesmo momento sob pena de conseguir santificar-se no trabalho.

E, por último, o santificar os outros no trabalho prende-se com a convicção de que a ação do indivíduo pode também fazer a diferençam potenciando alterações e mudanças nos seus colegas de trabalho e contactos próximos, tendo por base uma postura cristã. O próprio S. Josemaria dizia "«se a tua vocação é estar em família, gostas e amas a tua profissão, pois tens de trabalhar bem para atrair os outros para a Igreja, para Deus». E, isso é aquilo que se chama, habitualmente, por apostolado" (E4).

O fundador é sempre um elemento central nos discursos e explicações dos entrevistados, onde a propósito desta questão da santificação dos outros através do nosso trabalho, o testemunho da E1, que traz uma história sobre o Fundador:

> "*E S. Josemaria dizia a um dos primeiros membros da Obra que estava a limpar uma bacia, com um cheiro muito forte e estava com vómitos, tirou-lhe as coisas da mão e disse «eu faço, meu filho» e fez, limpou-a ele, e disse «que eu faça boa cara, que eu faça boa cara», porque claro, dá nojo, mas ao mesmo tempo está a servir*" (E1).

Este episódio que ocorreu com o Fundador é um exemplo da forma como na Obra é transmitido esta máxima de santificar os outros no trabalho, de como a maneira como o individuo age pode funcionar como algo positivo e que aproxime as outras pessoas para perto de Deus. E, essa ponte, que pode ser feita pelo membro do Opus Dei para com a sociedade é algo que o coloca numa situação próxima de santidade, de prática de algo importante na vida dos indivíduos:

> "*S. Josemaria quando falava em santificação de trabalho falava na santificação sempre assim nesta perspetiva social, isto é, não só de algo privado, de a minha relação com Deus, mas do bem que eu posso fazer (…) tu tens que ser santo, porque se tu não és santo vais deixar de fazer algo muito importante e muito bom para a sociedade*" (E4).

A ideia a retirar é a de que não existe uma fórmula matemática para a santificação do trabalho. Os testemunhos dos vários entrevistados e da sua visão do fenómeno permitem juntar e chegar a algumas dimensões sempre presentes nessa

procura por parte da Obra do Opus Dei. Nesse seguimento, um dos entrevistados procura dizer algo que ajude a medir ou a avaliar a dimensão da santificação do trabalho, como se pode ler no excerto abaixo:

> "*Há uma boa medida para percebermos isto, a medida é o amor de Deus e o amor é Deus, Deus é infinito, e portanto, se nós pensarmos que a medida é infinita, então, aquilo que nós podemos fazer a cada dia, o que nós fazemos hoje pode ser bom, mas não é tudo, e o que fizermos amanha, também não será tudo, então todos os dias e ao longo da nossa vida e até à eternidade vamos estar a santificar o nosso trabalho*" (E7).

4.3.2 Relação com o protestantismo

Um dos objetivos desta investigação consiste em perceber se existe ou não alguma proximidade entre aquele que é o ideal protestante, incidindo na sua ética de trabalho assente numa lógica para honra e glória de Deus e sobre a ética de trabalho do Opus Dei. Nesse sentido, foi então colocada essa mesma questão aos 16 entrevistados, à qual apenas 3 responderam «sim», à existência deste aspeto em particular ser um ponto em comum, 5 responderam «não», 5 assumiram o seu desconhecimento para responder à questão e os restantes 3 não foram inconclusivos na sua resposta. A questão colocada causa, portanto, uma divergência de opiniões, sendo que não se conseguiu chegar a uma ideia homogénea dos 16 intervenientes. Essa divergência de opiniões junto da amostra é causada por um desconhecimento generalizado acerca da ética protestante e da tese weberiana. Quer dizer, existem algumas ideias e as quais são realçadas de seguida, mas que representam um tipo de conhecimento vago sobre aquilo que é a similitude entre a ética de trabalho do Opus Dei e a ética de trabalho veiculado aos protestantes. Os dois testemunhos que se seguem expõe de forma muito sintética aquilo que acreditam ser a maior diferença entre a ética do Opus Dei, que no fundo, não deixa de ser uma ética católica e a ética protestante:

> "*Eles acreditam que só a graça, só a fé e nós católicos, nós percebemos que há uma dimensão humana e muito importante da santificação do trabalho. Os protestantes acreditam na sua disponibilidade mais para fazer um bom trabalho para honra e glória de Deus*" (E7), *mas "nós fazemos honra e glória de Deus e de maneira que os nossos semelhantes sejam tratados também como filhos de Deus iguais, e portanto, preocupamo-nos tanto com honra e glória de Deus que está acima de tudo, mas também*

com o nosso semelhante que é uma coisa que falta muito no protestantismo que é essa questão do tratamento dos outros (…) não somos só virados para Deus, somos virados para os amigos e digamos, em fazer apostolado com toda a gente, intervir na sociedade" (E8).

Apesar disso, analisar estes dois testemunhos e tendo por base uma análise weberiana em que o Weber (2018) expõe a ética protestante, contrariamente, ao veiculado pelos entrevistados, aproxima o Opus Dei da ética protestante. Isto, sem colocar em causa a sua identidade católica. Ou seja, existem aspetos em que o valor que é dado à forma como se realizam as ações é em tudo semelhante ao dos protestantes.

A comparação é inevitável, pois como afirma E6, "a base da mensagem do Opus Dei é a mensagem de Cristo e já vem desde a criação, quando Deus criou o Mundo e disse «multiplicai-vos e dominai a Terra», portanto, nesse aspeto que se refere a centralidade da santificação do trabalho, claro que é isso". Mas, os caminhos de ambos são também facilmente separáveis devido ao espírito vivido na Prelatura Pessoal da Igreja Católica, visto que, e segundo E10 "a nossa santificação é no trabalho, pelo trabalho e com o trabalho", apresentando aqui dimensões que vão para lá das discutidas acima.

E, muito por culpa dessa especificidade, de santificar também os outros no trabalho, que poderá estar uma das principais diferenças entre ambos. E4 dizia "o nosso trabalho tem que servir a Deus e os outros", sendo esta afirmação completada pela ideia do E12, na qual diz que "aprendemos sim que o trabalho acima de tudo sim, mas a família está em primeiro. Para a Obra, primeiro está a família". Ou seja, não é apenas o outro, o colega de trabalho, mas também a família, um eixo fundamental para os membros do Opus Dei.

Os protestantes "nascem sem dúvida, de uma separação da igreja Católica, mas nascem num contexto católico" (E4), "há uma certa proximidade e isso é uma coisa muito bonita no Cristianismo, porque há várias maneiras de ver o Cristianismo dentro da Igreja Católica" (E1). Como tal, "«Honra e glória de Deus» sempre foi um ideal cristão, digamos assim, de todas as realidades, de todas as Igrejas Cristãs" (E14). Ou seja, apesar de haver "pontos de convergência" (E15), é indissolúvel a existência de algumas

diferenças "entre nós católicos e os nossos irmãos protestantes, mas aquilo que é mais importante, aquilo que é realmente mais importante, que é o amor por Cristo, está lá" (E16).

4.3.3 O espírito da Obra nas relações humanas

No tópico anterior discutia-se a diferença entre o espírito do Opus Dei e o espírito do protestantismo, sendo que o primeiro divergia do segundo muito por culpa do seu não fechamento à importância do outro, aspeto que também ele se caracteriza como central aos olhos do fiel do Opus Dei no seu caminho de santificação. Nesse sentido, até que ponto é que essa valência é visível nas relações humanas, profissionais e pessoais dos membros da Obra. O testemunho abaixo fala da necessidade das pessoas se recolocarem numa posição que não sendo inferior é o de ato de humildade para com a sua condição humana:

> "*Os dissabores, os fracassos, tudo isso no fundo eu vejo um reflexo não só da atuação de Deus na minha vida como também vejo isso como um reflexo da minha pequenez, da minha "insignificância" enquanto ser humano perante Deus*" (E5). *Outro dos entrevistados afirma ser "preciso ter pouca soberba, muita humildade para explicar uma coisa que eles não vão perceber á primeira. E não temos que falar de nosso senhor, de santificação no trabalho, não temos que falar nada, mas como é o meu trabalho, como eu procuro oferecer a Deus acabo por receber graças para depois nestes momentos manter-me alegre, fiel, manter-me e saber qual é o propósito daquele trabalho e acho que sim, que atenua, porque tu vais saber dar a volta aos problemas. Há uma perspetiva muito católica que às vezes nos faz muita falta e esquecemo-nos com muita frequência que é a perspetiva de construir, de unir"* (E7). *Continuando neste raciocínio por exemplo, "coisas simples, vou maldisposta, tenho uma noite assim um bocadinho terrível, chego ao escritório, não me apetece falar com ninguém, não. Sei pela formação e, porque quero realmente santificar-me, que eu tenho de dizer «bom dia» com um sorriso*" (E10).

O próximo excerto engloba quatro testemunhos que se complementam no seu conteúdo e os quais transmitem, na prática, como é que a Obra e o espírito que vivem podem modificar o comportamento ou postura dessas pessoas:

> "*Houve muitos momentos em que eu entrei quase em slow motion, é tudo é tão caótico, que eu entrava em slow motion «Ok, e agora? E agora é a missa. Está tudo a cair e agora é a missa, pois, amanhã é outro dia»"* (E16). *Este modo de viver a vida ajuda*

> *os membros da Obra com a gerir as suas relações humanas, seja no trabalho ou em casa, "uma pessoa chega a casa depois de ir à missa e mesmo que aconteça qualquer coisa, a pessoa tem outra paciência, vê as coisas de outra maneira*" (E15), *porque esteve na "missa e já está, tudo é reposto". A visão santificadora do trabalho e da vida em geral oferece confiança e segurança à pessoa, a pessoa sabe que não está sozinha, que tem a presença de Deus para a auxiliar* (E13). *A missa diária é algo que ajuda nessa situação e que coloca a vivência do espírito da fé noutra dimensão, sem que isso tenha que ser visível às pessoas, desde que a própria pessoa sentir que tal foi "capaz de transformar o comportamento e o melhorar"* (E9).

Um fiel do Opus Dei, cingindo-se a um leque de boas práticas procurará ser o mais correto para com as outras pessoas, este não "faz grupos fechados, não favorece em detrimento de competências e de objetividade no campo profissional, é leal, procura viver as virtudes cristãs" (E3). Esse cenário também é visível nos negócios, pois as pessoas procuram estar rodeadas de pessoas honestas, "e sabendo que se trate de um católico praticante" (E6) torna-se mais fácil a ligação e relação de trabalho.

Considerações finais

No início desta investigação, subsistia uma completa inoperância e desconhecimento acerca dos conceitos e visão religiosa da instituição trabalhada e a sua aplicação à realidade social observada. O investigador toma conhecimento da única prelatura pessoal da Igreja como muitos outros agentes, fruto de um produto cinematográfico e escrito mediatizado e sob o qual muitas representações daí se instauraram na sociedade. A investigação foi conduzida sem nenhuma prerrogativa à priori estabelecida, sendo apenas dirigida a fim de responder a um conjunto de objetivos formulados com o intuito de melhor conhecer a Prelatura Pessoal do Opus Dei, numa abordagem sociológica do fenómeno da santificação do trabalho, contracenando os conhecimentos da sociologia da religião e os ideias de trabalho da instituição.

Como tal, foram pensados dois objetivos mais genéricos e quatro objetivos mais específicos, os quais irão ser agora retomados com o intuito de perceber se foram ou não alcançados e de que forma. Começando pelo primeiro objetivo geral, este consistia em enunciar as representações dos atores do Opus Dei sobre o lugar da Obra dentro do corpo da Igreja Católica. Para responder a este objetivo, é necessária sempre uma reflexão sociológica daquela que é a realidade social numa fase contemporânea, onde as sociedades vivem ritmos diferenciados face à religião. Retomando o pensamento de Dobbelaere (2004), a recolocação da religião no centro da vida social passava por uma secularização interna. Ao abrigo do trabalho de Linda Woodhead (2005), essa secularização interna é visível através do escrutínio que a autora faz e encontra as novas formas de viver o catolicismo no mundo moderno (ver tabela 2) em contraste com uma fase mais tradicional da História (ver tabela 1).

Woodhead identifica, portanto, a existência de alas mais liberais e carismáticas dentro do catolicismo, sem deixar de mencionar a ala mais tradicional, ainda presente da Igreja Católica. Ora, tendo em conta tais contributos e à semelhança do que foi percetível, de forma unidirecional em todas as entrevistas realizadas, o Opus Dei representa uma das inúmeras instituições que proliferaram dentro da Igreja Católica, posicionando-se mais numa ala tradicionalista do catolicismo.

Relativamente ao segundo objetivo geral, este passava por confrontar a ética protestante de Max Weber com o conceito de santificação do trabalho, aplicando-o à prática profissional dos membros do Opus Dei. Nesse sentido, a resolução a que esta investigação permitiu alcançar demostra uma similitude entre a ética de trabalho do Opus Dei e a ética protestante. A santificação do trabalho dentro do espírito do Opus Dei acontece derivando de três máximas, a santificação do próprio trabalho, a santificação do próprio no seu trabalho e a santificação dos outros no seu trabalho. Para um fiel do Opus Dei, a conotação que este impele a determinada ação é o caminho para se santificar através do trabalho, é como se estivesse noutra dimensão, sem deixar de estar em comunidade com os seus pares. Essa visão é, de facto, observável e constatada pelo comportamento efetivo dos mesmos e pela sua aplicação com base numa ética de trabalho muito similar à defendida segundo uma análise weberiana da ética protestante, onde o trabalho é feito ara honra e glória de Deus.

Relativamente aos objetivos específicos, o primeiro emana da compreensão dos princípios do Opus Dei no quotidiano dos seus associados, nomeadamente, no seu contexto familiar. A resposta a este ponto entronca na questão de o Opus Dei ser uma instituição ao serviço da Igreja. Quer isto dizer, que a presença do Opus Dei no dia a dia dos indivíduos coloca, por inerência, a presença dos valores cristãos e católicos também nessa equação, indo ao encontro da função social que logo no início desta dissertação se concertava ao catolicismo. Por conseguinte, no decurso do seu dia, são vários os momentos em que as pessoas dedicam a sua atenção e o seu tempo para viver a fé, inseridos num plano de vida individual, que todos os membros do Opus Dei têm, sejam eles numerários, supranumerários ou agregados.

Esse plano de vida não representa uma espécie de contrato normativo sob a conduta a ter, mas sim um guia, que auxilia o individuo a aproximar a sua vida corrente de Deus e dos valores cristãos. O mesmo contempla uma frequência diária à missa, tempos de oração, tempos de leitura espiritual, e a procura de viver santamente, seja no trabalho, na família, ou noutro contexto qualquer. À semelhança do som “bip” que decorre de passar, por exemplo, um cartão do ponto no trabalho, a expressão “já está”, largas vezes utilizada pelos entrevistados após a menção a um momento de oração,

ajuda a compreender o significado que estes conferem à sua crença. O tempo dedicado à oração e à sua relação interior com Deus é seguida por um sentimento de preenchimento, de realização. Sendo o espírito do Opus Dei vivido na plenitude do seu quotidiano, o próprio contexto familiar será um espaço onde os indivíduos tenderão também a evidenciar a sua crença, procurando viver a sua vocação junto dos seus familiares mais próximos, os filhos, a mulher ou o marido no caso dos supranumerários, e dos restantes numerários, para os que se encontram nesta condição. Quer isso dizer que, a santificação do trabalho ocorre, de igual forma, no desempenho da sua atividade profissional, como decorre a realizar as tarefas em casa.

Sendo este um trabalho investigação no âmbito da sociologia, a enunciação dos perfis profissionais de alguns membros do Opus Dei constitui-se também como um dos objetivos propostos. A amostra de dezasseis entrevistados contempla vários setores de atividade, destacando-se dois setores em particular, o setor da saúde, com a inclusão de quatro participantes, duas médicas, uma enfermeira e uma diretora de um grupo farmacêutico e o setor da educação, com três participantes, dois professores e uma auxiliar de educação. O setor bancário está também ele representado com o testemunho de um antigo membro ligado à Administração e Presidência de um banco, assim como o ramo empresarial, com um engenheiro zootécnico, uma economista, um empresário agrícola, uma gestora na área das seguradoras e um diretor-geral de uma SAD de futebol. Destaque para outros três testemunhos, de uma administradora numa empresa ligada ao setor da administração interna, um antigo profissional ligado à gestão de recursos humanos e de um sacerdote. Como é possível aferir, a amostra populacional da presente investigação é diversificada do ponto de vista profissional, aspeto que potencia uma análise e visão mais ampla de como se incorporam os valores do Opus Dei em diferentes profissões e setores de atividade. Portanto, este objetivo foi, largamente, alcançado, apresentando esta dissertação um conjunto de perfis profissionais, que não oferecem um conhecimento direto acerca da Prelatura Pessoal, mas que ajudam a compor a sua amostra na sociedade civil.

Outro dos objetivos formulados, tinha haver com a existência de um eventual traço sectário do Opus Dei e fazendo a mesma análise tendo em vista a conceção

weberiana de seita. Então, o Opus Dei quando surge, em 1928 surge como algo novo, fruto de uma vocação para a qual S. Josemaria fora chamado e onde os primeiros anos representaram uma evolução discreta. Segundo Weber (2018), as seitas surgem, primeiramente, em ambiente católico e o seu consequente desenvolvimento e maturação vão distanciando o grupo desse ambiente do qual emergira. Ora, o Opus Dei procurou o seu espaço, mas sempre num ambiente e sob a esfera católica. Outro argumento que Weber traça para caracterizar as seitas é o seu fechamento grupal, que no Opus Dei, como em qualquer outra instituição é revestida por valores e uma ação social ou religiosa específica no que à sua atuação diz respeito, mas que tendo por detrás uma vocação universal, à qual todos os batizados se encontram aptos a vivê-la esta permanece disponível para os receber. Este aspeto é fundamental para compreender o espírito e aquilo que é o Opus Dei, uma instituição católica, mas ao mesmo tempo universal, o que a torna complexa de compreender.

Analisando um dado que ajuda a compreender esta situação de dúvida ou descrença que por vezes que possa existir perante a organização do Opus Dei prende-se com a sua própria existência. Isto é, apesar de estar a escassos meses de completar 92 anos de existência, próxima de se tornar uma instituição centenária, mais de metade da sua existência foi vivida na procura de uma definição tal como a conhecemos, atualmente. Então, analisando à luz dos dados, o Opus Dei nasce em 1928, mas apenas em 1982 se torna Prelatura Pessoal, altura em que viu os seus estatutos canónicos serem reconhecimentos pela Santa Sé. Mas, neste período, foram 54 anos em que o Opus Dei, enquanto organização, se foi sedimentando, primeiramente como Pia União, depois instituto secular, até chegar a Pretura Pessoal. Desde 1982, são «apenas» 37 anos do Opus Dei como Prelatura Pessoal, o que recoloca a Obra como uma instituição recente, apesar de não o ser. Ao abordar os primeiros tempos da instituição, tem de ser tido em conta o contexto muito específico que a Espanha, país onde nasce, vivia, com um total descrédito a declínio da religião no país e com uma série de perseguições efetuadas a membros do clero. Tal contexto, resignou os primeiros anos do Opus Dei, a anos de paciência e de recato, pela segurança dos seus membros. Então, por tudo aquilo que foi enunciado, e segundo uma perspetiva sociológica, revestida pelo contexto sociopolítico

marcado durante grande parte do século XX, esta investigação nega a existência de traços sectários no Opus Dei. Não obstante, alguns pontos aqui analisados ajudam a compreender, possíveis representações que possam subsistir na sociedade. Em relação a este facto, a disseminação de informação relativa à organização encontra-se disponibilizada nos seus meios próprios e de acesso livre, mas ainda escassa para um melhor conhecimento da mesma. O investigador sentiu essa mesma limitação, deixando aqui a nota, quando procurava informações relativas ao Opus Dei em Portugal.

Por último, mas não menos importante, outro objetivo passava por esclarecer eventuais semelhanças ou dissonâncias entre os cristãos protestantes e os ideias do Opus Dei. Neste ponto, não estava subjacente as origens ou convicções, quer de católicos, no caso dos fiéis do Opus Dei, quer de protestantes. O importante a retirar seria a existência de uma eventual convergência desses grupos na questão específica da ética de trabalho. Ora, tal comparação já fora efetuada através da contraposição entre o Opus Dei e a ética protestante de Max Weber. O protestantismo representa uma forma de viver o cristianismo, assim como o é o catolicismo romano, pelo que a existência de pontos em comum é notória, nomeadamente, para a prossecução de um trabalho para a honra e glória de Deus, ideal patente em todos os cristãos. Com isso, não se pretende promover a Obra como possível seita protestante, apenas discutir e elencar a similitude com a ética protestante na questão específica do trabalho.

O estudo do Opus Dei realçou uma aproximação aos primeiros cristãos, mas onde a sua importância e utilidade social não pode ser descartada. Entre uma precariedade do mundo do trabalho, e a crise de vocações na Igreja, a Prelatura Pessoal do Opus Dei é uma instituição que pode ajudar na resolução destes problemas sociais, pois assim como os seus membros, uns clérigos, outros leigos, também a própria instituição deambula entre o espaço religioso e o espaço social. Os objetivos a que o investigador propôs analisar no decurso desta jornada de trabalho foram respondidos, deixando aqui apresentada uma forma de viver a vocação cristã no meio do mundo.

Referências bibliográficas

ANTUNES, José Freire – **Opus Dei em Portugal: O testemunho de 50 homens e mulheres**. 1. ª ed. França: Edeline, 2002. ISBN 2-9518506-1-1.

ANTUNES, Rui Pedro – **Opus Dei: Eles estão no meio de nós**. 1.ª ed. Lisboa: Matéria-Prima Edições, 2016. ISBN 978-989-075-4.

AZEVEDO, Hugo de – Primeiras viagens de S. Josemaría a Portugal. **Studia et Documenta**. ISSN 1970-4879. Vol. 1 (2007), p.15-39.

AZEVEDO, Hugo de – Opus Dei (Prelatura da Santa Cruz e). In **DICIONÁRIO de história religiosa de Portugal**. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, vol.3: J-P, p.323-325.

BACELAR, Sérgio – A abordagem quantitativa da amostragem. **Amostragem em ciências sociais** (1999).

BARBALET, Jack – Magic and Reformation Calvinism in Max Weber's sociology. **European Journal of social theory**. Vol. 21, n. º4 (2018), p.470-487.

BARDIN, Laurence – **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011. ISBN 978-972-44-1506-2.

BERGER, Peter L. – **The many altars of modernity: toward a paradigm for religion in a pluralist age**. Boston: Walter de Gruyter, 2014. ISBN 978-1-61451-750-4.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas – **A construção social da realidade: um tratado da sociologia do conhecimento**. 3ª ed. Lisboa: Dinalivro, 2010. ISBN 978-972-576-570-8.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas – **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2003. ISBN 85-326-2949-0.

BROWN, Dan – **O Código Da Vinci**. Lisboa: Bertrand Editora, 2003. ISBN 978-972-25-2606-7.

CHAMPION, Françoise – Religiosidade flutuante, eclectismo e sincretismos. In DELUMEAU, Jean, org. – **As grandes religiões do mundo**. 1. ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1997. ISBN 972-23-2241-9. p. 705-734.

COSTA, António Firmino da – **Sociologia**. 6ª. ed. Lisboa: Quimera Editores, 2009. ISBN 978.

COSTA, Joaquim – **Sociologia dos Novos Movimentos Eclesiais: Focolares, Carismáticos e Neocatecumenais em Braga**. Porto: Edições Afrontamento, 2006. ISBN 978-972-36-0838-0.

CRUZ, Manuel Braga da – **O Estado Novo e a Igreja Católica**. 1.ª ed. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1998. ISBN 972-53-0038-6.

ENTREVISTAS a S. Josemaria. Lisboa: Alêtheia Editores, 2019. ISBN 978.989-890-630-4.

ESCRIVÁ, Josemaria – **Caminho**. 23. ª ed. Damaia: Encontro da Escrita, 2016. ISBN 978-989-8773-12-8.

FILHO, Alexandre Antosz – Com os braços abertos a todos. A visita de São Josemaria Escrivá ao Brasil. **Studia et Documenta**. ISSN 1970-4879. Vol. 11 (2017), p.65-99.

DOBBELAERE, Karel – **Secularization: an analysis at three levels**. 2ª ed. Brussels: Peter Lang, 2004. ISBN 90-5201-985-1.

DURKHEIM, Émile – **Professional ethics and civic morals**. London: Routledge & Kegan Paul, 1987.

FERNANDES, António Teixeira – **Émile Durkheim: 1858-1917: o homem e a obra**. Porto: Estratégias Criativas, 2008. ISBN 978-972-8257-69-9.

FONTES, Paulo Fernando de Oliveira – **Elites católicas em Portugal: o papel da acção católica (1940-1961)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011 (Textos universitários de ciências sociais e humanas). ISBN: 978-972-31-1366-2.

FULTON, John – Modernity and Religious Change in Western Roman Catholicism: Two Contrasting Paradigms. **Social Compass**. ISSN 0037-7686. Vol. 44, n. º 1 (1997), p.115-129.

GIDDENS, Anthony – **Sociologia**. 9. ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. ISBN 978-972-31-1503-1.

GUERRA, Isabel Carvalho – **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso**. 1ª Edição. Estoril: Princípia, 2006.

HERVIEU-LÉGER, Danièle – **Le pèlerin et le converti: la religion en mouvement**. Paris: Flammarion, 1999.

HUTCHISON, Robert – **O Mundo Secreto do Opus Dei**. Lisboa: Prefácio, 1997. ISBN 972-8563-41-8.

KVALE, Steinar – **Interviews: na Introduction to Qualitative research interviewing**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1996. ISBN 0-8039-5820-X.

MONCADA, Alberto – **La Cuarta Planta**. El Siglo. N. º 605 (2004).

MOTTA, Roberto – Max Weber´s Vocation: Some Remarks Concerning the Disenchantment of the Disenchanter. **Social Compass**. ISSN 0037-7686. Vol. 58, n. º2 (2011), p.153-161.

PINOTTI, Ferruccio – **Opus Dei Secreta**. 1ª. ed. Porto: Campo das Letras, 2008. ISBN 978-989-625-273-1.

RAMOS, Gerardo Pastor – **Tributo al Cesar: Sociologia de la Religion**. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1992.

RHONHEIMER, Martin – **Transformación del mundo. La actualidad del Opus Dei**. Madrid: Ediciones Rialp, 2006. ISBN 84-321-3609-3.

RODRIGUES, Donizete – **Sociologia da Religião: Uma Introdução**. Porto: Edições Afrontamento, 2007. ISBN 978-972-36-0910-3.

ROGUES, Jean – O Catolicismo. In DELUMEAU, Jean, org. – **As grandes religiões do mundo**. 1. ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1997. ISBN 972-23-2241-9. p. 127-146.

SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira – **Metodologia das ciências sociais**. 4ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

SILVA, Marcio Fernandes da – **Educar para a submissão – O caso Opus Dei**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2009. Tese de mestrado em Educação.

TAPIA, María del Carmen – **Do lado de dentro – uma vida na Opus Dei**. Portugal: Publicações Europa-América, 1993. ISBN 972-1-03610-2.

TEIXEIRA, Alfredo – **Religião na sociedade portuguesa**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019. ISBN 978-989-8943-38-5.

VÁSQUEZ DE PRADA, Andrés – **El fundador del Opus Dei: vida de Josémaria Escrivá de Balaguer**. Madrid: Ediciones Rialp, 2003. Vol. 3: Los caminos divinos de la tierra. Madrid: Ediciones Rialp, 2003.

VÁSQUEZ DE PRADA, Andrés – **Josemaría Escrivá**. Lisboa: Verbo, 2002. Vol. 1: Senhor, que eu veja. ISBN 972-22-2116-7.

VILAÇA, Helena Carlota Ribeiro – **Da Torre de Babel às terras prometidas: estratégias sociológicas para o estudo do pluralismo religioso na sociedade portuguesa**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003. Tese de doutoramento em sociologia.

VILAÇA, Helena; OLIVEIRA, Maria João – **A religião no Espaço Público Português**. 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019. ISBN 978-972-27-2755-6.

VILARIÑO, José Pérez – The Catholic Commitment and Spanish Civil Society. **Social Compass**. ISSN 0037-7686. Vol. 44, n. º4 (1997), p.595-610.

VOYÉ, Liliane; DOBBELAERE, Karel – Roman Catholicism: Universalism at stake. In CIPRIANI, Roberto, ed. – **"Religions sans frontiers?", Present and future trends of migration, culture, and communication**. Rome: Presidenza del Consiglio Dei Ministri, Dipartimento per L´Informatione e L´Editoria, 1994, p.83-113.

WEBER, Max – **The Protestant Ethic and the spirit of capitalism**. London: HarperCollins, 1991.

WEBER, Max; LOADER, Colin – "Churches" and "sects" in North America: An Ecclesiastical Socio-Political Sketch. **Sociological Theory**. Vol. 3, n. º1 (1985), p.7-13.

WEBER, Max – **A Ética Protestante e o espírito do capitalismo**. 11.ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2018. ISBN 978-972-23-5643-5.

WILSON, Bryan R. – **Religions in secular society**. Pelican Book, 1966.

WOODHEAD, Linda; FLETCHER, Paul; KAWANAMI, Hiroko; SMITH, David – **Religions in the modern world**. London: Routledge, 2005. ISBN 0-203-39940-4 (Adobe eReader format).

Documentos da Prelatura Pessoal do Opus Dei consultados

BYRNE, Andrew - **Santificação do Trabalho Quotidiano**. Lisboa: Edições Prumo, 1984.

CHIRINOS, Maria Pia – Antropología y trabajos. Hacia una fundamentación filosófica de los trabajos manuales y domésticos. **Cuadernos de Anuario Filosófico**. N.º 157 (2002).

CHIRINOS, Maria Pia – Una propuesta filosófica para la santificación del trabajo: el "negocio contemplativo". **Romana: Boletín de la Prelatura del Opus Dei** [Em linha]. Nº. 45 (2007), p. 342-357. [Consult. 02 out. 2019]. Disponível em https://en.romana.org/archive/.

CIFUENTES, Carlos Llano – Ética profesional y santificación del trabajo. Romana: **Boletín de la Prelatura del Opus Dei** [Em linha]. N.º 38 (2004), p.112-129. [Consult. 02 out. 2019]. Disponível em https://en.romana.org/archive/.

GAS AIXENDRI, Montserrat – Voz: «Cooperadores del Opus Dei». **Dicionário de San Josemaría Escrivá de Balaguer**. 1.ª ed. Burgos: Monte Carmelo – Instituto Histórico Josemaria Escrivá, 2013, p.277-279. ISBN 9788483535585.

GONZÁLEZ-AYESTA, Cruz – El trabajo como una Misa. **Romana: Boletín de la Prelatura del Opus Dei** [Em linha]. N.º 50 (2010), p.192-206. [Consult. 02 out. 2019]. Disponível em https://en.romana.org/archive/.

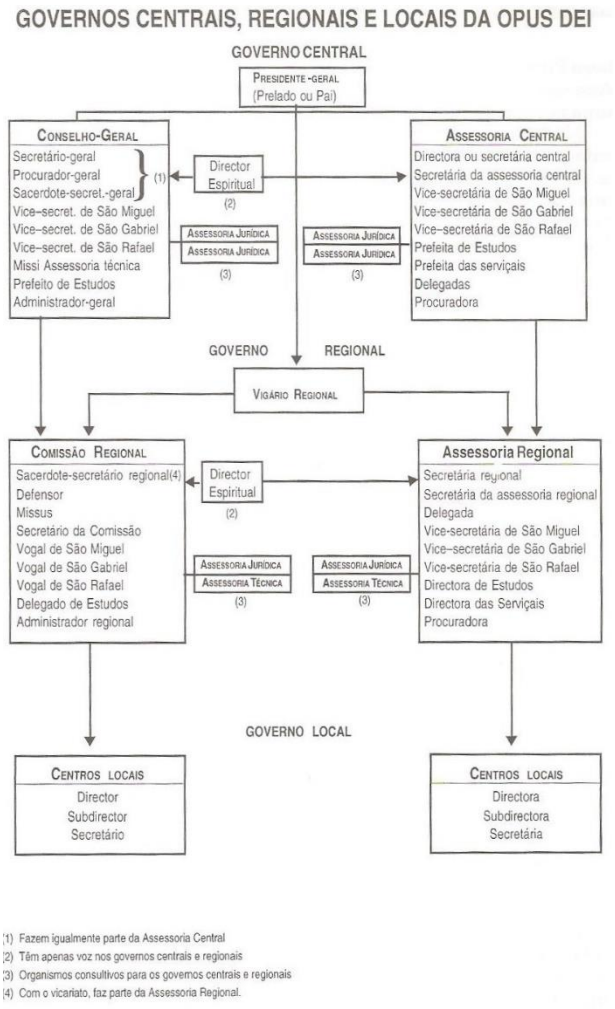
HARMAN, Paul – **Perguntas & Respostas sobre o Opus Dei**. Lisboa: Gabinete de Comunicação do Opus Dei em Portugal, 2016.

ILLANES, José Luis – **A santificação do trabalho**. São Paulo: Edições Quadrante, 1982.

MÜLLER, Beat – **Dados informativos sobre a Prelatura do Opus Dei**. Lisboa: Gabinete de Informação da Prelatura do Opus Dei em Portugal, 2004.

Anexos

Anexo 1 – Estrutura do Opus Dei



Fonte: (Tapia, 1993, p.231)

Anexo 2 – Excerto da entrevista a Monsenhor António Barbosa



ENTREVISTA

Monsenhor António Barbosa

'Maçonaria e catolicismo são inconciliáveis'

O líder do Opus Dei em Portugal rejeita a acusação de que dirige uma organização secreta e poderosa

MANUEL VILAS-BOAS

Veste *clergyman* negro, como os outros 2 mil padres do Opus Dei, espalhados por mais de 60 países. Nota denunciadora do conservadorismo dos herdeiros de Balaguer, feitos falange do Papa, exímios defensores da tradição e da doutrina católicas. Mantidos também entre nós em reserva, apesar do esplendor da sede, no Paço do Lumiar, comprada à família Espírito Santo, os membros do Opus Dei fazem apostolado pela santidade, na banca e nos

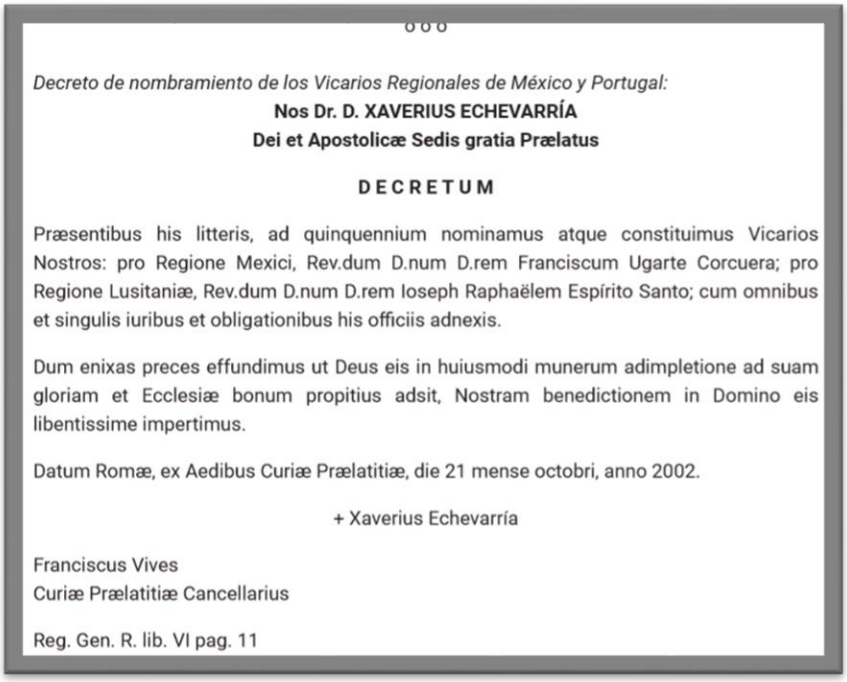
VISÃO: Que comportamentos assume o Opus Dei para que muitos sectores, incluindo católicos, o identifiquem como sociedade secreta?

MONS. ANTÓNIO BARBOSA: Não temos nada a ver com essa condição, porque, sendo o Opus Dei uma estrutura eclesial, não é compaginável com uma situação de secretismo. Nem individualmente nem colectivamente, as pessoas do Opus Dei fazem qualquer segredo das suas actividades e iniciativas.

António Adolfo Barbosa e Silva nasceu há 65 anos, na Mouraria, em Lisboa. Estudante no Externato Portugália, foi «caçado» em 1955 para o Opus Dei, quando frequentava já o primeiro ano de Medicina. Oito anos depois, é ordenado padre, em Madrid, após licenciatura em Direito Canónico, em Roma, e Jornalismo, em Pamplona. Em alternância com o padre Jorge Margarido Correia, governa, em Portugal, desde 1971, o Opus Dei. O *footing*, o FC Porto, a leitura e a Bíblia Sagrada, ainda antes de *O Caminho*,

Fonte: Revista VISÂO, edição de 26 de setembro de 2002.

Anexo 3 – Decreto da nomeação de Monsenhor José Rafael Espírito Santo como Vigário Regional de Portugal



Decreto de nombramiento de los Vicarios Regionales de México y Portugal:

Nos Dr. D. XAVERIUS ECHEVARRÍA
Dei et Apostolicæ Sedis gratia Prælatus

DECRETUM

Præsentibus his litteris, ad quinquennium nominamus atque constituimus Vicarios Nostros: pro Regione Mexici, Rev.dum D.num D.rem Franciscum Ugarte Corcuera; pro Regione Lusitaniæ, Rev.dum D.num D.rem Ioseph Raphaëlem Espírito Santo; cum omnibus et singulis iuribus et obligationibus his officiis adnexis.

Dum enixas preces effundimus ut Deus eis in huiusmodi munerum adimpletione ad suam gloriam et Ecclesiæ bonum propitius adsit, Nostram benedictionem in Domino eis libentissime impertimus.

Datum Romæ, ex Aedibus Curiæ Prælatitiæ, die 21 mense octobri, anno 2002.

+ Xaverius Echevarría

Franciscus Vives
Curiæ Prælatitiæ Cancellarius

Reg. Gen. R. lib. VI pag. 11

Fonte: https://es.romana.org/35/algunos-decretos/algunos-decretos/

Anexo 4 - Guião de entrevista semiestrutura exploratória

Entrevistado: José

Entrevistador: Rúben Miguel Elias Tomé

Data: 16/09/2020

Hora: 10H30

Duração: 1h55m

Local:

I. Caracterização sociodemográfica

1. Idade:

2. Naturalidade:
3. Profissão:
4. Percurso académico:
5. Cargo que desempenha na organização?
6. Como foi o percurso até este cargo?
7. Vem de uma família católica? Quais eram as práticas dos seus pais?

II. <u>Opus Dei enquanto organização</u>

8. O Opus Dei nasce em 1928, mas apenas em 1982 se torna Prelatura Pessoal. Gostava de ouvir o seu comentário e análise ao Opus Dei até aos dias de hoje.
9. Considera o II Concílio do Vaticano (1962-1965) um acontecimento importante no caminho para a definição do Opus Dei enquanto Prelatura Pessoal?
10. As raízes do Opus Dei são associadas ao franquismo e a um certo catolicismo de direita. Concorda com essas perspetivas?
11. Em que medida o regime do Estado Novo influenciou a inserção do Opus Dei em Portugal?
12. Em relação aos membros do Opus Dei, podia esclarecer-nos as funções e o próprio perfil associado aos diversos tipos de designação, assim como, os critérios utilizados?
13. É possível ver o documento bula papal "Ut Sit" (Papa João Paulo II), que confere oficialmente ao Opus Dei a denominação de prelatura pessoal?
14. É frequente surgirem teorias conspiratórias acerca do Opus Dei. Como é que essas notícias são recebidas e tratadas internamente?
15. Como define a relação entre a prelatura e o papa Francisco?

III. Opus Dei em Portugal

16. A entrada do Opus Dei em Portugal teve uma história por detrás. Poderia contar-nos o episódio entre a irmã Lúcia e o beato Josemaria?
17. O Opus Dei chega a Portugal em 1945, ainda como União Pia. Como foram os primeiros anos em Portugal?
18. Coimbra, conhecida como a cidade dos estudantes, foi importante para a fixação do Opus Dei em Portugal?
19. Qual a importância do Clube Darca? Que outros exemplos têm no norte do país?
20. Cada vez mais, discute-se temas como a igualdade de género dentro da Igreja Católica. Sendo a mulher, um elemento central para a Opus Dei, como projetaria o seu papel nas próximas décadas?
21. O Opus dei continua a querer apostar no ensino? A prelatura considera que o ensino público não se adequa aos valores que querem transmitir?
22. Em 2002, foi publicado um livro com o testemunho de 50 homens e mulheres afetos ao Opus Dei. Se hoje fosse realizada uma nova edição que nomes poderíamos ter nesse livro?
23. Esse livro de José Freire Antunes, rompe com a imagem de que o Opus Dei é só para ricos, tendo individualidades de diversas áreas profissionais e das mais variadas posições sociais. Considera que esse ainda é um estigma presente na atualidade?

IV. Questões relacionadas com o trabalho

24. No cristianismo protestante, há uma ética de trabalho, este é feito para a honra e glória de Deus. Nesse sentido, podemos colocar a visão do Opus Dei próxima do ideal protestante? Como é transmitido esse ideal?
25. A santificação do trabalho é das ideias mais centrais da Opus Dei. Pode explicar-nos o trabalho levado a cabo pelos membros para que essa santificação seja alcançada?
26. Sendo uma organização mais tradicional, como se incorpora o Opus Dei numa sociedade moderna contemporânea, cada vez mais global e pluralista, onde o

trabalho cada vez mais obedece a lógicas de capitalismo desorganizado, caótico e precário?

V. Questões relacionadas com o espiritual

27. Vê o ritmo acelerado que se vive, atualmente, como um entrave à vivência da fé no Opus Dei?
28. O que é expectável de um membro do Opus Dei? Espera-se o mesmo de um jovem ou de uma mulher?
29. O Opus Dei incentiva o culto de uma prática familiar? As famílias rezam em conjunto?
30. Quais os projetos do Opus Dei para a revitalização do catolicismo português?

Anexo 5 – Guião de entrevista semiestruturado aplicado

Formulário de consentimento informado
Investigação no âmbito do Mestrado em Sociologia

Autor: Rúben Miguel Elias Tomé

O atual trabalho de investigação, intitulado "**A religião e o trabalho: o caso do Opus Dei**", insere-se num estudo que decorre no âmbito do Mestrado em Sociologia e tem como principal objetivo analisar sociologicamente, um dos aspetos centrais do Opus Dei, o trabalho e a ética nele implícita. Neste sentido:

- Este estudo não lhe trará nenhuma despesa ou risco;
- As informações recolhidas serão utilizadas somente para fins académicos, sendo que todas as informações serão confidenciais e anónimas;
- A entrevista será gravada;
- A participação neste estudo é voluntária e pode retirar-se a qualquer altura, ou recusar participar, sem que tal facto tenha consequências para si.

Depois de ler as explicações acima referidas, declaro que aceito participar nesta investigação.

Assinatura: _____ Data: _____

Entrevistado:

Entrevistador: Rúben Miguel Elias Tomé

Data:

Hora:

Duração:

Local:

I. **Caracterização sociodemográfica –** Começamos com um conjunto de questões estritamente sociodemográficas.

1. Idade;
2. Naturalidade;
3. Habilitações académicas;
4. Situação pessoal dentro do Opus Dei;

II. **Questões genéricas sobre o Opus Dei –** Entramos agora num conjunto de questões acerca da Prelatura.

5. Quando falamos do Opus Dei onde o situamos dentro do Catolicismo?

6. Considera que a mensagem da Igreja Católica coincide com a mensagem do Opus Dei?
7. Enquanto fiel, como lida com as representações que os outros têm acerca do Opus Dei?
8. Em 2002, José Freire Antunes publicou um livro que rompe com a imagem de que o Opus Dei é só para ricos, tendo individualidades das mais variadas áreas profissionais e classes socais. Considera que esse ainda é um estigma presente na atualidade?

III. **Atividade profissional –** Sendo o principal objetivo desta investigação, temos agora algumas questões sobre o seu contexto profissional.

9. Qual a sua profissão?
10. Das seguintes opções, qual a que se adequa à sua situação na profissão? Patrão, trabalhador por conta própria, trabalhador familiar não remunerado, trabalhador por conta de outrem ou membro ativo de cooperativa de produção?
11. A santificação do trabalho é das ideias mais centrais do Opus Dei. Como é alcançada essa santificação no desempenho da sua função?
12. Vivemos numa sociedade moderna contemporânea, cada vez mais global e pluralista, onde o trabalho cada vez mais obedece a lógicas de capitalismo desorganizado, caótico e precário. Como concilia os valores e ensinamentos do Opus Dei perante tal contexto?
13. No cristianismo protestante, principalmente calvinista, há uma ética de trabalho, este é feito para a honra e glória de Deus. Nesse sentido, podemos colocar a visão do Opus Dei próxima do ideal protestante? Como é transmitido esse ideal?
14. Como avalia a relação com a sua chefia e os seus colegas? Sente que em alguns momentos a visão santificadora que o trabalho pode ter atenua algum dissabor?
15. Entende que a sua fé e postura marcam a diferença no local de trabalho? Em que sentido?
16. Encarando o seu trabalho como uma vocação sente-se satisfeito e realizado com a sua atividade profissional?

IV. **Práticas religiosas diárias –** O nosso dia não engloba apenas o trabalho. Gostaria de ouvir um pouco acerca das suas práticas religiosas.

17. Quais as rotinas que um membro do Opus Dei deve ter?
18. Espera-se a mesma entrega de todos os fiéis do Opus Dei, independentemente da sua idade, género ou disponibilidade?
19. Vê o ritmo acelerado que se vive, atualmente, como um entrave à vivência da fé no Opus Dei?

V. **Contexto familiar –** Por último, temos um bloco de questões sobre a sua experiência em contexto familiar.

20. Qual a profissão do seu cônjuge?
21. Das seguintes opções, qual a que se adequa à situação na profissão do seu cônjuge? Patrão, trabalhador por conta própria, trabalhador familiar não remunerado, trabalhador por conta de outrem ou membro ativo de cooperativa de produção?
22. Têm filhos? Quantos?
23. O Opus Dei incentiva o culto de uma prática familiar?
24. Quando nasceu, alguém da sua família já estava dentro da Obra ou entrou mais tarde?

Anexo 6 – Grelha de análise das entrevistas

			E1	E2	…
I. Questões identitárias	1) Caracterização sociodemográfica	a. Idade			
		b. Residência			
		c. Habilitações académicas			
		d. Profissão			
	2) Representações do Opus Dei	e. Mensagem do Opus Dei e Mensagem da Igreja Católica			
		f. Representações sociais identificadas			
	3) Entrada no Opus Dei	g. Familiares no Opus Dei			
		h. 1.º contacto			
	4) Dentro do Opus Dei	i. Situação pessoal			
		j. Disponibilidade			
II. A santidade no quotidiano	5) Caminho individual	k. Fazer escolhas ou adaptações			
	6) Expectativas	l. Diferenciação			
		m. Equidade			
	7) Contexto familiar	n. Prática religiosa em família			
		o. Filhos na Obra			
III. Santificação do trabalho	8) Definição subjetiva				
	9) Relação com protestantismo	p. Perceção da ética de trabalho			
		q. Cruzamento entre éticas (Opus Dei e protestantismo)			
	10) Relações humanas	r. Colegas de trabalho			
		s. Chefia ou empregados			